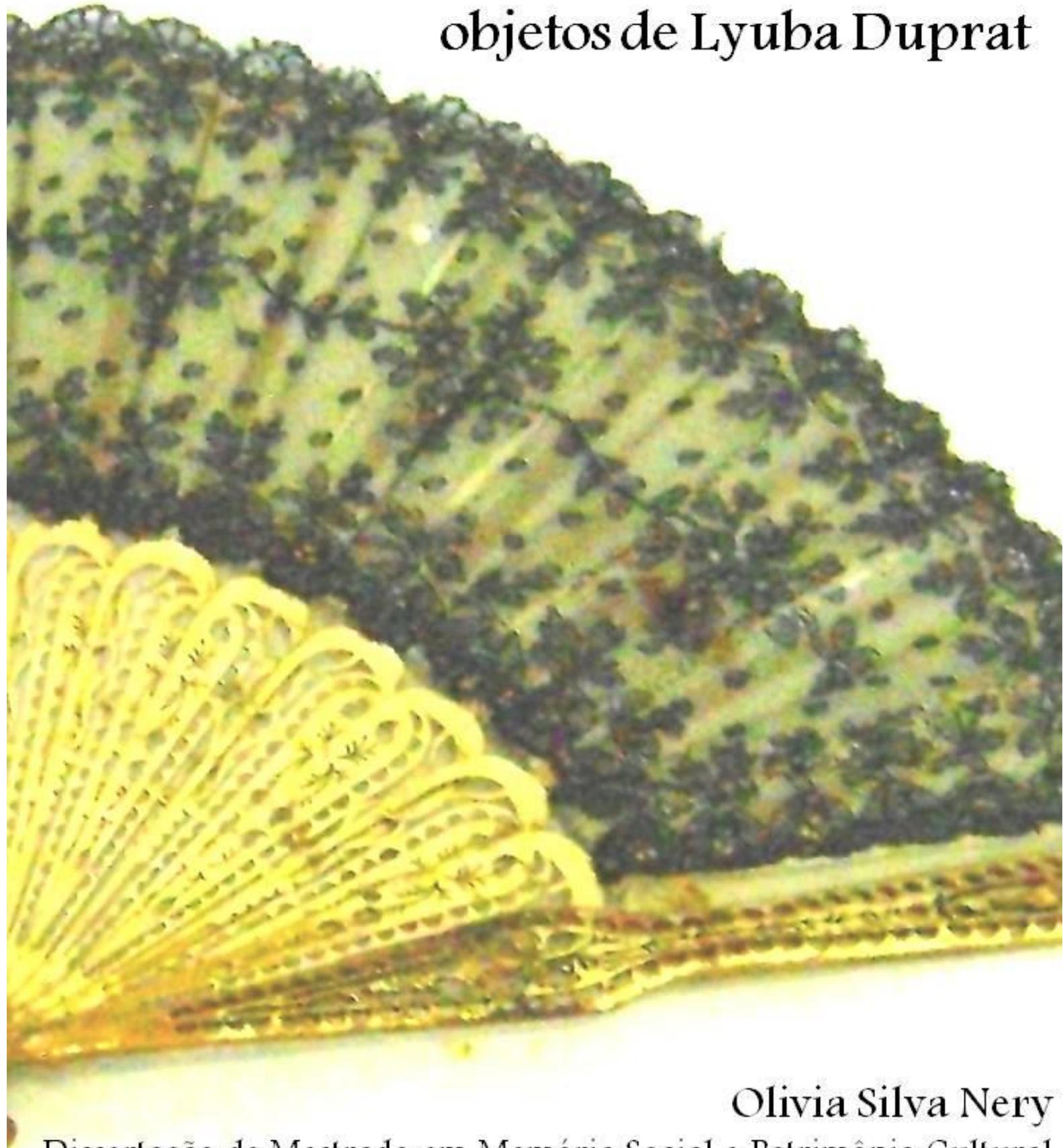


A invisibilidade na  
materialidade:  
As pontes de memória nos  
objetos de Lyuba Duprat



Olivia Silva Nery

Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Universidade Federal de Pelotas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO  
CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos  
de Lyuba Duprat

OLIVIA SILVA NERY

Pelotas  
2015.

OLIVIA SILVA NERY

A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba  
Duprat

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Sanchez

Pelotas

2015.

**Dados de Catalogação na Publicação:**  
**Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB-10/1733**

N456i Nery, Olivia Silva

A invisibilidade na materialidade : as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat / Olivia Silva ; Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, orientadora ; Pedro Sanches, coorientador. – Pelotas, 2015.

202 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Memorial Social e Patrimônio) – Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memorial Social e Patrimônio, 2015

1. Objetos 2. Memória 3. Lyuba Duprat I. Ferreira, Maria Leticia Mazzucchi, orient. II. Sanches, Pedro, coorient. III. Título.

CDD 363.69

OLIVIA SILVA NERY

A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat

Dissertação aprovada como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 31/03/2015

**Banca Examinadora:**

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira Professora Doutora (Orientadora) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Diego Lemos Ribeiro Professor Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo.

Nubia Tourrucô Jacques Hanciau Professora Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Agradecimentos

Inicialmente, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Pelotas, instituição pública e federal de qualidade, que me acolheu durante esses dois anos de curso. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e a todos os professores vinculados ao PPG que mostram, na qualidade do seu corpo docente e discente, como o mundo científico pode trabalhar de forma interdisciplinar.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida a mim, que possibilitou desenvolver esta pesquisa e meus deveres como estudante de pós-graduação e pesquisadora com mais tranquilidade.

Agradeço imensamente à minha querida orientadora prof.<sup>a</sup> Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, que desde o início me apoiou, esteve presente em todos os momentos e me ensinou muito mais do que teorias, conceitos e aprendizados da vida acadêmica. Mostrou-me como os professores universitários devem visar sempre à qualidade do ensino, possibilitando o diálogo entre professores e alunos e incentivando os estudantes a conquistar um mundo mais justo.

Agradeço também às professoras Carla Gastaud e Juliane Serres pelas contribuições na minha banca de qualificação.

Um obrigada muito especial para Berenice Avancini, Cleusa Almeida, Flavio Hanciau, Nubia Hanciau, Regina Carmem, Ricardo Soler e Tabajara Almeida, meus entrevistados, sem os quais essa pesquisa não seria possível, que me receberam sempre carinhosamente em suas casas e locais de trabalho, dedicando um precioso tempo ao darem seus depoimentos e compartilharem lembranças sobre sua professora. Agradeço também aos 21 egressos do curso de Francês da FURG que auxiliaram nessa pesquisa.

Obrigada a Marisa Beal e toda sua equipe do Museu da Cidade do Rio Grande. Obrigada à Kelley Duarte e Camila Martins, pela disponibilidade na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat. Obrigada à Gianne Atallah em nome da Fototeca Municipal Ricardo Giovanini e também aos funcionários da secretaria do ILA: Rosaura, Ricardo e Karina.

Agradeço à minha família, toda ela, meus pais Luiz Eduardo e Roseli, grandes exemplos pra mim, que me mostraram desde pequena como é linda e

árdua a vida de professor universitário e acima de tudo me ensinaram a fazer aquilo que amamos, apesar das dificuldades da vida. À minha irmã Thais que é minha grande parceira da vida, que carrega em nossa relação a complexidade da palavra irmã. À minha avó Neuza que mesmo estando longe, está sempre presente nas nossas vidas, sempre nos ensinando sobre tudo.

Agradeço especialmente ao meu namorado Diego, que esteve comigo nos momentos bons e ruins dessa trajetória e luta da vida acadêmica. Que nas horas de angústia e noites mal dormidas sempre teve a melhor palavra e o melhor abraço para me acalmar e incentivar. Agradeço ainda ao meu cunhado Danilo, pelo grande amigo e irmão que é. Aos meus amigos Jordana e Matheus. Aos meus dindos, tios, primos e afilhadas que fazem da nossa família a melhor família de todas. E de alguma forma gostaria de agradecer aos meus avós Almiro, Márcio e Lazineira, que me olham lá de cima – esse trabalho também é para vocês que estão sempre presentes na minha vida e memória.

Agradeço às minhas queridas e aos meus queridos colegas, que fizeram as nossas aulas, estudos e leituras de textos serem mais leves e ao mesmo tempo mais gratificantes, sempre disponibilizando uma troca de experiência que tenho certeza que enriqueceu a trajetória acadêmica de todos nós. São eles: minha irmãzinha Natália, minha parceira de sempre e grande amiga Frantieska, Juliani que nos rendeu boas risadas, Laura e seus conhecimentos e sotaque encantadores, Ana Flávia que trouxe o charme de Minas par as aulas, Daniel que foi meu parceiro de planilhas CAPES, organização do SIMP e de grandes discussões sobre a vida e a ciência, e, que acabou sendo um amigo orientador sempre disposto a me escutar e ajudar. Agradeço também a Carmem Schiavon, que de professora e orientadora da graduação passou a ser uma grande amiga e incentivadora dos meus projetos de vida e que faz parte de muita das minhas conquistas.

Obrigada aos professores Diego Ribeiro e Nubia Hanciau pelas considerações e contribuições primordiais para o enriquecimento e conclusão deste trabalho.

Obrigada a todos que de alguma maneira contribuíram nesses dois anos de mestrado e para conclusão desta dissertação.

A todos vocês, muito obrigada!

### **Cadeira<sup>1</sup>**

*Olá! Você quer sentar aqui? Sou pequena, mas forte, já vivi muitos anos. Muitas crianças brincaram comigo, se embalaram, foram mãezinhas de suas bonecas. Meninos disputavam vagas com as meninas:*

*- Você não pode! É grande!*

*- Agora não!*

*- Depois eu deixo...*

*Quantas negociações ouvi... Engraçado... Não sinto saudades, porque há uns setenta e cinco anos, e até hoje, essas conversas e brincadeiras fazem parte da minha vida. Começou com Vera, madrinha de Flávia, que brincou muito, depois cuidou de mim até dar para a Flávia. E toda essa vivência se repetiu com Olivia, Thais, Clara, Isadora, Vitória e Bernardo, e seus amigos. Imagine onde vivi tudo isso? Na casa da vó Neuza. Fiz teatro ouvi histórias e principalmente brinquei muito. Vivi muito. O que acha? Sou velhinha?...Mas não sou surda... Ainda ouço muitas histórias.*

Neuza Maia Nery, 2013.

---

<sup>1</sup> Este texto é de autoria de minha avó paterna, Neuza Maia Nery. Ela descreve nesse pequeno texto a cadeira de balanço de sua casa, que foi palco de muitas brincadeiras da família. A cadeira esteve em uma exposição no Johrei Center de Vila Isabel, Rio de Janeiro, onde os membros deveriam levar objetos antigos e que tinham um grande valor memorial para seus proprietários e cada um deveria escrever um texto que servisse de legenda, da maneira que julgasse apropriado. Minha avó descreve nessa legenda a biografia cultural da cadeira, ligada à história e à memória de muitas pessoas. Assim, todos nós temos objetos biográficos e memoriais que contam muito sobre nós, nosso passado, presente e futuro.

### **Las cosas**

*El bastón, las monedas, el llavero,  
la dócil cerradura, las tardías  
notas que no leerán los pocos días  
que me quedan, los naipes y el tablero,*

*un libro y en sus páginas la ajada  
violeta, monumento de una tarde  
sin duda inolvidable y ya olvidada,  
el rojo espejo occidental en que arde*

*una ilusoria aurora. ¡Cuántas cosas,  
láminas, umbrales, atlas, copas, clavos,  
nos sirven como tácitos esclavos,*

*ciegas y extrañamente sigilosas!  
Durarán más allá de nuestro olvido;  
no sabrán nunca que nos hemos ido.*

Jorge Luis Borges, *Elogío de la Sombra*, 1969.

## RESUMO

NERY, Olivia Silva. **A INVISIBILIDADE NA MATERIALIDADE: AS PONTES DE MEMÓRIA NOS OBJETOS DE LYUBA DUPRAT**. 2015. 198 folhas. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Os objetos estão presentes na vida de todo o ser humano. Entretanto, nem todos possuem o mesmo significado e valor para as pessoas. Existem aqueles que temos como materiais íntimos, extremamente associados a nossa história, identidade e memória. Estes objetos dizem muito sobre quem nós somos, são objetos biográficos que mostram qual o nosso lugar no mundo e contam também sobre as nossas relações com as pessoas e lugares. Além disso, são grandes evocadores memoriais, pois a materialidade das coisas permite um exercício memorial que nos conecta ao passado, a cheiros, músicas, etc. Essa pesquisa de mestrado trata da relação entre objeto e memória, tendo como base os objetos que pertenceram à professora de francês Lyuba Duprat (1900-1994), na cidade do Rio Grande. A pesquisa teve por objetivo analisar como os objetos biográficos, quando associados diretamente aqueles que os possuem, podem ou não se converter em elementos discursivos do passado, evocadores de memória. Examinamos estes objetos biográficos de Lyuba Duprat em duas perspectivas: em entrevistas com ex-alunos próximos à professora; em espaços patrimonializados como o Museu da Cidade do Rio Grande e a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

**Palavras-chave:** Objetos. Memória. Lyuba Duprat.

## RESUMÉ

NERY, Olivia Silva. **LA INVISIBILITÉ DANS LA MATERIALITÉ: LE PONTS DE MÉMOIRE DANS LES OBJETS DE LYUBA DUPRAT**. 2015. 198 pages. Mémoire (Master) - Programme d'Études Supérieures en Mémoire Sociale et du Patrimoine Culturel . Université Fédérale de Pelotas, Pelotas.

Les objets sont présents dans la vie de chaque être humain. Cependant, tous n'ont pas la même signification et la valeur aux gens. Il ya ceux qui ont des matériaux intimes, très liés à notre histoire, l'identité et mémoire. Ces objets en disent long sur qui nous sommes, sont des objets biographiques qui montrent quelle est notre place dans le monde et également sur nos relations avec les gens et les lieux. En outre, ils sont de grands monuments évocateurs parce que la matérialité des choses permet un exercice mémorial qui nous relie au passé, aux odeurs, à la musique, etc. Cette recherche de ce maître traite de la relation entre l'objet et la mémoire, sur la base des objets ayant appartenu au professeur de français Lyuba Duprat (1900-1994), à Rio Grande. La recherche visait à analyser comment les objets biographiques lorsqu'associés directement à ceux qui les possèdent, peuvent ou non se transformer en éléments discursifs du passé, évoquant la mémoire. Nous examinerons les objets biographiques de Lyuba Duprat dans deux perspectives: celle des entretiens avec d'anciens étudiants proches de l'enseignant; celle dans des espaces tels que le Musée de la Ville de Rio Grande et la Salle de Documentation Lyuba Duprat à l'Université Fédérale de Rio Grande - FURG.

**Mots-clés:** Objets. Mémoire. Lyuba Duprat

## ABSTRACT

NERY, Olivia Silva. **THE INVISIBILITY IN MATERIALITY: THE BRIDGES OF MEMORY IN LYUBA DUPRAT'S OBJECTS**. 2015. 198 pages. Dissertation (master) – Program of Post - Graduation in Social Memory and Cultural Heritage. Federal University of Pelotas, Pelotas.

The objects are present in the life of every human being. However, not all have the same meaning and value to people. There are those who have as intimate materials, extremely linked to our history, identity and memory. These objects tell a lot about who we are, are biographical objects that show what our place in the world and also have on our relationships with people and places. In addition, they are great evocative memorials because the materiality of things allows a memorial exercise that connects us to the past, the smells, music, etc. This master's research deals with the relationship between object and memory, based on the objects that belonged to the former French teacher Lyuba Duprat (1900-1994), in Rio Grande. The research aimed to analyze how the biographical objects when associated directly those who possess them, may or may not turn into discursive elements of the past, evoking memory. We examine these biographical objects Lyuba Duprat in two perspectives: on interviews with former students near teacher; patrimonialized in spaces such as the Museum of the City of Rio Grande and the Salle de Documentation Lyuba Duprat at the Federal University of Rio Grande - FURG.

**Key-words:** Objects. Memory. Lyuba Duprat

## Lista de Figuras

Figura 1: Comprovante de pagamento aula particular, 1911. ....	55
Figura 2: Lycée Victor Duruy, França. Sem data.....	57
Figura 3: Monumento aos que morreram lutando pela pátria, sem data. ....	59
Figura 4: Meias de tricô .....	61
Figura 5: Baile de Carnaval, 1913.....	62
Figura 6: Anúncio aulas Lyuba em jornais locais, Rio Grande, 1960.....	65
Figura 7: Recorte de Jornal .....	72
Figura 8: Cadeira de palha, sem data. ....	75
Figura 9: Recorte do Jornal Agora, Rio Grande, 04/04/1992. ....	79
Figura 10: Certificado Guinness Book Brasil, 1994.....	80
Figura 11: Esquadro de madeira e caneta esferográfica, sem data. ....	81
Figura 12: Abridor de carta com estojo, sem data. ....	81
Figura 13: Fotografias de Lyuba em reportagem da revista, 1994.....	83
Figura 14: Fotografia de Lyuba em jornal, 1994.....	84
Figura 15: "A verdadeira dedicação à arte de ensinar".....	85
Figura 16: Lyuba Duprat na Praia do Cassino, 1930. ....	90
Figura 17: Frisador de cabelo, sem data. ....	91
Figura 18: Lyuba Duprat, 1950. ....	96
Figura 19: Espátula de unhas, sem data. ....	96
Figura 20: Espelho de mão, sem data. ....	98
Figura 21: Alfinete de chapéu, sem data. ....	99
Figura 22: Batom vermelho, sem data.....	99
Figura 23: Objetos de Lyuba: Bolsa de festa, peineta, batom vermelho, leque e lixa de unha, sem data. ....	101
Figura 24: Leques, sem data.....	102
Figura 25: Lyuba Duprat com amigos, sem data.....	105
Figura 26: Lyuba Duprat e Flavio Hanciau, sem data. ....	107
Figura 27: Porta escovas de dente, sem data. ....	115
Figura 28: Caixa de madeira com madrepérolas, sem data. ....	116
Figura 29: Cartão com dedicatória, 1933.....	116
Figura 30: Fachada do Museu da Cidade do Rio Grande .....	130
Figura 31: Chapéu preto, sem data. ....	134
Figura 32: Convite para inauguração da Salle, 1995. ....	140
Figura 33: Leitura do discurso da professora Nubia Hanciau, 1995. ....	141

Figura 34: Inauguração Salle de Documentation Lyuba Duprat, 1995. ....	142
Figura 35: Recorte de Jornal, Diário Popular, 30 de junho de 1995. ....	143
Figura 36: Aviso para visitantes, junho de 2014. ....	144
Figura 37: Salle de Documentation Lyuba Duprat - Imagens Internas, 2014. ....	145
Figura 38: O Rei de Roma, tradução de Lyuba Duprat. ....	146
Figura 39: Material Lyuba Duprat, sem data. ....	147
Figura 40: Abridores de carta, sem data. ....	147
Figura 41: Salle de Documentation Lyuba Duprat, 1995. ....	148
Figura 42: Objetos e fotografias - Salle de Documentation Lyuba Duprat, 2014. ....	149
Figura 43: Cerimônia entrega título de Professora Honoris Causa, 1992. ....	150
Figura 44: Legenda da Salle de Documentation, 2014. ....	151
Figura 45: Colar de pérolas, sem data. ....	155
Figura 46: Chapeleira de Lyuba Duprat, 2014. ....	156
Figura 47: Licoreiro e cálices de cristal, sem data. ....	159
Figura 48: Objeto decorativo, uva sem vidro, 2014. ....	161
Figura 49: Caneta e mataborrão, sem data. ....	162
Figura 50: Tinteiro, sem data. ....	163
Figura 51: Empadeira de Lyuba Duprat, sem data. ....	163
Figura 52: Móveis de Lyuba Duprat, sem data. ....	165
Figura 53: Caderno de anotações e Adresses de Lyuba Duprat, sem data. ....	167
Figura 54: Ofício e convite para cerimônia de homenagem a Lyuba Duprat, 1992. ....	168
Figura 55: Caixa com pertences de Lyuba Duprat. ....	169
Figura 56: Gráfico sobre sexo dos egressos consultados. ....	176
Figura 57: Gráfico sobre Lyuba Duprat. ....	177
Figura 58: Gráfico sobre a Salle de Documentation Lyuba Duprat. ....	178
Figura 59: Gráfico sobre objetos Lyuba Duprat. ....	179

## Lista de Tabelas

Tabela 1	Objetos da Salle de Documentation Lyuba Duprat lembrados pelos consultados.....	194
----------	---	-----

## **Lista de abreviaturas e siglas**

CONSUN Conselho Universitário FURG

DLA Departamento de Letras e Artes

FCRG Fundação Cidade do Rio Grande

FURG Universidade Federal do Rio Grande

ICOM International Council of Museums

ILA Instituto de Letras e Artes

MCRG Museu da Cidade do Rio Grande

SLD Salle de Documentation Lyuba Duprat/ Sala de Documentação Lyuba Duprat

## Sumário

<b>Lista de Figuras</b> .....	13
Introdução .....	18
<b>Capítulo I</b> .....	29
<b>Objetos: pontes de memória, passado e presente</b> .....	29
Objetos da memória .....	32
Objetos e Lyuba Duprat .....	44
<b>Capítulo II</b> .....	48
<b>A construção das pontes: Lyuba Duprat através das memórias, narrativas e objetos</b> .....	48
História de vida: entre objetos e narrativas .....	53
<i>“Paris é para mim como estar em casa”: A França e o Liceu – o aprendizado da língua e da cultura</i> .....	56
<i>“Écoutez et répétez”: cadeiras, canetas e livros - a vida de professora de francês</i> .....	63
<i>Entre luvas, redes e vestidos: feminino, beleza e vaidade</i> .....	87
<i>As memórias e objetos nas narrativas – uma análise</i> .....	114
<b>Capítulo III</b> .....	123
<b>Pontes que levam ao patrimônio: a patrimonialização dos objetos de Lyuba Duprat</b> .....	123
Museu da Cidade do Rio Grande .....	127
Salle de Documentation Lyuba Duprat .....	137
<i>En l’honneur de...</i> objetos e imagens no cenário doméstico .....	153
Um indício da representatividade do objeto patrimonial .....	172
<b>Aspectos conclusivos</b> .....	184
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	188

## Introdução

Ao observarmos nosso entorno podemos perceber que estamos cercados por inúmeros objetos, como assim já observou Abraham Moles (1972) e Jean Baudrillard (1972) ao questionarem a necessidade de criar um inventário para que pudéssemos organizar e entender os objetos que nos cercam. Assim, os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes domésticas. Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos, que por ventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas.

Falar sobre objetos parece, em um primeiro momento, algo simples e corriqueiro. Entretanto, devido à diversidade de teóricos da área e de elementos conceituais, faz-se necessário explicitar, logo de início, qual o conceito de objeto que utilizamos para estruturar e pensar este trabalho. Este conceito está baseado principalmente na ideia de Jean Baudrillard, quando diz que objeto é o inventário de artefatos utilizados pelo homem na sua vida cotidiana. Para o autor, os objetos ainda estendem-se à categoria de símbolo e signo, e, estão conectados, pois para ele é “através dos objetos, que cada indivíduo, ou cada grupo procura seu lugar em uma ordem, tentando empurrar esta ordem conforme sua trajetória pessoal” (BAUDRILLARD, 1972, p. 54).

Sobre a questão de signo, símbolo e significado social que os objetos possuem na vida do ser humano, Baudrillard ainda afirma que “[...] em suma, sob o signo dos objetos, sob o sêlo da propriedade privada, é sempre um processo social que se traça” (BAUDRILLARD, 1972, p. 54). Dessa forma, tendo em vista os vários teóricos e estudos que dedicam seus trabalhos para uma conceitualização do termo “objeto”, optamos por considerar como objetos aqueles artefatos fabricados pelo homem e que compõem o cenário e a vida cotidiana dos indivíduos.

Foi baseada no conceito de Baudrillard (1972) e de Dohmannn (2013) que esta pesquisa foi estruturada, fundamentando-se na análise dos objetos

que pertenceram à professora de francês da cidade do Rio Grande, Lyuba Duprat (Rio Grande, 1900-1994). Nesse sentido, a pesquisa teve por objetivo desenvolver um estudo sobre a relação entre os objetos e a memória, entendendo como memória, em um primeiro momento, a “aquisição, formação, conservação e evocação de informações” (IZQUIERDO, 2011, p. 11). Essa relação foi analisada a partir dos objetos que pertenceram à professora de francês e que atualmente fazem parte do acervo de duas instituições memoriais na cidade: Museu da Cidade do Rio Grande (mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande) e a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat (com sede na Universidade Federal do Rio Grande/FURG).

O conjunto de objetos legado por Lyuba Duprat será utilizado para compreender sobre a sua vida e, principalmente, para buscar o entendimento da sua função como evocador de memórias para aqueles que conviveram com a professora, nesse caso, seus ex-alunos, alguns são entrevistados.

Os objetos que foram utilizados e analisados nesta pesquisa fizeram parte do espaço doméstico, profissional e pessoal da professora, que dedicou parte da sua vida (77 anos) ao ensino da língua e da cultura francesas, tanto na sua cidade natal, Rio Grande, quanto no Rio de Janeiro. Lyuba Duprat estudou na França entre 1912 a 1916 (dos doze aos dezesseis anos) no *Lycée Victor Duruy*, em Paris. Quando voltou para o Brasil, trouxe junto com o conhecimento da língua e da cultura francesa o que se poderia apontar como um “estilo francês” de se mostrar ao mundo, caracterizado principalmente pelo seu jeito de vestir, falar e andar. Dessa forma, a sua personalidade e, conseqüentemente, a sua vida foram influenciadas por essa apropriação da cultura francesa. Esta influência podia ser percebida igualmente no espaço doméstico. A sua casa, espaço onde ela também ministrava suas aulas, segundo os entrevistados, era reflexo desse mundo diferente e singular que a caracterizava.

Nesse sentido, através da aplicação da metodologia da História Oral, que se baseia na coleta de narrativas orais com um grupo de entrevistados, na transcrição e análise destas entrevistas, buscamos entender a relação que se estabelece entre objetos e memória, buscando saber se eles representam a memória e a personalidade de sua dona através da narrativa dos entrevistados. Nessa pesquisa buscou-se entender de que maneira acontece a

complexa relação entre a memória e os objetos, e, também, se estes objetos tidos como patrimoniais representam a personalidade de sua dona Lyuba Duprat. Buscamos nos aproximar da proposta trazida pelo autor francês Thierry Bonnot (2014) quando afirma que as Ciências Sociais devem passar de um estudo sobre objetos como formas de um saber sobre os homens na sociedade, para um estudo historicamente situado nos objetos, sua relação com os homens e sua influência nos indivíduos (BONNOT, 2014, p. 7).

Os conceitos de memória e patrimônio são relevantes para compreender o todo desta pesquisa e também os elementos que a motivaram. Os estudos que buscam compreender um pouco mais sobre a memória são proeminentes na contemporaneidade. Vive-se em uma época marcada pela preocupação com a memória, com reivindicações memoriais emanadas de diferentes grupos acontecendo com frequência. Quase cotidianamente os noticiários mostram assuntos relacionados à memória social e patrimônio cultural, demonstrando com isso uma quase popularização destes temas no presente.

Joel Candau, antropólogo que dedica os seus estudos à compreensão e a complexidade da memória social, caracteriza essa nossa era de intensa busca memorial como *mnemotropismo*. Este fenômeno, segundo o autor, seria uma característica da sociedade atual, onde junto com as reivindicações memoriais existem também as reivindicações patrimoniais, visto que o patrimônio pode ser entendido como uma expressão política da memória. Para Candau (2006), se existe um campo em que o *mnemotropismo* se manifesta com todas suas forças é o campo do patrimônio. É através do patrimônio que muitos grupos expressam sua relação com a memória, e exercem suas reivindicações memoriais (CANDAU, 2012).

Leonardo Castriota (2009) relaciona essa ascensão do patrimônio com a globalização e a uniformização de valores e estilos de vida, colocando em crise e ameaçando as tradições. Para Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (2008), desde os anos 80 (século XX) as Ciências Humanas e Sociais vêm desenvolvendo uma preocupação com o que a autora chama de história da memória e processos de construção de memórias coletivas.

Nesse contexto de *mnemotropismo*, apresentado por Candau, é possível analisar algumas das relações entre os conceitos de memória e patrimônio. Todo patrimônio carrega consigo um discurso político e memorial, pois toda a

seleção de um patrimônio é um discurso e uma escolha do que representar do passado. Joel Candau (2006 e 2012) afirma que o patrimônio é a expressão política da memória e surge da relação entre a sociedade, o passado e a sua gestão no presente. Dessa forma, o patrimônio muitas vezes funciona como um aparato ideológico da memória (CANDAU, 2006, p. 90), uma ferramenta para a concretização e/ou construção de um discurso.

Para Candau (2012), o patrimônio é o produto de um trabalho de memória que, com o decorrer do tempo e segundo critérios muito variáveis, seleciona certos elementos herdados do passado para incluí-los na categoria de objetos patrimoniais. Também se pode dizer que os patrimônios trabalham como “difusores de memória” (CANDAU, 2006, p. 93). Da mesma maneira que se selecionam os objetos pessoais antigos, possuidores de significado para o indivíduo ou para família para ser preservado por fazer parte de uma memória e história familiar, o mesmo acontece quando se elegem patrimônios ditos coletivos.

Sendo assim, espaços como museus e centros de memória são exemplos de lugares onde se pretende que a memória resida, onde os objetos são patrimonializados, isto é, possuem uma função simbólica diferente do que apresentavam anteriormente. Além disso, passam por um processo de diferenciação dos demais objetos que continuam nos espaços domésticos. Todavia, os objetos, tanto dentro de espaços museológicos, quanto dentro de espaços familiares/domésticos, podem funcionar como evocadores de memórias e histórias individuais e coletivas, e, podem ser utilizados como fontes de estudo para compreender essas histórias, memórias e os indivíduos que a eles se associam. Esse exercício de evocação memorial é, basicamente, o despertar de memórias que até então estavam “adormecidas” – como é comum fazermos ao encontrarmos nossos brinquedos antigos, roupas, etc. Ao nos depararmos com esses vestígios, muitas vezes relembramos de histórias do passado, de pessoas e momentos vividos. O desenvolvimento desse trabalho da memória foi aplicado a esta pesquisa no primeiro e segundo capítulo desta dissertação.

Os objetos que pertenceram à professora de francês Lyuba Duprat foram distribuídos, depois do seu falecimento, entre familiares e amigos, bem como para instituições memoriais e patrimoniais que hoje podem colaborar

para o compartilhamento de suas memórias e histórias. A principal justificativa desta pesquisa baseia-se, principalmente, na contribuição aos estudos sobre a cultura material, a relação entre os objetos e a memória e como esses objetos auxiliam no compartilhamento de memórias e no entendimento da história dos sujeitos através dos mesmos. Por outro lado, a escolha tanto da *personagem*<sup>2</sup> quanto de seus objetos se deu por uma aproximação da autora com o acervo do Museu da Cidade do Rio Grande, local onde realizou dois anos de estágio no período da graduação no curso de História Bacharelado. Durante o trabalho de catalogação e reorganização do acervo, aqueles objetos, frente aos demais, chamavam atenção, fazendo procurar através da sua materialidade as histórias e as pessoas por trás deles. De certa forma, esta dissertação traz também um pouco da imaterialidade, da invisibilidade e da subjetividade que estão nestes objetos, por intermédio das narrativas dos entrevistados e da pesquisa documental.

Segundo os entrevistados, Lyuba Duprat era uma figura relativamente conhecida na cidade na sua época e apesar disso, e de ter um papel importante no ensino de francês na cidade, ainda não foi objeto de estudos. Assim, justifica-se essa pesquisa também por auxiliar no compartilhamento da história de vida de Lyuba Duprat e de sua carreira profissional.

Além disso, a pesquisa realizada com e através dos objetos impede que haja uma dissociação das informações sobre os mesmos. A dissociação é um dos fatores que preocupam os profissionais dos museus e instituições memoriais/patrimoniais, pois, em termos gerais, ela é a falta de associação daquele suporte material com informações a seu respeito. Um objeto sem informação de procedência, origem, história e memória torna-se um objeto mudo, que pouco pode evocar suas origens. Dessa forma, os trabalhos e pesquisas que buscam a preservação e coleta de informações sobre os

---

<sup>2</sup> Utiliza-se o termo *personagem* para designar como uma pessoa que se distingue na vida pública por alguma característica ou capacidade singular.

acervos museológicos tornam-se essenciais dentro das instituições, principalmente pela conservação da informação.

Os aspectos principais desta pesquisa estão relacionados aos elementos biográficos, afetivos, emocionais e memoriais dos objetos. Neste contexto, a partir do exposto, este estudo possibilita um diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento entre elas a Antropologia, a História, a Museologia e a Arqueologia, ciências que estudam, dialogam e contribuem para pesquisas não apenas sobre a memória, mas sobre seus suportes, e a maneira que eles se encontram na sociedade. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o melhor entendimento da sociedade rio-grandina da época (primeira metade do século XX), visto que este estudo possibilita compreender a valorização da cultura francesa que serviu de inspiração para algumas cidades grandes entre elas o Rio de Janeiro, também, para menores como Rio Grande e Pelotas e, ainda, às famílias que buscavam se modernizar e assemelhar à cultura e jeito de ser das cidades europeias.

Para alcançar os objetivos aqui apontados de maneira mais adequada, levando em consideração os elementos disponíveis para pesquisa, a metodologia definida está baseada na utilização de, principalmente, duas fontes: os objetos pessoais da professora e as fontes orais a partir de entrevistas. A coleta das fontes orais foi feita através de entrevistas com um grupo específico de entrevistados, composto por ex-alunos da professora Lyuba. A escolha justifica-se pelo fato de não terem nenhum grau de parentesco com a professora, tampouco relação familiar com os objetos. Além disso, o fato de Lyuba Duprat ter exercido o magistério particular por 77 anos, faz com que os alunos se tornem fundamentais para a constituição de uma imagem da professora na cidade.

Dentre a grande quantidade de estudantes que Lyuba Duprat teve nesses longos anos de docência, escolhemos trabalhar com aqueles mais próximos da professora. Foram pessoas tidas como referências pela professora, bem como os demais frequentadores das aulas, uma vez que desfrutaram de certa intimidade na casa, o que era raro entre os alunos e

demais visitantes. Sendo assim, foram realizadas sete entrevistas<sup>3</sup> com: Ricardo Soler, Berenice Avancini, Regina Carmem Dolci, Tabajara Lucas Almeida, Cleusa Almeida, Flavio Hanciau e Nubia Hanciau. Na primeira parte da entrevista foi aplicada a metodologia da entrevista semiestruturada<sup>4</sup>, na qual os entrevistados tiveram a liberdade de contar as suas histórias e memórias relacionadas à Lyuba Duprat, com inserção de perguntas que iam apenas corroborando o pensamento e narrativa dos entrevistados. Na segunda parte os entrevistados visualizaram as fotografias dos objetos que pertenciam a ela e, conforme já mencionado, hoje fazem parte de duas instituições na cidade: Museu da Cidade do Rio Grande (MCRG) e a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, incluindo algumas fotografias de Lyuba que pertencem a Fototeca Municipal Ricardo Giovanini, vinculada à Prefeitura Municipal do Rio Grande.

É importante destacar que os entrevistados tiveram acesso somente às fotografias dos objetos, visto que a retirada dos mesmos dessas duas instituições, mesmo que para fins de pesquisa, poderiam interferir nas condições de preservação do acervo. Trata-se então de representações dos objetos, uma bidimensionalidade representando a tridimensionalidade. Sabemos que por serem representações provavelmente não geram o mesmo efeito do que ter o objeto real nas mãos, pela ausência da experiência do tato, toque, presença, sensibilidade de tamanho e cheiro.

Entretanto, dentro das possibilidades da pesquisa e por se tratarem de fotografias de registro dos objetos, o foco é a materialidade e não o seu entorno. Podemos dizer que há, sim, um efeito memorial sobre aqueles objetos, mesmo tratando-se de representações. Nos dois momentos da entrevista (antes e depois de apresentar a imagem dos objetos), foi possível perceber quais as narrativas evocadas através dos objetos e quais as memórias que são narradas antes de visualizá-los. Além disso, com essa divisão foi possível fazer uma análise mais minuciosa sobre a maneira segundo a qual os objetos aparecem nas narrativas dos entrevistados e quais são esses

---

<sup>3</sup> Em anexo disponibilizamos uma tabela com a listagem e informação de todos os entrevistados. (Apêndice n. 1)

<sup>4</sup> Entrevista com apenas algumas perguntas base, que norteiam para o assunto em questão. O entrevistado tem mais liberdade narrativa.

objetos. Posteriormente, verificamos se teria havido uma conexão entre os objetos mostrados e a sua dona, ou seja, se os entrevistados identificaram os objetos como sendo de Lyuba. As entrevistas foram analisadas separadamente para identificar os casos específicos e também foram trabalhadas por meio da análise comparativa, tendo em vista que assim é possível identificar aspectos da construção de uma memória social. Segundo Meihy (2010, p. 13), as entrevistas devem ser utilizadas em conjunto e analisadas da mesma forma, pois, para a metodologia da História Oral, sozinhas elas não possuem a mesma relevância e sustentabilidade.

O método de análise das entrevistas possibilitou identificar todos os aspectos inseridos nas narrativas, os contextos históricos e sociais, e, as palavras-chave que mostram a relação de identidade e memória com os objetos em questão. Além disso, possibilitou entender a existência de pontos comuns e memórias compartilhadas sobre os objetos pessoais e a própria história de vida da professora.

É importante ressaltar que no contexto desta pesquisa existe a consciência de que o discurso do entrevistado está carregado de subjetividade pela relação afetiva e próxima com Lyuba Duprat. Essas questões ficam claras durante a análise das entrevistas, pois quando o entrevistado está narrando suas experiências, as elabora de acordo ao contexto atual, ao ambiente em que está inserido e com a finalidade e proposta que a entrevista está sendo realizada. Todos esses fatores externos influenciam na narrativa e foram levados em consideração no momento da análise.

A escolha das entrevistas e das fontes orais se justifica por esta metodologia possibilitar ao pesquisador o entendimento das relações complexas e memoriais presentes nas narrativas. A utilização de entrevistas orais para os estudos de memória e identidade, pode ser justificada na perspectiva que aponta Meihy: “Esses registros podem ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memórias coletivas” (2010, p. 18). Além disso, a oralidade e a narrativa estão diretamente vinculadas à memória e à identidade – o aprofundamento desta relação acontecerá no segundo capítulo, a fim de compreender melhor a realização e análise das entrevistas. Dessa maneira, pode-se entender que a história e a memória de Lyuba Duprat são narradas através de dois principais grupos de fontes: os objetos e os

entrevistados – e os dois contribuem para a construção e para o compartilhamento de suas histórias e memórias.

Ainda no aspecto metodológico, a escolha dos objetos que seriam mostrados no momento da entrevista aconteceu a partir de um primeiro mapeamento dos mesmos nas duas instituições estudadas. Tendo em vista o extenso número de objetos no Museu da Cidade do Rio Grande (mais de setenta peças, segundo dados do próprio museu), a escolha de quais seriam apresentados nas entrevistas foi feita a partir do banco de dados do MCRG, pois somente aqueles que já haviam sido fotografados pela instituição poderiam ser mostrados aos entrevistados.

Analisando o material disponível no Museu concluímos que ele seria relevante, fértil e adequado para os objetivos desta pesquisa, sendo utilizadas todas as fotografias disponíveis. Nesse sentido, os objetos selecionados para a realização das entrevistas e da pesquisa foram cerca de vinte do Museu da Cidade do Rio Grande e cinco da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat. A presença de um maior número de objetos vindos do MCRG se justifica pelo fato de que o Museu possui um acervo mais expressivo e de tipologia diversificada. Além disso, apesar da *Salle* possuir alguns objetos de Lyuba, a guarda dos mesmos não faz parte da missão do local e sim ser um espaço para estudo e divulgação da língua e cultura francesa.

Portanto, foi realizado um levantamento documental dentro de cada instituição onde os objetos estudados estão salvaguardados atualmente. Documentos institucionais e museográficos, como banco de dados, fichas dos objetos, livro de entrada e outros documentos oficiais, também foram utilizados na pesquisa a fim de entender como se deu o processo de patrimonialização nessas instituições. Durante esse levantamento documental foi encontrado um número significativo de jornais com reportagens sobre Lyuba Duprat, manuscritos e outros documentos que pertencem à *Salle de Documentation* Lyuba Duprat da FURG. Além desses, também foram utilizados alguns recortes de imprensa que foram guardados pela própria professora Lyuba Duprat e que estão sob os cuidados da professora Nubia Hanciau, uma das pessoas entrevistadas cuja contribuição tem grande importância nesta pesquisa.

Ainda sobre a metodologia da dissertação, foi realizada uma breve pesquisa de público com egressos do curso de Letras Português/Francês da

Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O formulário foi enviado pela secretaria do Instituto de Letras e Artes – ILA para 32 endereços eletrônicos, referentes ao período entre 2003 e 2015. Desse número de egressos, 21 responderam à pesquisa online através do preenchimento do formulário<sup>5</sup>. A realização dessa pesquisa com os ex-estudantes da FURG se deu com o intuito de perceber, de maneira exploratória, sobre a relação desses estudantes com o espaço memorial e, ainda, se eles (re)conheciam o nome da professora homenageada e seus respectivos objetos.

A principal hipótese deste trabalho é que os objetos de Lyuba Duprat funcionam como evocadores de memórias e fazem parte da construção de sua personalidade. Esta hipótese foi testada a partir da análise das entrevistas e da sua conexão com os objetos. Para compreender e avaliar a relação entre objetos e memória, o marco teórico se baseia principalmente nas pesquisas e produções de antropólogos e historiadores sobre o assunto. Utilizamos conceitos tais como “biografia cultural” das coisas do antropólogo Igor Kopytoff, “objetos biográficos” de Janet Hoskins e Alessandra Micalizzi, “objetos semióforos” do historiador e filósofo Krzysztof Pomian, “pontes de memória” do antropólogo Octave Debary, e, “alma das coisas” de José Reginaldo Gonçalves, Flavio Silveira e Manuel Lima Filho.

Dessa forma, a partir das teorias analisadas e das entrevistas realizadas, este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão teórica sobre a memória e os seus suportes, dando ênfase na relação entre objetos e memória, e como eles são suportes memoriais e fortalecedores de identidades. Neste capítulo também há uma primeira apresentação da história da professora e da sua relação com os objetos. O segundo capítulo traz a história de vida de Lyuba Duprat através das entrevistas em forma de “memórias recortadas”, dialogando com as teorias sobre memória e narrativa, e, traz também, a questão de como os objetos são lembrados e introduzidos dentro de cada narrativa. Já o terceiro capítulo traz o processo de relação entre memória e patrimônio e como se deu o processo de patrimonialização dos objetos analisados, onde cada instituição foi analisada

---

<sup>5</sup> O formulário está disponível no Apêndice nº 2

separadamente mostrando quais os objetos que pertenceram à Lyuba Duprat que fazem parte dos acervos e como se deu a sua escolha.

## Capítulo I

### Objetos: pontes de memória, passado e presente

*“Em um nível mundano, todos os dias, no mundo, muitos objetos estão inextricavelmente amarrados de memória” (RADLEY, 1994, p. 47).*

Para falar do caráter memorial dos objetos e da sua forte relação com o passado, é necessário apresentar uma introdução a respeito das principais teorias sobre a memória e a maneira com que ela se manifesta nos indivíduos. Em termos gerais, a temática da memória está em crescimento nas últimas décadas, apesar das discussões acerca da complexidade da memória já serem feitas desde a antiguidade. A memória passa a ser um campo não só de interesse das Ciências Naturais e Neurobiológicas, mas passa a interessar também às áreas das Ciências Humanas e Sociais, tendo em vista que a memória é constantemente atualizada e influenciada pelos indivíduos. A memória está diretamente vinculada à maneira pela qual os sujeitos percebem o mundo ao seu redor, pensam o passado, o presente e projetam o futuro.

Em um conceito amplo, a memória é algo que se constrói depois do ocorrido, *a posteriori*, é a relação do homem com o tempo, é aquilo que guardamos do nosso passado sempre ressignificado. Para Iván Izquierdo, neurologista que estuda a memória, “o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para qual não existe outro idêntico” (IZQUIERDO, 2011, p. 11). A memória faz com que as pessoas se reconheçam como indivíduos para eles mesmos e também para o social, para o meio. Izquierdo (2011, p.11) ainda afirma que “o passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem podemos ser”. Entender essa relação entre a memória e o indivíduo é essencial para entender as demais influências que a memória tem sobre o indivíduo e também na coletividade.

Quando Izquierdo fala que a memória diz sobre quem é cada indivíduo e sobre como ela influencia como este vai ser, é porque a memória age no indivíduo constantemente. Esta é atualizada e assim como ela influencia cada

um, ela também é influenciada pelos indivíduos no momento presente e pelo meio onde está inserido. Segundo o conceito de Candau (2012), a memória é acima de tudo uma reconstrução do passado mais do que uma representação fiel do mesmo. Essa reconstrução é contínua e é influenciada por diversos fatores (internos e externos). Isso quer dizer que tudo o que lembramos, a cada dia, não retrata a realidade crua do fato ocorrido. Todas as lembranças, tudo o que é evocado pela memória, sofre uma alteração influenciada pelo tempo presente. Por isso não há um *resgate* da memória e do passado, pois ela não é lembrada de maneira intacta e “perfeita”, ela é sempre uma representação, uma releitura do que aconteceu, sempre com os olhos de onde se está: do presente.

Isso acontece até quando alguém recorda várias vezes algum momento da infância, ele nunca é lembrado da mesma maneira apesar de nem sempre isto ficar evidente para quem lembra. Segundo Candau (2006, p. 13), a memória não se repete nunca, ela é resultado de um processo de recategorização contínua e diferente da memória digital do computador, por exemplo, ela nunca é a mesma.

Visto que a memória é uma reconstrução do passado, alguns detalhes e acontecimentos ficam de fora no momento da evocação, dando espaço para os esquecimentos. Afinal, não nos lembramos de tudo e neste procedimento de guarda e reconstrução de memória, algumas coisas são esquecidas. Ao contrário do que muitos acreditam, o esquecimento não é um inimigo da memória e conseqüentemente dos indivíduos. O esquecimento é necessário para a vida do ser humano. Segundo Izquierdo (2011), sem o esquecimento seria praticamente impossível interagir com os outros indivíduos, pois sempre iríamos lembrar as impressões negativas e atitudes destes que não gostamos. Sem o esquecimento, as nossas lembranças não teriam nenhum alívio e viveríamos diariamente lembrando daquilo que um dia nos fez sofrer.

Além do esquecimento, como falar de memória sem falar de identidade, e vice-versa? Como aponta Joel Candau (2012), a memória e a identidade estão indissolúvelmente conectadas, não existe identidade sem memória. Para Izquierdo (2011) é a memória que faz com que cada indivíduo seja da maneira que é e é ela também que vai influenciar na maneira de ser e pensar o hoje, o passado e o futuro. Inúmeros são os casos nos quais por algum acidente ou

por alguma doença as pessoas que perdem a memória, ou parte dela, se sentem perdidas, desvinculadas do mundo real e de suas vidas. Para Candau, “[...] é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2012, p. 16).

Neste caso é importante lembrar que quando se fala na importância da memória para a identidade, fala-se também dos seus esquecimentos. Os esquecimentos individuais e coletivos também são importantes para a construção e fortalecimento das identidades. Sobre a relação entre memória e identidade, Alistair Thomson (1997) afirma que construímos uma identidade a qual se pode conviver e que para isso faz-se uma relação dialética entre memória e identidade. Para o autor,

[...] nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e nossa própria vivência (THOMSON, 1997, p. 57).

O termo “identidades”, utilizado pelo autor, mostra a variabilidade da nossa própria identidade com o passar do tempo e a nossa relação com a memória e o social. Assim como Candau, Thomson afirma que a identidade ou as “identidades” são construídas e moldadas várias vezes e fazem parte de um movimento que influencia a vida, assim como é influenciada por esta e pelo meio em que se está inserido. Em suas palavras:

[...] as histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajuste às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossas identidades moldam nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57)

Thomson utiliza a palavra *modelar* para designar a atividade memorial, a mesma palavra que Candau utiliza para mostrar a sua visão sobre a relação entre memória e identidade, que segundo este,

[...] a memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nos modelada. [...] Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida [...] (CANDAU, 2012, p. 16).

Sendo assim, a memória está conectada de diversas maneiras com os indivíduos e com as coletividades. Através da compreensão desses funcionamentos e conexões, podemos entender melhor como os indivíduos se comportam e como são afetados por índices memoriais.

Durante a vida, várias coisas fazem com que se tenha o exercício de evocação de memória. Algumas vezes esse trabalho é induzido por algum cheiro, música, lugar, fotografia ou também quando se vê algum objeto.

### Objetos da memória

As pessoas, independente da idade, do grupo econômico e do lugar que vivem, estão rodeadas por uma materialidade de coisas que fazem parte dos espaços frequentados e da individualidade de cada uma. Estes espaços podem ser permanentes ou temporários e são compostos por diversos materiais que fazem parte, por sua vez, de um cenário e de um contexto. Quando se trata de espaços domésticos, familiares ou ainda lugares que se frequentam por bastante tempo, como escolas ou casas de amigos, todos os objetos que compõem o lugar podem adquirir um significado diferente e ter alguma importância na vida dessas pessoas, por mais que por vezes elas não o percebam. Para Roberto DaMatta, “o espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva” (DAMATTA, 1997, p. 27).

Começamos pelo espaço mais íntimo e que é detentor de uma quantidade de símbolos e significados muito grande – a casa. O espaço da casa é um universo individual, íntimo e familiar, que abarca toda a complexidade da relação entre público e privado. A maneira como os espaços e os cômodos são distribuídos, a forma como os objetos estão expostos (ou não) e a seleção de quem entra na casa e em cada cômodo faz com que o espaço doméstico seja carregado de complexidade e ao mesmo tempo seja uma extensão da vida, da cultura e da posição do indivíduo na sociedade. Para Bachelard “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo” (1993, p. 24). A casa é composta não só por paredes,

telhados e pinturas, é composta por móveis e objetos de várias categorias. Ao entrar na própria casa, o indivíduo entra realmente em outro universo, em um espaço onde reproduz o seu estilo de vida, os seus sonhos, desejos, medos, memórias e esquecimentos.

Ao entrar na casa de outra pessoa percebemos a disposição das coisas dentro do espaço, o tamanho dos cômodos, a presença ou não de fotografias, objetos decorativos e demais materiais que compõem o cenário doméstico. Os cômodos mais íntimos são espaços mais secretos, onde o acesso não é tão permitido e utilizado como os outros. Dentro do quarto é que estão os objetos mais íntimos, os maiores segredos. A partir da reflexão de Bachelard (1993) e de Bernardes (2010), a casa é o espaço aonde se guardam as memórias, as relíquias, os segredos e os esquecimentos. Ao fazer o simples exercício de fechar os olhos e se imaginar entrando na sua própria casa ou na casa de algum familiar, várias coisas são lembradas e outras esquecidas.

Bachelard afirma que “é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa tem um porão, um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados” (1993, p. 28). Dessa maneira, lembramos principalmente das casas em que se viveu e daquelas de pessoas próximas, as de familiares, por exemplo.

A casa e todas as suas composições, significados e memórias mostram um universo particular onde poucos, e somente aqueles que os donos desejam, têm acesso. Para Joana Bernardes (2010), a casa pode contar a história do seu habitante, assim como as coisas que estão dentro dela. Sendo assim, é possível compreender um pouco mais a vida de alguém a partir do entendimento desse espaço e também do cenário que o compõe (os objetos). Afinal, a casa é onde o indivíduo pode ser ele mesmo, é o seu “canto”, onde não há tanta preocupação com o olhar dos outros. Sobre isso, Ecléa Bosi traz a seguinte reflexão:

[...] o espaço que ela vivencia, como o dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por influências mágicas. A mesa da família possui um lado onde é bom comer, o lado fasto onde senta-se mamãe e é agradável estar; no lado de lá, o retrato do tio-avô que me olha fixo, às vezes feroz, torna o lado nefasto onde eu recuso comida e choramingo. Tudo é tão penetrado de artefatos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é

perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver. (BOSI, 1994, p. 436)

Por isso se faz relevante entender um pouco desse local tão importante para os indivíduos e, no âmbito deste estudo para o entendimento do universo onde a própria Lyuba Duprat e seus objetos viviam. As narrativas de seus amigos e ex-alunos dão a dimensão da personalidade e do universo particular visíveis na sua casa e nos objetos que a cercavam, tanto na profissão, quanto na sua individualidade e vida cotidiana.

Por ser o espaço onde ela lecionava e também vivia o seu mundo particular, a casa de Lyuba passa a ser um item importante de compreensão, principalmente por estar presente nas narrativas dos entrevistados. Entretanto, nas entrevistas também se percebe que mesmo que as aulas fossem ministradas dentro de sua casa, poucos tinham acesso aos cômodos mais íntimos e a grande maioria dos alunos frequentava apenas a sala principal e, quando necessário, o banheiro. As características do lar da professora Lyuba Duprat são relevantes também pelo fato de atualmente não pertencer mais à família e não estar mais com as características da época de Lyuba. Posteriormente, veremos como essa relação híbrida entre público e privado da casa influencia na lembrança que os entrevistados possuem ou não dos objetos mostrados durante as entrevistas.

Todavia, o objeto de estudo desta pesquisa não é a casa e sim os objetos que a compunham e como eles fizeram parte da memória e da personalidade de Lyuba Duprat. O fato de entender um pouco da casa antes de falar sobre os objetos é para que se entenda todo o universo que a própria Lyuba vivia e também o espaço que os seus alunos frequentavam.

Lyuba Duprat morou em várias casas, mas a última delas ficava na Rua Major Carlos Pinto, na cidade do Rio Grande, ao lado do local onde antigamente funcionava a Escola de Belas Artes. Uma casa que, segundo os entrevistados, era “outro mundo”, onde se conhecia um pouco da personalidade e da vida de Lyuba. Nubia Hanciau escreveu um depoimento sobre a sua relação com Lyuba Duprat e sobre a residência de sua antiga professora:

Instalada à época em glamourosa casa pintada de rosa situada à Marechal Floriano Peixoto, 481 (telefone 158), o portão de ferro que antecedia a porta coberto por um caramanchão dava entrada a uma sala onde sentava à volta de uma mesa quadrada essa senhora que, como ninguém na cidade, acumulava vasto conhecimento em língua francesa, história da arte e cultura de modo geral (HANCIAU, 2015, s/ página).

Nubia Hanciau recorda, nesse trecho, uma das casas de Lyuba Duprat e conta com detalhes um dos primeiros cenários utilizados pela professora para ministrar suas aulas. Os demais entrevistados também lembraram com mais frequência dessa residência de Lyuba Duprat que, aparentemente, ficou mais marcada na memória dos ex-alunos da mesma época. Um dos aspectos mais recorrentes nas entrevistas é a lembrança dos móveis antigos, heranças de família e também a imensa quantidade de livros que iam desde a sala principal até o corredor da cozinha, como veremos posteriormente.

Os objetos constituem o cenário em que vivemos em suas mais variadas tipologias e funções. Segundo Abraham Moles, “o objeto é um dos elementos essenciais que nos cercam. Constitui um dos dados primários do contato do indivíduo com o mundo” (1972, p. 9). Os objetos fazem parte da nossa cultura material, principalmente se considerarmos o sistema econômico em que vivemos e o capitalismo da sociedade ocidental. Cada objeto passa por um processo de criação, fabricação, venda e compra, e, nesse processo carrega consigo uma diversidade de funções, significados e simbologias.

Da mesma maneira que os objetos fazem parte da construção de cada indivíduo, também são importantes para as culturas, tradições, religiões, manifestações culturais, etc. Alguns deles possuem um significado maior dentro de cada cultura, possuem um poder simbólico que não é o mesmo em outro lugar. A cultura material pode ser entendida como um testemunho histórico. O antropólogo Laurier Turgeon (2007, p. 14) identifica quatro abordagens sobre a cultura material: a primeira como um testemunho histórico, a segunda a partir de sua visão estruturalista e a semiológica do objeto, a terceira toma o objeto como ação social e, por último, o objeto como uma forma de expressão da memória.

Assim como Turgeon, o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses também defende que o objeto pode ser visto e entendido como documento e fonte de pesquisa. Para Meneses (1998, p. 95),

[...] o que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o suco de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. É, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda a operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o documento material deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica.

O autor ainda destaca que não devemos nos iludir achando que os objetos falam. Para Meneses, “o historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala”, e assim temos sempre uma interpretação documental, no caso, os objetos, que são reinterpretados e analisados pelo pesquisador. Tendo em vista que o objeto pode ser entendido como um documento, fonte de análise e de estudo de certo período histórico ou até mesmo da sua própria trajetória enquanto vestígio material, é possível fazer então um traçado desse objeto dentro de um esquema de compreensão do mesmo como produto de uma sociedade, mas igualmente índices pelos quais se pode traçar o percurso de uma vida ou de várias vidas.

Citamos aqui dois trabalhos que mostram de que maneira os objetos podem ser utilizados como ganchos biográficos, dando origem ao conceito de “objetos biográficos”, e, como narradores de histórias de vida e memórias. O primeiro deles é o trabalho da autora Alessandra Micalizzi (2012), que faz sua pesquisa com um grupo de sobreviventes do terremoto que aconteceu na Itália em 2009. Nela, a autora buscou entender qual a importância para seus donos dos objetos que sobreviveram e os que foram perdidos no terremoto e de que forma os sobreviventes do terremoto passaram a se relacionar com os objetos. Alessandra percebeu que os vestígios materiais que sobreviveram ao acidente passaram a ser representativos de uma vida pré-terremoto, representando uma identidade, as famílias, as histórias e memórias. Outro trabalho é de Janet Hoskins (1998), que faz um estudo antropológico com a comunidade de Kodi

na Indonésia a respeito da maneira que os objetos auxiliam nas narrativas biográficas dessa comunidade que inicialmente estava restrita ao diálogo com a antropóloga, mas que através dos objetos, passou a narrar suas histórias. Eles serviram como pontes, como narradores biográficos dos membros da comunidade, possibilitando, inclusive, o diálogo sobre assuntos evitados, como sexo e relação de poder.

Esses trabalhos mostram, de maneiras diferentes, a forte e a complexa relação dos indivíduos com seus objetos. Além disso, levam a compreender de que maneira os objetos auxiliam na narrativa de histórias de vida, na evocação de memórias e no fortalecimento de identidades. Entretanto, nesta pesquisa o foco não são as histórias de vida dos narradores, mas sim as suas memórias e narrativas de um sujeito terceiro – Lyuba Duprat. É claro que toda a narrativa, incluindo as realizadas aqui, contam, através de suas falas, um pouco também de suas histórias e memórias pessoais, mas o foco é a professora Lyuba, assim como seus objetos.

Ao falarmos da importância dos objetos para as pessoas e para as comunidades, falamos também da função simbólica que possuem. E para isso a noção de objeto semióforo, engendrada por Pomian (1984), se coloca aqui como ferramenta de compreensão do objeto para além de sua carga material e tecnológica – para o autor alguns objetos fazem a mediação entre o visível e o invisível.

Meneses (1994) analisa o objeto a partir da reflexão de Pomian e diz que estes servem

[...] para identificar objetos excepcionalmente apropriados e exclusivamente capazes de portar sentido, estabelecendo mediações de ordem existencial (e não cognitiva) entre o visível e o invisível, outros espaços e tempos, outras faixas de realidade (MENESES, 1994, p. 18).

Nesse sentido, o conceito de Pomian está, basicamente, ligado ao caráter simbólico de alguns objetos, capazes de estabelecer relação e uma representação entre o visível e o invisível. Nesse sentido, os objetos que serão analisados e discutidos neste trabalho são, principalmente, aqueles chamados por Pomian (1984) de semióforos, pois já não são utilizados por Lyuba Duprat de acordo com sua função original. Para o autor, os objetos possuem duas características principais: a de matéria (intrínseco) e espírito (extrínseco).

Neste caso, esta pesquisa irá se deter principalmente na questão “espiritual” e extrínseca dos objetos e não na sua materialidade. São objetos que, na maioria das vezes, já estão carregados de ‘invisibilidade’ detentores de algo considerado como “reliquia” no sentido de preciosidade e de significado, de objeto raro e simbólico, que deve ser preservado.

Corroborando as ideias de Laurier Turgeon e de Ulpiano Meneses, o autor Marcus Dohmann, em seu livro publicado em 2013 *A experiência material: a cultura do objeto: questões similares*, diz que os objetos são veiculadores de sentidos, imagens, significados e recordações. Eles

[...] alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. Objetos ou coisas sempre remetem lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (DOHMANN, 2013, p. 33).

Chamamos a atenção aqui para um ponto primordial nesta pesquisa: “objetos ou coisas sempre remetem lembranças de pessoas ou lugares” – é a partir deste ponto de vista que a pesquisa e a hipótese foram traçadas. Os objetos de Lyuba evocam lembranças em seus ex-alunos? Para Allan Radley (1994), apesar de alguns psicólogos reconhecerem o papel que os objetos têm na vida individual, os estudos referentes à memória e aos objetos ainda estão na marginalidade dos interesses desses e de outros profissionais que atuam nessa área. Segundo Radley (1994, p. 47), “Em um nível mundano, todos os dias no mundo muitos objetos estão inextricavelmente amarrados de memória”. O autor também reflete sobre os estudos realizados que mostram que muitos objetos fazem conexão entre passado e para estabilizar as identidades pessoais e coletivas.

Tratam-se então de objetos que estão ao redor dos indivíduos e que desde tenra idade auxiliam a construir suas identidades e personalidades, e, a fazer um elo com o mundo e também entre passado-presente-futuro. Não só carregados de memória, de personalidade e de histórias, os objetos podem estar carregados de significados e simbologias que representam a visão de mundo que o indivíduo tem e qual a sua relação com meio em que vive. Para Silveira e Lima (2005, p. 40), “o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja

ele qual for, porque está associado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida”. Dessa forma, é interessante pensar que se os objetos que Lyuba tinha e utilizava representavam sua personalidade e a diferenciavam das outras pessoas, seriam aqueles objetos ligados à experiência de Lyuba no mundo? Nesse sentido, todos os objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente objetos, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memória.

Tendo em vista essas colocações, podemos dizer que os objetos possuem uma carga memorial, histórica e identitária características, que são conceituadas por Igor Kopytoff (2008) como “biografia cultural” das coisas. O conceito do autor é utilizado por vários outros teóricos da área. Laurier Turgeon também utiliza o conceito de Kopytoff para analisar a “vida dos objetos”. Para Turgeon, “como os objetos materiais sobrevivem às pessoas, eles estruturam suas relações sociais com o tempo. Os objetos possuem suas próprias vidas, suas trajetórias, suas biografias que nós podemos reconstruir” (2007, p. 25). Octave Debary entende que o conceito de Kopytoff

[...] visa expressar a ligação entre humanos e não-humanos aos quais confiamos nossa existência e pedimos que vivam conosco. Seguir a trajetória dos objetos implica em se distanciar da noção de antroporfismo a fim de compreender como os objetos são atores, tal como os demais, da vida social.

Dessa forma, o conceito de “biografia cultural” que se assemelha aos conceitos “vida dos objetos”, “alma das coisas” e “objetos biográficos”, mostra como os objetos possuem uma forte relação com a memória e que eles podem ser vistos como narradores sobre os seus donos, onde é possível entender uma trajetória de vida de alguém a partir dos objetos.

Esse papel que o objeto tem, faz com que muitas vezes eles sejam vistos pelos seus donos, e por terceiros, como uma extensão de si mesmo, como um *extended-self* (Meneses, 1998, p. 96). O interessante desse conceito utilizado por Meneses (1998) é que ele categoriza os objetos como se fossem uma continuação de sua personalidade e da sua vida. O que corrobora a visão dos autores e das teorias discutidas acima, de que os objetos auxiliam na construção dos indivíduos e são fortemente carregados de memórias.

Sobre essa relação dos humanos com seus objetos e desses com a memória e identidade, Ecléa Bosi destaca que

[...] mais do que uma sensação estética de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição do mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. [...] São estes objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem como possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista [...]. (BOSI, 2005, p. 5).

Nesse trecho, Bosi utiliza a classificação de Violette Morin para caracterizar os objetos biográficos como aqueles que fazem parte da vida de alguém e auxiliam na construção de sua identidade e do seu lugar no mundo. Fazendo a relação entre os objetos e a memória, e estes como suportes de memória, Ferreira (2008) analisa os objetos e a sua relação entre memórias (individuais e coletivas) e a sua importância deles para a construção da sua identidade. No artigo intitulado *Objetos, lugares de memória*, a autora analisa contextos importantes, dentre eles, a relação simbólica e o caráter de relíquia que muitos objetos recebem. Ela utiliza como exemplo um ex-combatente da FEB e alguns objetos que foram adquiridos durante operações na Itália, como uma faca que o antigo combatente diz ter ganhado de um oficial alemão que conviveu com ele em um dos campos de refugiados. A localização da faca dentro da casa expõe o caráter simbólico e a importância que a mesma tem para ele e para sua família, pois é guardada em um cofre e enrolada em um tecido de veludo (FERREIRA, 2008, p. 27).

Além desse caso, a autora mostra a importância desses vestígios materiais para a memória. “No caso dos objetos como elementos de evocação, é importante também percebê-los como elementos de distinção, objetos biográficos fortemente carregados de um sentido, narradores, eles próprios da trajetória social de um sujeito” (FERREIRA, 2008, p. 25). Com tais reflexões expostas acima, podemos entender que os objetos chamados “biográficos” são aqueles que fazem parte da vida de alguém, que envelhecem com ele e compõem sua identidade, contribuindo para a construção e compartilhamento de suas memórias.

Ainda sobre a relação entre objetos biográficos, evocação, preservação e compartilhamento de memórias, Clêidna Lima fala que “a maior parte das

lembranças só é guardada graças a casa e, muitas vezes, à custa de fragmentos, objetos, sons, odores, uma infinidade de detalhes que funcionam como verdadeiros ‘arrimos de memória’” (LIMA, 2001, p. 40). Aqui, novamente percebemos como a materialidade das coisas pode “absorver” memórias e a presença dos objetos pode possibilitar ao sujeito a lembrança de histórias, pessoas e acontecimentos. Este é o cerne do exercício de evocação memorial através dos objetos, fazer, conforme a autora “arrimos de memória” com experiências vividas, lembradas e até por vezes esquecidas.

Acerca da relação íntima entre sujeito e objeto e as memórias presentes nessa relação, Anette Weiner (apud Gonçalves, 2005, p. 26) exterioriza a grande importância que os objetos têm na vida cotidiana dos indivíduos, como eles colaboram para a construção de identidades, histórias e memória e como os objetos auxiliam na relação entre passado, presente e futuro, conforme fora dito anteriormente. Para a autora, os objetos têm um papel importante nas relações sociais, na maneira com que se enxerga o mundo e como o mundo nos enxerga.

Com essa reflexão, podemos dizer que os objetos que nos rodeiam constroem o cenário que vivemos, não só na casa de cada um, mas nos lugares que frequentamos. Mesmo que haja uma mudança de casa ou que se pare de frequentar esses lugares, alguns objetos ficam marcados na memória – são referências do espaço. Ao nos deparar com esses objetos ou similares em algum lugar ou fotografia, fazemos a associação com aqueles que cercavam aquele cenário, lembramo-nos dos momentos que passaram e das pessoas que lá estavam. O mesmo acontece quando ao encontrar objetos que pertenciam a alguém, ou que se fala “é a cara dele (a)”, a presença da materialidade gera uma evocação de memória, memória de alguém, de algum lugar ou momento.

Os objetos de Lyuba Duprat utilizados nesta pesquisa mostram de que maneira, através da materialidade, as pessoas podem expressar sua personalidade, identidade e também estilo de vida. Aqueles trazidos aqui, e também aqueles lembrados pelos entrevistados, mostram a forte presença e a influência da cultura francesa na sua vida. Eles são testemunhos da fusão cultural, dos hábitos e costumes europeus que a professora possuía. Tal característica é lembrada pelos entrevistados que narram não só um pouco

da história de vida da professora, mas também do seu cotidiano e da sua personalidade vinculados aos objetos. A presença destes objetos a diferenciava das outras pessoas.

Nesse sentido, é praticamente indiscutível que esses objetos possuem uma relação forte e importante com a memória. Octave Debary (2010), em seu artigo “Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias”, também aborda a relação entre os objetos materiais e as memórias. Na visão do autor, isso acontece “porque são objetos materiais (tangíveis), mas também alterados (*junk*), que permitem uma passagem de testemunho cuja indefinição (estando alterados e vindos de outros) abre à redefinição possível do passado. Funcionam assim como “pontes” de uma memória coletiva ou individual”. (DEBARY, 2010, p. 7).

A reflexão de Debary demonstra, assim como a teoria de Allan Radley, que os objetos podem servir como ligação entre presente e passado e que funcionam como suportes de memórias. De certa maneira, a cultura material serve para construir a identidade e construir a imagem para os outros. Para Turgeon, “os objetos desencadeiam fortes experiências sensoriais e afetivas capazes de mobilizar ou desmobilizar as pessoas. Eles também permitem ao indivíduo dizer quem ele é e afirmar sua personalidade e sua integração social” (TURGEON, 2007, p. 24). Sobre a maneira como os objetos auxiliam na construção dos indivíduos e de suas personalidades, José Reginaldo Gonçalves apresenta a seguinte reflexão:

[...] a sugestão é que sem os objetos (materiais) não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas. Sejam os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais, sejam eles retirados de circulação cotidiana e deslocados para os contextos institucionais e discursivos das coleções, museus e patrimônios; o fato importante a considerar aqui é que eles não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam a percepção que temos de nós mesmos individualmente e coletivamente. (GONÇALVES, 2007, p. 27)

No entanto, nem todos os objetos estão na mesma categoria e possuem a mesma importância para o indivíduo e a sociedade. Para Radley (1994), alguns objetos foram especialmente criados com o intuito de serem recordações de algum lugar, são os chamados *souvenirs* que em francês

significam lembrar – aqueles objetos que são vendidos em pontos turísticos e que se compra para si ou para dar de presente para alguém. Mesmo que esses objetos possuam uma carga memorial e histórica, em um primeiro momento são um tanto diferente daqueles categorizados por Violette Morin como objetos biográficos.

Os autores Radley (1994) e Bachelard (1993) defendem que os objetos biográficos e memoriais também estão diretamente ligados à intimidade dos indivíduos. Alguns são extremamente íntimos e não estão expostos dentro do espaço domiciliar aos olhos dos visitantes. Esse ato de “esconder” as coisas também está relacionado às memórias, aos esquecimentos dos sujeitos e a capacidade de evocação que esses objetos têm. Quando os colocamos expostos aos nossos olhares, há um desejo de visualização, de presença e lembrança, e, provavelmente as memórias a eles vinculadas são boas e querem ser constantemente lembradas. O mesmo pode acontecer inversamente, quando escondemos aquilo que não queremos lembrar, que traz memórias doloridas e sofridas. Sobre essa intimidade dos objetos, Veronique Dassié traz a seguinte reflexão:

[...] e outro paradoxo, quanto mais as pessoas são próximas de seus objetos, menos elas dão detalhes do seu passado. Quando elas são diretamente concernidas pelo seu percurso por terem sido as testemunhas diretas de sua aquisição e conservação, elas são menos prolixas ainda sobre eles (DASSIÉ, 2010, p. 18). (DASSIÉ, 2010, p. 18, tradução nossa)<sup>6</sup>

Dessa maneira, os objetos funcionam enquanto testemunhas históricas, carregados de simbolismos e significados, como “pontes” de memória. Além disso, para Ulpiano Bezerra de Meneses

[...] o cerne da questão, para o historiador [...] é, acredito, que os artefatos estão permanentemente sujeitos a transformações de toda espécie, em particular de morfologia, função e sentido, isolada, alternada ou cumulativamente. Isto é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia (MENESES, 1998, p. 92).

---

<sup>6</sup> Trecho original: “Et autre paradoxe, plus les personnes sont proches de leurs objets, moins elles donnent de détails du passé de l'objet. Quand elles sont directement concernées par leur parcours pour avoir été les témoins directs de leur acquisition et de leur conservation, elles sont d'autant moins prolixes à leur sujet”.

Tal como apresenta Meneses (1998, p. 93) “a biografia dos objetos introduz um novo problema: a biografia das pessoas nos objetos”.

É a partir dessas reflexões que se concentra o principal marco teórico desta pesquisa e também o que vai nortear sua justificativa da pesquisa e a escolha das fontes. Nesse sentido, propõe-se uma visão dos objetos de Lyuba Duprat enquanto evocadores de memória. Acreditamos em sua grande importância na construção, no compartilhamento e no fortalecimento de suas memórias e da sua própria identidade.

## Objetos e Lyuba Duprat

De acordo com as informações obtidas através das entrevistas e dos documentos estudados, trazemos aqui uma apresentação inicial da professora Duprat e por que estudá-la a partir de seus objetos. Alice Lyuba Campello Duprat (1900-1994), mais conhecida como Lyuba Duprat, nasceu na cidade do Rio Grande no sul do Rio Grande do Sul. Destacada pela sua profissão, professora particular de francês, dedicou grande parte da sua vida ao ensino da língua francesa e da história da arte na cidade do Rio Grande (RS) e também no Rio de Janeiro (RJ). Neta de franceses e filha do médico Augusto Duprat, reconhecido na cidade pelo seu trabalho na medicina, essa professora viajou para França em 1912 para estudar a língua considerada por ela como “língua natal”. No retorno ao Brasil, em 1916, junto com o aprendizado da língua francesa Lyuba trouxe os traços de uma cultura europeia que passou a difundir através de seus cursos de língua, arte e civilização francesa. Essa atividade e vocação ficam expressas em diversos suportes e momentos, como é o caso da entrevista para a Rádio Universidade local<sup>7</sup>, quando Lyuba diz o quanto amava lecionar e como não saberia fazer outra coisa da vida.

Na docência Lyuba Duprat era conhecida pela sua capacidade intelectual, dedicação à profissão e rigor com os alunos. Nas narrativas os entrevistados mostram que ela era muito exigente com seus alunos no cumprimento das tarefas e também em boas maneiras, comportamento e

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada por Willy César pelo programa Memória, na Rádio Universidade (FURG), 1991.

pontualidade. Todavia, apesar de Lyuba ser rigorosa, também é lembrada pelo carinho e preocupação para com seus amigos e alunos. Pela sua dedicação à profissão, acabou obtendo alguns prêmios em reconhecimento à sua atuação profissional: o registro, no Livro dos Recordes brasileiro, como a professora que exerceu por mais tempo a docência, conforme o certificado disponível na *Salle de Documentation Lyuba Duprat*; as Palmas Acadêmicas do governo francês; e, o título de Professora *Honoris Causa* concedido pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG quase no final de sua vida. Sendo assim, Lyuba ficou conhecida na cidade pela sua profissão e também pela maneira como se mostrava ao público, considerada como um apanágio de sua francesidade. Ezio Bittencourt em seu livro “Da Rua ao Teatro”, fruto de sua dissertação de mestrado (PUCRS), sobre a vida social e cultural na cidade do Rio Grande, lembra dessa professora de francês e suas aulas,

[...] as aulas de francês - ou seria melhor, as “lições de vida” em francês – com a conhecida professora local Lyuba Duprat, intensificaram meu gosto pelas manifestações do espírito e pela história da cidade. No alto de seus noventa e tantos anos, mestre em língua e cultura francesas e em história da arte, a mente ainda lúcida e brilhante recordava, entre uma lição e outra, de um mundo passado: o Rio Grande do início do século XX, onde seus pais dirigiam-se elegantes em carro puxado a cavalo ao Teatro Sete de Setembro para assistir a Companhia de Operetas do maestro Lahoz. (BITTENCOURT, 1999, p. 19)

O trecho descrito por Bittencourt traz algumas palavras que são importantes para entender o contexto e a personalidade de Lyuba. Para Ezio, as aulas de Lyuba seriam “lições de vida” e ele a caracteriza como “a conhecida professora local” e “mente ainda lúcida e brilhante”. O depoimento do autor dá a dimensão de como a figura dessa professora particular estava vinculada ao aspecto cultural da cidade do Rio Grande desde os seus pais.

Nesse sentido, seja por sua carreira como professora, seja pela sua personalidade tida como marcante pelos entrevistados ou, ainda, pela relação com o seu pai, Lyuba Duprat ficou conhecida na cidade dentro de meios considerados portadores de certa erudição. Os relatos de ex-alunos e pessoas que conviveram com a professora são sempre pautados por dois elementos que podem ser considerados estruturantes: a forte personalidade e o mundo dos objetos que caracterizavam o lugar onde vivia e ministrava as aulas – espaço híbrido entre o público e o privado. Uma de suas ex-alunas, do período

em que ela lecionou na cidade do Rio de Janeiro, Maria Helena de Souza (2009) escreveu em seu *blog* sobre Lyuba:

[...] andava sempre de saia preta e blusa de cambraia branca. Os cabelos, quando saía de casa, sempre presos por uma rede cinza claro que ela amarrava no coque preso por alfinetes de tartaruga. Seus alunos só a chamavam de Mademoiselle – sem o nome. Os alunos que conheceu pequenos ela chamava de “*ma petite*” ou “*mon petit*”. Atrasos de mais de 10 minutos: telefonema para a casa do aluno. Bilhetes iam e tinham que voltar assinados pela mãe ou pelo pai. Só usava tinta roxa em sua Mont Blanc, quando essa marca não era moda, era apenas a melhor caneta-tinteiro. Os bilhetes, as cartas e os cartões enviados da França eram reconhecidos à distância, pela cor da tinta. Para as correções em nossos cadernos, lápis vermelho grosso. Fecho os olhos e ainda vejo o **Répétez!**

Essa citação mostra um pouco da importância desses objetos na construção da personalidade de Lyuba e principalmente a relação que eles tinham na sua vida cotidiana. A ex-aluna, em um pequeno trecho, consegue elencar alguns objetos que faziam parte da vida da Lyuba e conseqüentemente de suas aulas e da relação com seus alunos, e, que ficaram marcados na memória de Maria Helena, são eles: a caneta-tinteiro, a saia, a blusa, a rede no cabelo e os alfinetes de tartaruga. Dessa maneira, é possível perceber que a imagem da Mademoiselle Lyuba Duprat, que segundo Maria Helena era como gostava de ser chamada, possui uma relação forte com os objetos que a cercavam, sejam objetos de vestir, decorativos ou domésticos.

Além de Maria Helena, as entrevistas mostram o quanto os objetos foram importantes para a construção da personalidade de Lyuba e como eles influenciam nas memórias de seus ex-alunos. As lembranças são sempre rodeadas pela cultura material, principalmente aqueles objetos de indumentária que ela utilizava sempre, confirmando a teoria de Meneses (1999) daqueles objetos *extended-self*<sup>8</sup>.

Segundo os relatos, Lyuba lecionou até os últimos dias de sua vida, inclusive depois de perder praticamente toda a visão. Mesmo quase sem enxergar, recebia os alunos em sua casa para as aulas e tinha a ajuda de Ricardo Antônio Soler, seu ex-aluno, amigo e inventariante, para as correções

---

<sup>8</sup> O conceito, Segundo o autor, estaria ligado à capacidade identitária dos objetos, servindo como uma extensão dos sujeitos, de suas identidades e personalidades.

e leitura dos textos. Depois de sua morte, parte dos seus objetos e fotografias foi doada para duas instituições no município: o Museu da Cidade do Rio Grande e para a Fototeca Municipal Ricardo Giovanini. Entretanto, alguns objetos foram repassados para seus familiares, sobrinhos, sobrinhos-netos, e primos que moravam em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Alguns amigos também receberam estes objetos, alguns ainda quando estava viva, como uma demonstração de carinho por aqueles que eram mais próximos a ela. Além disso, outros objetos foram vendidos para antiquários a fim de arrecadar dinheiro para pagar as despesas *post mortem*.

Em 1995 foi inaugurada a Salle de Documentation Lyuba Duprat na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Uma iniciativa de uma professora da área de língua francesa, Nubia Hanciau, e igualmente amiga e ex-aluna de Lyuba Duprat. A ideia de doar parte dos objetos de Lyuba para o Museu partiu dos inventariantes, por saberem do significado que esses objetos tinham para ela e, também, por serem, em grande parte, objetos raros e de grande beleza estética.

## Capítulo II

### **A construção das pontes: Lyuba Duprat através das memórias, narrativas e objetos**

Nesse capítulo apresentaremos a trajetória de Lyuba Duprat construída a partir dos depoimentos de sujeitos enquadrados na categoria de ex-alunos ou amigos pessoais. É fundamental ressaltar que não foi desenvolvida uma pesquisa de natureza biográfica e sim o recolhimento de impressões e informações manifestadas pelos informantes. A opção por não realizar um estudo biográfico deu-se por uma razão fundamental: a de não colocar o foco central da pesquisa na vida pessoal da professora e sim nas representações e memórias evocadas sobre ela e a partir dos objetos que acompanharam sua existência.

Os princípios teóricos que regem este capítulo dizem respeito à importância das narrativas orais para a memória e de que maneira essas influenciam e são influenciadas uma pela outra. O aporte teórico e empírico também está direcionado para compreender os exercícios memoriais que os objetos causam nos indivíduos entrevistados.

A realização das entrevistas possibilitou não apenas conhecer Lyuba Duprat através das narrativas, mas aferir a capacidade que possuem os objetos de atuarem enquanto evocadores de memória, aproximando-se do sentido de sociotransmissores definido por Joel Candau. O autor define sociotransmissores como elementos tangíveis ou intangíveis que favorecem as conexões e são indispensáveis para a transmissão memorial (CANDAU, 2009, p. 52). As entrevistas foram realizadas em dois momentos: em um primeiro momento o entrevistado foi conduzido a uma narrativa livre a respeito da pessoa e personagem Lyuba Duprat. Em um segundo momento foi aplicada uma entrevista de caráter semiestruturado, na qual questões mais pontuais foram apresentadas aos informantes, finalizando com a apresentação das fotos dos objetos.

Em ambos os tempos, alguns dos entrevistados descreveram diversos momentos e fatos de sua trajetória de vida e dados do período em que Lyuba morou na França, demonstrando que se apropriaram de diferentes formas e em

diferentes momentos, da memória que o próprio sujeito supracitado – Lyuba Duprat – havia referenciado do seu passado.

Na segunda parte da entrevista, o entrevistado teve acesso às fotografias dos objetos que estão no Museu da Cidade do Rio Grande e na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat (FURG) e, também, aos seus retratos que fazem parte do acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovanini. Sendo assim, essa história de vida é narrada por meio do diálogo entre as histórias contadas pelos entrevistados, que apareceram livremente, e as narrativas que surgiram dos objetos e de outros dados bibliográficos.

A opção por separar os momentos da entrevista (entrevista livre e posteriormente com a visualização dos objetos) se deu para que fosse possível analisar, de maneira mais detalhada, como os objetos foram ou não inseridos nas narrativas e se eles funcionaram como evocadores de memórias. A análise das falas da primeira parte das entrevistas permitiu perceber se os objetos aparecem espontaneamente na narrativa do entrevistado, não só aqueles pertencentes às instituições pesquisadas, mas também os que fizeram parte da vida cotidiana da professora e que contribuíram para a construção de sua personalidade, da mesma maneira que foram importantes e permaneceram como ícones memoriais.

As lembranças expostas oralmente nas entrevistas durante a visualização das fotografias são maneiras possíveis de entender se os objetos funcionam como evocadores de memórias e de que maneira isso acontece. Além disso, também permite perceber se os objetos são reconhecidos como sendo da professora ou se não são associados à sua figura.

Essa análise é relevante para entender as situações e memórias evocadas por meio dos objetos, não só daqueles que estão sendo mostrados nas fotografias, mas também a evocação e a conexão com outros objetos e histórias. Cada caso foi analisado individualmente e depois em conjunto, pois a comparação das entrevistas permite ter uma ideia geral de quais os objetos foram mais lembrados e menos lembrados, quais geraram mais recordações, e, quais as similaridades e diferenças de cada narrativa.

A relação entre memória e narrativa é extremamente forte. Ao narrar algo para alguém, fazemos uma reconstrução do fato acontecido que está sendo narrado e esta narrativa é feita a partir de uma remodelagem da

memória. Nesse processo, o narrador expõe aquilo que ele quer que as pessoas saibam, pensando sobre o que ele quer que os outros imaginem dele e da sua história. Dessa forma, contar e recontar histórias e lembranças do passado faz com que a memória se atualize e a recordação desses acontecimentos também.

O mesmo acontece quando se narra a história da vida de outra pessoa. Primeiro realizamos uma interpretação sobre a vida dela e depois narramos a partir dos conceitos, vivências e olhares próprios. Nesse processo há uma seleção consciente e inconsciente que também são influenciadas na imagem que queremos construir e compartilhar daquela pessoa. Ou seja, todos os entrevistados, enquanto contam as suas histórias e memórias de Lyuba Duprat, inserem, com ou sem intenção, sua interpretação e “modelagem” de suas memórias.

Thomson (1997) destaca a importância de narrar e de contar histórias para a memória e também para a formação e afirmação da identidade, já que, para o autor, uma é influenciada pela outra. O ato de narrar é contar para os outros e para si mesmo as histórias e memórias que se quer ouvir, falar e que se quer que faça parte da vida e da memória.

Essa espécie de “manipulação” do passado e a composição de reminiscências faz parte de um processo, para que seja um passado com o qual se consiga viver. Thomson caracteriza esse processo como composição, que, “pode ser baseada em bloqueios e exclusões, nunca é plenamente alcançada; é constantemente ameaçada, abalada, despedaçada”. (THOMSON, 1997, p. 58)

No entanto, devemos ter em mente que quando falamos em memória, identidade e narrativa, falamos também em esquecimento, conforme dito anteriormente. A narrativa também está repleta de esquecimentos, uma vez que,

[...] o trabalho da memória, é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo. Por essa razão, a totalização não é uma soma, contrário ao que acredita o narrador. Através dos ‘efeitos de iluminação’ narrativos, o locutor ilumina episódios particulares da vida, deixando outros na sombra (CANDAU, 2012, p. 76).

Dessa maneira é possível perceber que as narrativas estão repletas de subjetividade e de intervenções memoriais, sobre as quais o pesquisador deve estar ciente. Quando se opta por utilizar a oralidade na sua pesquisa, é preciso ter em mente que toda a narrativa é carregada de uma subjetividade e de um trabalho memorial-identitário muito forte. No entanto, isso não deve ser visto como aspecto negativo da oralidade. Os esquecimentos, os desvios de narrativa, os movimentos e as expressões corporais fazem parte da sua complexidade e podem ser utilizados também como fonte de estudo e de observação do objeto pesquisado.

A posição de Verena Alberti (2010) frente à utilização da oralidade para as pesquisas, principalmente na área da História, mostra a importância das narrativas para entender a associação com a memória e a identidade. A maior crítica feita pela autora sobre a utilização das fontes orais se dá pela sua variabilidade e provável falta de veracidade, referindo-se ao fato de que as narrativas podem “facilmente” sofrer interferência do momento em que ocorrem, evidenciando uma forte subjetividade.

Sobre essa comparação entre a utilização de fontes orais e sobre a veracidade da oralidade, Michel Pollak (1992) argumenta que a memória é construída socialmente, assim como os documentos também são, logo, a “fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita” (POLLAK, 1992, p. 8).

Todas as coisas narradas e não narradas (lembradas e esquecidas) associam-se, em princípio, a um trabalho consciente ou não de seleção elaborada pelo sujeito narrador. A compreensão das lógicas que presidem a essas seleções pode, numa pesquisa centrada essencialmente sobre o conteúdo narrado, desvendar mecanismos de obliteração e razões para que isso ocorra. Entretanto, e nisso se enquadra esta pesquisa, não necessariamente é preciso adentrar nas motivações pessoais dos narradores e sim no fato narrado. É nessa perspectiva que se prioriza a conexão entre a narrativa e a identidade.

A maneira pela qual Lyuba Duprat é lembrada e quais as características que são ressaltadas e omitidas nas falas dos entrevistados também devem ser levadas em consideração durante a pesquisa. Quando falamos dos amigos e familiares, tendemos a omitir os aspectos negativos dessas pessoas, principalmente quando há o sentimento de saudade ou de afeto. Da mesma

maneira, a narrativa também pode mudar quando se fala de alguém que já faleceu, pois a morte pode alterar a sua imagem na memória. Para Candau as memórias de alguém *post mortem* podem alterar bastante,

[...] a prosopopéia memória apresenta várias características de *Exemplum*: idealização, personagens-modelo nos quais são mascarados os defeitos e enaltecidas as qualidades, seleção de traços de caráter julgados dignos de imitação, “lendas de vidas” *post mortem* que podem fabricar deuses [...] transcendendo as qualidades pessoais do defunto “através de um modelo que combina com arquétipos e estereótipos” (CANDAU, 2012, p. 43).

Por isso, o fato de que as entrevistas foram realizadas quase vinte anos após a morte de Lyuba Duprat acabou influenciando, inevitavelmente, a imagem que os seus ex-alunos construíram e narraram durante as entrevistas, podendo-se observar que determinadas características são reforçadas em detrimento de outras que, ao serem mencionadas, poderiam ser tomadas como críticas ou mesmo desqualificações.

Essas obliterações da memória ou mesmo algumas deformações do fato lembrado são ressaltadas por Michael Pollak (1989) em seu texto “*Memória, esquecimento, silêncio*” no qual traz reflexões sobre a questão do dizível e do indizível, tomando como exemplificações alguns grupos que experienciaram vivências traumáticas como a guerra.

Pollak busca abordar a ideia de que o silêncio, o não dito, também pode demonstrar o trabalho e a presença de memória. Nesses casos não se trata do esquecimento de algo, mas sim de recusar-se a falar sobre esse algo. Tanto o dizível quanto o não dito estão cobertos de sentimentos positivos e/ou negativos que se associam à memória e a identidade

Tendo em vista as reflexões iniciais feitas sobre a relação entre memória e narrativa e as alterações que podem sofrer de acordo com o assunto, de quem se está falando e para quem, iniciamos a exposição e a análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa. Conforme dito anteriormente, as entrevistas vão narrar, juntamente com os objetos, a vida de Lyuba e mutuamente poderão servir de análise a respeito da relação entre objetos e memória.

História de vida: entre objetos e narrativas.

A relação entre objetos, memória e narrativa é um tema que começa a ter grande destaque no âmbito das Ciências Humanas (MICALIZZI, 2012). São inúmeras as reflexões que abordam esse tema, por exemplo, a obra de Alessandra Micalizzi, já citada anteriormente, que em seu texto “Ogetti, memoria e trauma: narrazioni e biografie intorno alle cose”, não só apresenta referencial teórico sobre o assunto, mas a sua pesquisa em si trata da relação entre objetos, memória e identidade no grupo de sobreviventes do terremoto em Abruzzo (Itália)<sup>9</sup>.

Micalizzi realizou entrevistas com 25 sobreviventes do abalo sísmico e também analisou as cartas escritas por eles escritas para compreender como a relação desse grupo com os objetos perdidos e encontrados, e, qual o papel dos objetos na elaboração do trauma do terremoto, tentando entender de que forma a perda dos objetos materiais auxiliou ou não na constituição de um trauma (MICALIZZI, 2012, s/página).

Os objetos foram vistos pela autora como uma forma de mediação e de fronteira entre o tempo anterior e posterior ao terremoto. Serviram como fonte interpretativa para compreender as mudanças sentimentais, afetivas, memoriais e identitárias, envolvendo os vestígios materiais e os sobreviventes do abalo. Tornaram-se objetos biográficos e narradores, pois através deles os sujeitos passaram a evocar memórias individuais e coletivas.

Nesta parte do trabalho, mostraremos os trechos das entrevistas realizadas, recortadas e organizadas em três momentos que caracterizam a personalidade de Lyuba Duprat: a ida para França e o estudo no Liceu; a volta para o Brasil e o começo da profissão de professora; e, a sua característica como pessoa caprichosa em relação à sua imagem pessoal imagem do feminino e da cultura europeia. A escolha dessa divisão foi feita a partir das características da professora mais recorrentes nas falas dos ex-alunos.

---

<sup>9</sup> MICALIZZI, Alessandra. **Ogetti, memoria e trauma: narrazioni e biografie intorno alle cose.** In: M@gm@; janeiro-abril 2012, Vol. 10. Disponível em [http://www.magma.analisiquantitativa.com/1001/articolo\\_04.htm](http://www.magma.analisiquantitativa.com/1001/articolo_04.htm)

Os entrevistados, conforme dito anteriormente, foram pessoas próximas à Lyuba, em sua maioria ex-alunos que se tornaram amigos e frequentadores da sua casa. Cada um teve uma maneira diferente de narrar a sua história e a sua relação com ela, mas todos a conheceram em razão da profissão.

Neste capítulo, os objetos se entrelaçam às narrativas, jornais e fotografias, juntos narram uma história de vida de Lyuba Duprat um tanto diferente, pois baseada principalmente nos objetos que a envolviam. Para conhecer um pouco de cada entrevistado e a maneira pela qual eles a conheceram, criamos uma tabela (Apêndice n. 1) com as informações dos entrevistados e um breve histórico da sua relação com a professora.

A título de apresentação é importante fornecer alguns dados sobre a trajetória de Alice Lyuba Campello Duprat, que nasceu na cidade do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, em 27 de junho de 1900, sendo filha do médico pernambucano Augusto Duprat<sup>10</sup> (06/11/1886) e da rio-grandina Maria Isabel Campello de Sá (20/09/1887) e neta de franceses. Alice Lyuba teve três irmãos: Augusto Luiz Campello Duprat, Aline Campello Duprat e Ailza Campello Duprat.

Até os 12 anos de idade, Lyuba Duprat recebeu aulas com professores particulares na cidade e não frequentava as escolas locais, segundo informações fornecidas pela própria professora em entrevista na Rádio FURG. Esta entrevista foi realizada em 1991 pelo programa “Memória” da Rádio Universidade Federal do Rio Grande (FURG) pelo jornalista Willy César<sup>11</sup>. Nessa ocasião, Lyuba Duprat enfatizou que o recurso a professores particulares era algo usual em determinados estratos sociais em razão da ineficiência das escolas locais. Segundo ela,

[...] eu gostava muito de estudar, e os colégios daqui... Não havia realmente nenhum colégio bom aqui, meu pai não nos deixava ir para esses colégios. Nós tínhamos professores

---

<sup>10</sup> Lyuba Duprat era filha de um médico reconhecido na cidade por seus trabalhos principalmente com crianças e com os tratamentos de cura e de prevenção da peste bubônica. Augusto Duprat também foi um dos fundadores do Hospital da Santa Casa do Rio Grande. Atualmente, as homenagens para Augusto Duprat são dentro da cidade: nome em escolas, praças, ruas e casas beneficentes, devidas principalmente ao seu trabalho e reconhecimento como médico local.

<sup>11</sup> Lyuba Duprat. Rio Grande/RS. Julho de 1991. Entrevista concedida à Rádio Universidade – FM, Programa Memória, Jornalista Willy César.

particulares, afinal, veio a companhia francesa aqui para o Rio Grande, e a filha de um engenheiro que estudava em Paris, e eu supliquei a meu pai que me deixasse ir também. Então, meu pai consentiu e eu fui seguir o curso de ginásio em Paris (Entrevista Lyuba Duprat, 1991, Rádio FURG).

O ensino para crianças, principalmente meninas, no final do século XIX e início do século XX pautava-se por apresentar diferenças entre os gêneros, tais como: para os meninos o ensino de geometria e matemática e para as meninas o ensino do bordar e costurar (LOURO, 2012). Entretanto, para fugir do padrão escolar e curricular das escolas para meninas, as famílias com maiores condições financeiras utilizavam as aulas particulares como suporte ao ensino, ministradas nas casas das famílias dos estudantes, o que segundo Louro:

[...] para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas (LOURO, 2012, p. 446).

Nessa citação chamamos a atenção para o ensino do piano e do francês, que eram características de um bom ensino e um dos fatores que permeiam o conceito de distinção social trazida por Pierre Bourdieu, e, que igualmente caracteriza a trajetória social de Lyuba Duprat. Entre os documentos encontrados no Museu da Cidade do Rio Grande, estão alguns recibos de pagamentos das aulas particulares que Lyuba teve em Rio Grande antes de ir para França, como mostra a Figura 1:



Figura 1: Comprovante de pagamento aula particular, 1911.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Conforme diz o comprovante de pagamento, “O Sr. Dr. Augusto Duprat deve a Aurelia Costa e Zica Costa, Ensino a sua filha Alice Lyubá durante o mez corrente 10\$000”. Assim como o uso de professoras particulares na substituição de escolas normais era frequente, o estudo em países estrangeiros, principalmente na Europa, também o era, nas famílias com um maior poder aquisitivo. Sobre as escolas e o ensino na cidade de Rio Grande, Santos (2012) advoga que:

[...] até 1905, os jovens nascidos em Rio Grande, para prosseguir seus estudos, deveriam mudar-se de cidade para matricular-se em um Ginásio, sendo que, o destino escolhido pelas famílias ricas para seus filhos era o Ginásio D. Pedro II, no Rio de Janeiro ou mesmo a França (SANTOS, 2012, p. 7).

O caso de Lyuba não era exclusivo, podendo ser observado igualmente nas famílias que tinham condições financeiras de pagar os estudos no Rio de Janeiro, ou ainda, na França. Assim como Lyuba, outros jovens rio-grandinos também foram estudar no exterior, como ela mesma evoca durante entrevista dada ao periódico *Rio Grande Fatos em Revista* em 1994: “Quando eu estava em Paris, as Lawson estudavam na Inglaterra, Inah Martensen na Alemanha e Julia Llopart na Espanha. Nunca estive em uma escola aqui. Paris é, para mim, como estar em casa. Sempre que podia, juntava um dinheirinho e voltava. Estive lá pela última vez há sete anos” (*Rio Grande Fatos em Revista*, 1994, p. 5).

“*Paris é para mim como estar em casa*”: A França e o Liceu – o aprendizado da língua e da cultura

Durante a entrevista, Ricardo Soler se lembra do fato que, no mesmo período no qual Lyuba estudou na França, outros jovens de famílias mais abastadas da cidade também se deslocaram para os países da Europa. Ele relembra da ida de sua amiga e professora para França, “[...] ela foi pra Paris em 1912, porque naquela época as famílias que tinham algum dinheiro mandavam os filhos para estudar na Europa pra estudar lá. Então daqui de Rio Grande ela foi para Paris, a Inah e a dona Ida foram pra Alemanha”. Lyuba é sempre lembrada pela forte relação que tinha com a França. Lyuba Duprat foi

então à Paris e lá estudou de 1912 até 1916 no Lycée Victor Duruy, fundado em 1866, cujo nome que faz homenagem ao Ministro da Instrução Pública de Napoleão III.



Figura 2: Lycée Victor Duruy, França. Sem data  
Fonte: <http://lyceeduruy.fr/>

Relembrando sobre o período que estudou na França, a própria Lyuba diz “Le Lycée Victor Duruy, ainda é um dos grandes colégios da França”. (Entrevista Lyuba Duprat, 1991, Rádio FURG). Segundo o site oficial do Liceu, a instituição foi fundada no século XIX e era inicialmente dedicada ao ensino e educação de jovens meninas. O Liceu funcionava como uma espécie de internato, mas segundo Lyuba Duprat<sup>12</sup> os jovens tinham a liberação controlada para fazer alguns programas culturais fora da instituição, como ir ao teatro, por exemplo. Em uma matéria da *Rio Grande em Fatos Revista* de 1994, Lyuba relembra o dia que chegou em Paris “Ainda me lembro bem. Cheguei lá em uma noite de inverno. Fazia frio e nevava muito. Gostei, me adaptei e fiquei feliz por lá durante quatro maravilhosos anos. Ainda peguei dois anos de guerra”<sup>13</sup>.

O entrevistado Tabajara Almeida, recordando de uma das viagens que realizou a Paris e onde visitou o Liceu Duruy diz que “a gente foi passar um

---

<sup>12</sup> Lyuba Duprat. Rio Grande/RS. Julho de 1991. Entrevista concedida à Rádio Universidade – FM, Programa Memória, Jornalista Willy César.

<sup>13</sup> *Rio Grande Fatos em Revista*, Rio Grande, 1994, p. 4

tempo em Paris e passamos no Liceu no qual ela estudou... e isso me comove, passar na frente do Liceu dela. E até hoje a gente vai nos museus, e ela está presente sempre [...]”<sup>14</sup>. Através da fala de Tabajara é possível perceber o significado que a França, Paris e os locais que Lyuba frequentava, tinha para seus alunos e amigos.

Lyuba estudou no Liceu durante quatro anos (1912-1916), incluindo os dois primeiros anos da Primeira Guerra Mundial (1914-1916) – fato que, segundo os entrevistados, marcou muito a sua personalidade. Como lembra Ricardo Soler, “[...] e ela ficou 4 anos lá – dos doze aos dezesseis – ela falava muito sobre esse período, para ela foi o melhor período na vida dela, e aí ela falava quando estava em aula e ouvia os tiros dos canhões – no tempo da guerra. Aí um dia perguntei que guerra é essa que a senhora fala? A primeira guerra [Risos]”<sup>15</sup>.

O período da Primeira Guerra Mundial marcou não só a vida de Lyuba Duprat como de todos os que estudavam no Liceu, pois ele serviu como hospital que atendia os soldados feridos durante os combates. A chamada Guerra Total ou Grande Guerra, apesar de ser uma guerra de trincheiras, acabou modificando a vida e o cotidiano de todos na região. Em específico aos dos jovens estudantes de muitos colégios, como é o caso de Lyuba, que acabaram auxiliando e participando diretamente de circunstâncias relativas aos combates.

Essa vivência da guerra se apresenta sob diferentes formas, o que se pode ler no livro publicado por alunos do próprio Liceu Victor Duruy intitulado “Le Lycée Victor Duruy dans la Grande Guerre (1914-1918)”<sup>16</sup>. O livro descreve toda a trajetória do Liceu durante a Grande Guerra, dando ênfase aos combatentes que foram acolhidos no estabelecimento no período dos conflitos.

Conforme a obra (p. 4), as primeiras iniciativas de atendimento foram dadas por enfermeiras que receberam, no estabelecimento escolar, cerca de

---

<sup>14</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

<sup>15</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS.

<sup>16</sup> Le lycée Victor Duruy dans la Grande Guerre (1914-1918), Élèves de 1ère ES1 et 1ère L arts plastiques 2008/2009, França, sem data. Disponível no site <http://lyceeduruy.fr/lycee-duruy/historique-lycee/>. Acessado em 24 de março de 2014.

500 soldados alemães feitos prisioneiros. Após essa primeira experiência, outros feridos e pessoal de cuidados foram acedendo ao Liceu, que dessa forma acabou se convertendo em “Lycée-hôpital”<sup>17</sup>. Durante esse período, aos poucos a escola foi adaptada para dar conta do grande número de enfermos que chegavam ao local. Segundo a publicação, uma sala de radiografia e uma farmácia também foram criadas nesse momento. Logo, é possível ter uma dimensão de como a rotina relacionada à guerra influenciou os estudantes do Liceu, e, conseqüentemente, a vida de Lyuba. Dada a importância de tal fato para a história da escola, foi realizada a construção de um monumento em homenagem àqueles que morreram durante o período da guerra e que passaram pelo tratamento dos profissionais no Duruy, como mostra a imagem abaixo (Figura 3).



Figura 3: Monumento aos que morreram lutando pela pátria, sem data.  
Fonte: Fonte: <http://lyceeduruy.fr/>

O cotidiano e a convivência com a guerra durante esse período foi narrado por Lyuba Duprat em um dos seus cadernos<sup>18</sup>. Lyuba escreveu várias passagens, anotações e algumas narrativas como uma espécie de diário. Nesse manuscrito, que recebe o título de “A Revista de 14 de Julho de 1916”, Lyuba conta com suas palavras alguns aspectos do cotidiano de quando estudava no Liceu e convivia com a guerra:

---

<sup>17</sup> Tradução livre da autora: “foi assim que os barracões da escola Duruy foram convertidos em Liceu Hospital”.

<sup>18</sup> Estes cadernos são manuscritos de Lyuba Duprat de diversos períodos, onde ela anotava alguns textos como diários e outros redigindo sobre algum tema que a interessava. Esses manuscritos fazem parte do acervo da Salle de Documentation Lyuba Duprat – FURG.

Amanheceu triste e chuvoso o dia 14 de julho de 1916. O governo francez em vista do estado actual de guerra, resolveria não dar um caracter festivo à habitual revista das Tropas, ficando decidido que tudo se passaria pela manhã, na Esplanada dos Inválidos, tomando parte no desfile, tropas de todos os paizes aliados. Outr'ora esta cerimônia era consagrada exclusivamente ao exercito de Paris Pela manhã, muito cedo, ouvimos sons de cornetas e fomos para as janellas do collegio que davam para os Invalidos. O golpe de vista era lindo, infelizmente cahia uma neblina fina e desagradável. Na parte das tropas, vinha um general francez seguido por soldados de infantaria, vestidos de azul claro, cor adaptada para a guerra e com casacos de aço da mesma côr. Em seguida vinham artilheiros, tropas africanas, zuavos com suas largas calças, homens bronzeados e de aspecto resoluto (DUPRAT, 1916).<sup>19</sup>

Nesse trecho, Lyuba conta um pouco dos aspectos diários de quem convivia com a guerra e mostra, também, a proximidade do Liceu com pontos marcantes no período, sendo possível ver da janela a rotina do lugar. Entretanto, a experiência de presenciar uma guerra e de estudar em um lugar onde alguns soldados machucados eram recebidos, influenciou a vida de Lyuba Duprat e pode ser percebida na própria fala de alguns entrevistados: caso da professora Berenice Avancini, que relembra de alguns momentos e características da vida de Lyuba:

[...] ela tinha opiniões muito fortes, era uma pessoa muito avançada pra época, viveu a primeira guerra em Paris, aprendeu a fazer meias de tricô, ficou em colégio interno, e contava muito sobre a história dela junto com a literatura, junto com a história francesa <sup>20</sup>.

As meias lembradas por Berenice Avancini, aprendizado adquirido durante a Primeira Guerra Mundial, também foram lembradas por outros entrevistados. Ricardo Soler e Flavio Hanciau receberam de presente da professora Lyuba ainda em vida. Em sua residência Flavio ainda guarda em uma caixa especial as meias tricotadas por Lyuba Duprat, conforme imagem a seguir:

---

<sup>19</sup> Trecho retirado do Caderno de Anotações de Lyuba Duprat, disponível para consulta na Salle de Documentation Lyuba Duprat. Manteve-se a grafia original da época.

<sup>20</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS. As meias tricotadas pela então jovem Lyuba para enfrentar os rigorosos invernos do período da guerra, foram objeto de presente ofertado pela professora aos seus ex-alunos Ricardo Soler e Flavio Hanciau.



Figura 4: Meias de tricô  
Fonte: Nubia e Flavio Hanciau, 2015.

A fala de Berenice traz alguns aspectos interessantes sobre a imagem e a vida de Lyuba, pois a entrevistada relaciona o fato de ter vivenciado o clima da guerra e de ter presenciado este conflito em Paris com o fato de ela ter uma personalidade forte. Ela associa que o fato de Lyuba ter vivenciado a Guerra em Paris e, portanto, toda uma situação de exceção e liminaridade, conferiu a ela traços muito avançados para a sociedade brasileira de época. A sua forte proximidade com a França e com a cultura francesa também está presente quando ela diz “e ela contava muito sobre a história dela junto com a literatura, junto com a história francesa”. Lyuba Duprat, durante suas aulas, ensinava tanto a literatura quanto a história francesa, mas nesse processo fazia relações com a sua própria trajetória. Ainda sobre a Primeira Guerra, relembra Ricardo:

[...] outra coisa que eu me lembrei agora, para te mostrar um pouco da personalidade dela... ela ajudava muito as pessoas. Nesse período que ela estava na França, no período da guerra, trabalhou na Cruz Vermelha, e escrevia para os feridos. Eles não podiam escrever, ditavam e ela escrevia. Na sala dela tinha um quadro (não me lembro onde está o quadro, não sei pra quem foi) com o que ela denominava de afilhados de guerra, com alguns ela chegou a manter correspondência <sup>21</sup>.

A guerra ocupou boa parte do período vivido pela professora no Liceu Victor Duruy. Porém, há relatos de períodos anteriores, como, por exemplo, o baile de carnaval em 1913, onde a turma de alunas se reuniu para tirar uma fotografia com suas respectivas fantasias de carnaval. Essa fotografia faz parte

---

<sup>21</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS

do acervo da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat. Atrás da imagem Lyuba teve o cuidado de escrever os nomes e sobrenomes de todas as suas colegas que nela aparecem, junto com suas nacionalidades.



Figura 5: Baile de Carnaval, 1913.  
Fonte: Salle de Documentation Lyuba Duprat

Ricardo Soler, falando sobre alguns documentos e fotografias que a professora conservava dessa temporada francesa, conta que muitos deles foram entregues pessoalmente ao Liceu *Victor Duruy* como uma espécie de retorno para a instituição de algo que ficou por muito tempo do outro lado do oceano. Ao falar sobre a devolução, Ricardo diz que “numa dessas fotos aparecia ela com toda a turma, num baile de carnaval e ela escreveu atrás cada pessoa numerada, e colocou o nome de cada um. Isso o colégio não tinha mais, e eles iam tentar entrar em contato com essas famílias. Para eles foi um achado, uma relíquia”<sup>22</sup>.

Por meio dessa narrativa, apesar da pouca presença de objetos, é possível perceber a relevância e entender o período em que Lyuba morou na França, estudou no Liceu e de que forma isso influenciou em sua vida e personalidade. Em todas as entrevistas realizadas, mesmo nos momentos onde a narrativa dos ex-alunos é livre, a característica que é mais ressaltada e acaba sendo norteadora de toda a vida de Lyuba é a sua ida para França para a realização dos estudos. O que fez com que trouxesse em seu retorno, uma

---

<sup>22</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS

forte influência da cultura francesa e o domínio do idioma, o que determinou a escolha da profissão que a acompanhou até o final da vida.

*“Écoutez et répétez”*: cadeiras, canetas e livros - a vida de professora de francês

Em 1916 Lyuba Duprat retorna ao Brasil. E nas anotações de seu caderno ela conta a rotina da guerra, mostrada anteriormente. Ela também descreve como foi a sua volta para o Brasil, em texto intitulado “Minha viagem de França ao Brasil”.

Devido à guerra minha volta ao Brasil foi muito longa e complicada, pois á menos de se tomar o vapor da Inglaterra, e se obrigado a dois dias de trem de Paris á Hespanha. Sendo bastante perigosa a travessia para a Inglaterra, meus companheiros de viagem resolveram tomar o transatlântico na Hespanha (em Vigo). Deixamos Paris a noite em uma terça feira, só chegando na fronteira, pelo meio-dia. Depois de examinadas as bagagens, e vista, passaportes, tomamos nosso trem, na direção de Vigo. Atravessamos parte dos Pynéos, montanhas de aspecto rude e austero, colheitas de rica vegetação que encanta pela variedade dos tons verdes (DUPRAT, 1917, s/ página – grafia original).

Nessas anotações, a professora conta como foi a longa viagem de volta para sua terra e como o fato de ter sido plena 1ª Guerra Mundial influenciou nos detalhes da viagem. A narrativa possui vários detalhes, incluindo os lugares por onde ela passou e seus comentários sobre as coisas que viu:

No dia seguinte, ao amanhecer, das janellas do meu quarto pude apreciar a Bahia de Vigo que é bastante bonita e onde já se achava o “Frisia” no qual devíamos embarcar no outro dia seguinte. Depois do almoço fomos dar uma volta da cidade, que é muito feia e mal cuidada; a única coisa pittoresca eram as Hespanholas que descalças e com lenços multicolores na cabeça, cantavam nas ruas. O sarau passou-se alegremente no hotel, fomos apresentados a varios compatriotas que também regressavam ao Brasil. Embarcamos no dia seguinte pela manhã o “Frisia” devendo sahir ao meio-dia. A travessia foi esplêndida. Dez dias depois avistavam-se Fernando de Noronha no Recife. Não desembarquei pois o mar agitado e o vapor ficou ao largo; porém tive o grande prazer de comer frutas de Pernambuco, que são deliciosas. Continuamos a viagem até a Bahia, onde também não desembarquei (DUPRAT, 1917, s/ página – grafia original).

Frisia era nome da embarcação que Lyuba e seus companheiros utilizaram para chegar ao Brasil. Lyuba encerra a narrativa da sua viagem contando como foi sua chegada ao Rio de Janeiro.

Chegamos ao Rio de Janeiro em uma bella noite de luar. De longe as praias de Flamengo e Botafogo davam a impressão de um collar de pérolas; pouco a pouco o vapor foi se aproximando e então se destacavam claramente no céu illuminado o Pão de Assucar e os diversos morros da bahia: o efeito era deslumbrante. Ficamos até alta noite contemplando aquelle quadro lindo, o vapor só atracando no dia seguinte. LD. (DUPRAT, 1917, s/ página – grafia original).

Através dessa espécie de diário, é possível saber com detalhes a viagem de retorno ao Brasil. A narrativa contribui não só para entendermos essa parte de sua vida, como para a compreensão do contexto que ela vivia na época – o contexto da guerra. Seu texto complementa a narrativa de seus ex-alunos e preenche algumas lacunas sobre essa vivência da guerra e de que maneira isso acabou influenciando sua volta para o Brasil. Os escritos da professora são ricos em detalhes sobre a paisagem e demonstram o olhar observador de Lyuba Duprat sobre o cenário ao seu entorno.

Segundo ela, em entrevista para uma revista, após o retorno para Rio Grande, ainda que o desejo fosse o de ensinar através de aulas particulares de francês, teve de aguardar um tempo. Ela mesma conta que “[...] durante cinco anos lecionei de graça porque papai não queria que eu fizesse concorrência à nossa antiga professora. Desde o início trabalhei muito. Fiz o que pude. [...]” (*Rio Grande Fatos em Revista*, 1994, p. 4).

Lyuba começou a lecionar por volta dos 16 anos de idade, mesmo que gratuitamente, como ela conta. Com o passar do tempo foi adquirindo experiência e o número de alunos foi aumentando. As aulas eram ministradas inicialmente na casa da Rua Marechal Floriano e posteriormente na residência onde morou depois da morte de sua mãe até o seu falecimento. Lyuba Duprat ministrava aulas de língua francesa e de história da arte, conforme os anúncios da Figura 5:



Figura 6: Anúncio aulas Lyuba em jornais locais, Rio Grande, 1960  
Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau

No entanto, Lyuba não fez sua carreira de professora só na sua cidade natal. Na década de quarenta mudou-se para o Rio de Janeiro e lá passou, igualmente, a lecionar francês para os alunos que queriam seguir a carreira diplomática. Assim como na cidade do Rio Grande, também no Rio de Janeiro Lyuba teve muitos alunos e foi muito reconhecida profissionalmente.

“Aos 40 anos ela mudou-se para o Rio de Janeiro onde viveu por 20 anos. Morava no Posto 6, em Copacabana, e sozinha como hoje. Nunca ia à praia. *‘Vocês não podem imaginar o que eu tinha de alunos no Rio. Dava aulas da manhã à noite. Ganhei muito dinheiro e, de vez em quando, passava um ano inteiro na Europa’*, confidencia.” (Lyuba Duprat para Rio Grande em Fatos Revista, 1994, p. 4).

Nesse período também trabalhava muito e, como diz o trecho acima, aproveitava para juntar dinheiro e voltar para a Cidade Luz. Sobre esse seu hábito, Ricardo também relembra em sua entrevista dizendo que “no tempo que ela morou no Rio ela morava em Copacabana, ela juntava dinheiro e ia pra Europa, ia pra Paris... tinha um primo dela que morava lá. Ela ficava seis, sete, oito meses lá, ai voltava, juntava dinheiro e ia pra Paris de novo”. (Entrevista Ricardo Soler, 2013).

Enquanto morou no Rio de Janeiro, Lyuba recebeu uma grande homenagem e reconhecimento do governo francês, com as chamadas Palmas Acadêmicas. É homenagem que, segundo o Parecer Número 03/92 da 2ª Câmara do CONSUN da FURG, “é prestada aos Educadores e Literatos pelos serviços prestados ao Ensino”. Questionada sobre esse prêmio pela revista Rio Grande em Fatos, a reportagem traz o seguinte texto:

Procurando desviar o assunto de si, ela sempre destaca as figuras mais ilustres do município. Ao ser questionada sobre as “Palmas Acadêmicas”, desconversa dizendo não se lembrar de quando aconteceu. Na verdade, trata-se de importante condecoração que o governo francês concedia aos intelectuais

e que dona Lyuba recebeu enquanto residia no Rio de Janeiro (Rio Grande em Fatos Revista, 1994, p. 5).

Segundo o site da Associação dos Membros da Ordem das Palmas Acadêmicas<sup>23</sup>, este prêmio foi decretado no ano de 1955 pelo presidente francês René Coty. O prêmio busca homenagear e reconhecer estrangeiros e franceses que residem fora do seu país de origem e que contribuem com a expansão da cultura francesa no mundo, o que justificaria a concessão à professora Lyuba. Nesse sentido, pelo seu trabalho em ensinar a língua e a cultura francesa tanto em Rio Grande quanto no Rio de Janeiro, Lyuba Duprat acabou recebendo o prêmio do governo francês.

No início da década de sessenta, retornou à Rio Grande e ali ficou até o seu falecimento. Segundo os entrevistados, as aulas de História da Arte eram dadas no sábado em turma coletiva, mas as aulas de francês eram particulares, individuais e aconteciam durante a semana – ambas as aulas aconteciam na sua casa.

### ***Ser professora***

Para falar e compreender a história e os objetos de Lyuba Duprat é preciso contextualizar e analisar a sua profissão, que acabou sendo um grande marco na sua vida e na memória dos entrevistados, principalmente por serem ex-alunos. Conforme dito anteriormente, Lyuba começou a exercer a profissão de professora muito cedo, quando tinha apenas dezesseis anos de idade, em seu retorno da França para o Brasil.

Apesar de não ter sido professora das séries iniciais e de escolas formais, Lyuba pertenceu a um grupo específico de educadores: professoras particulares. Essa modalidade de ensino apresenta diferenças com o modelo formal e vinculado a estabelecimentos escolares. Algumas características podem ser apresentadas como definidoras do ofício de professor particular no período no qual Lyuba se instalava na cidade: em geral são mulheres que exercem essa função, o ensino é individualizado, há uma maior interação entre

---

<sup>23</sup> Association des membres de l'Ordre des Palmes Académiques (AMOPA). <http://www.amopa.asso.fr/>. Acessado em 24 de março de 2014.

estudante-docente e as aulas são ministradas em domicílio (MACIEL e PERES, 2007).

Segundo Maciel e Peres, as mulheres que se dedicavam ao ensino particular ficaram conhecidas, até meados do século XIX, como “mestres das casas”, termo utilizado “porque atendiam as crianças nas casas e ministravam aulas de conteúdos ou conhecimentos específicos individualmente ou pequenos grupos, via de regra, familiares” (MACIEL e PERES, 2007, p. 49). Mesmo tratando-se de um estudo realizado com professoras particulares no século XIX e com mudanças significativas na educação no século XX, algumas características ainda permanecem e podem ser encontradas até as primeiras décadas deste século, onde Lyuba começou a estudar e lecionar.

Conforme Vianna (2001), durante o século XX o magistério e a profissão de professora “foi assumindo um caráter eminentemente feminino” (VIANNA, 2001, p.83). O acesso à educação nos séculos anteriores era voltado principalmente para o ensino dos meninos, a educação para as mulheres era considerada dispensável, pois para a mulher cabia apenas saber cuidar dos deveres domésticos, filhos e marido. Entretanto, o final do século XIX trouxe certa abertura nesse pensamento, onde aos poucos as meninas eram inseridas no mundo escolar, mesmo que com um currículo diferenciado dos meninos. Com a inserção de meninas nas escolas, era preciso fazer também uma adaptação do corpo docente, pois para as crenças da época era “arriscado” que as mulheres tivessem aula com professores do século masculino e vice-versa.

Nesse sentido, como um maior número de meninas educadas formalmente cresceu, conseqüentemente, maior sua procura para os estudos do magistério, mesmo que as turmas ainda fossem separadas por sexo. Segundo Louro (2012), aos poucos os homens iam se afastando da profissão do magistério e as mulheres iam dominando esse *métier*. Nesse contexto, era necessário justificar e argumentar porque as mulheres deveriam ser aceitas como professoras.

[...] a partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “tipicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser

percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão (LOURO, 2012, p. 450).

Assim, aos poucos ia se constituindo o cenário docente no Brasil, onde as questões de diferenciação de gênero podem ser evidenciadas. É importante lembrar que estamos tratando de características encontradas na transição dos séculos XIX e XX, anteriores ao contexto em que Lyuba Duprat começa a exercer sua carreira docente. Entretanto, embora o contexto profissional feminino tenha sofrido grandes alterações durante o século XX, principalmente com as fábricas têxteis e demais áreas do operariado, a profissão de professora ainda estava muito associada ao gênero feminino. Conforme Vianna (2001), nas décadas de 20 e 30 do século XX as mulheres já eram maioria na profissão: 72,5%, conforme indicava o Censo Demográfico (VIANNA, 2001, p. 85).

Durante esse período (décadas de 20 e 30), Lyuba já estava na carreira docente e compunha então esse cenário de professoras femininas. Todavia, apesar do século XX ter marcado algumas mudanças na luta de gêneros e reconhecimento das mulheres como profissionais, alguns preceitos morais ainda eram associados às professoras.

[...] ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. [...] O trabalho fora seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para as mulheres que ficassem sós – as solteironas e viúvas (LOURO, 2012, p. 453).

Nesse sentido, a autora traz um aspecto importante para entendermos o contexto cultural em que Lyuba estava inserida, pois apesar de não trabalhar “fora de casa”, lecionava dentro da sua própria residência, Lyuba era solteira e não exercia os papéis de dona de casa e esposa, como se esperava de uma mulher no início do século XX. A condição de solteira poderia servir como uma espécie de justificativa da dedicação total das mulheres para a profissão, a mesma condição poderia gerar uma imagem diferenciada, pois “a antiga professora solteirona podia também ser representada como uma figura severa, de poucos sorrisos, cuja afetividade estava de algum modo escondida” (LOURO, 2012, p. 466). Estas características se assemelham um pouco com a percepção de alguns entrevistados em relação à Lyuba, uma pessoa rigorosa e

que tinha uma maneira afetiva diferente, mais contida, principalmente no início do relacionamento entre estudante/professor.

Cabe reforçar que Lyuba Duprat era professora da língua e cultura francesa e que, desde a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o francês era um idioma distintivo de pessoas com refinado domínio cultural, segundo Ana Luíza Grilo

[...] vale ressaltar, que à época o francês era uma língua das elites, do mundo da diplomacia, representante das artes, entre outros campos. Portanto, a língua francesa e o modo francês representavam o acesso ao mundo civilizado e de prestígio para quem detinha tal conhecimento. [...] (GRILLO, 2008, p. 4).

Assim, entendemos que o conhecimento da língua francesa funcionava como distinção social que a docente recebia e também poderia levar à procura para o aprendizado dessa língua e cultura – assunto que será desenvolvido posteriormente. Dessa forma, fica mais fácil compreender o contexto educacional e a visão do *ser professora* em que Lyuba estava inserida e foi educada, principalmente por ser solteira e dedicar sua vida quase que exclusivamente para a profissão.

### ***As aulas de História da Arte***

A história da arte era um dos domínios no qual a professora Lyuba apresentava familiaridade e conhecimento, tal como abordam os ex-alunos. As razões para tanto são indicadas por eles, e pelos jornais, como resultado de suas temporadas europeias e visitas aos grandes museus. Em abril de 1962, dois jornais diferentes publicaram reportagens e entrevistas com Lyuba sobre as suas aulas e uma palestra que ela iria ministrar em Porto Alegre. A reportagem intitulada “Ensinando História da Arte, D. Lyuba revive a experiência da visita aos museus de Paris” traz a notícia de uma série de palestras que Lyuba deu em maio de 1962 sobre os principais pintores, como Velásquez, Salvador Dalí e Leonardo da Vinci.

Na mesma reportagem, o jornal faz um retrospecto do currículo da professora e, através deste, é possível notar, novamente, como ela é

reconhecida pelo seu conhecimento cultural e como o fato de ter vivido na França influenciou na sua vida.

Sra. Lyuba Duprat, gaúcha natural da cidade de Rio Grande pertence à **tradicional família** e que recebeu sua educação em França, frequentando um dos mais **renomados colégios** femininos. Tendo vivido em contato permanente, durante muitos anos, com os **grandes museus europeus**, não só o Louvre como outros grandes centros de cultura, artística em diversos países do velho mundo, a Sra. Lyuba Duprat, ao retornar ao Brasil, quando fixou residência no Rio de Janeiro, iniciou uma série de cursos de História da Arte, apresentando sempre suas palestras ilustradas por projeções, utilizando-se de **valioso material colhido em suas muitas viagens** (Diário de Notícias de Porto Alegre, 15/05/1962, Porto Alegre. – grifos nossos).

Neste trecho há uma apresentação da palestrante, expondo os seus conhecimentos adquiridos em viagens e cursos. Através da análise da reportagem e, principalmente, pelo uso das palavras grifadas, podemos notar como a imagem da professora Duprat era construída e transmitida através do veículo de informação. Nesse caso, os jornais também podem ser entendidos como sociotransmissores, de acordo com o conceito de Joel Candau, pois eles funcionam como veículos de memória e propagadores de memórias e seus discursos. A seguir, há um depoimento de Lyuba sobre sua experiência em História da Arte e as aulas que costumava dar,

Desenvolver o gosto pelo estudo da arte, reconhecendo que, através das artes, o homem se eleva utilizando-se do grande meio de civilização e moralização dos povos tenho transmitido através das minhas aulas o conhecimento das mais expressivas obras de arte – as catedrais da França, os grandes pintores, arte grega, etc. (Lyuba Duprat, Diário de Notícias de Porto Alegre, 15/05/1962, Porto Alegre.).

Este trecho demonstra de que forma a professora Lyuba entendia e valorizava o gosto pela arte, pois ela pretendia repassar esse conhecimento adquirido em suas aulas. Este fato faz lembrar que o conhecimento artístico e o fato de saber ler e interpretar as grandes obras de arte é um dos fatores que Pierre Bourdieu (2007) identifica como distinções sociais vinculadas ao nível de educação das pessoas. Para o autor,

[...] a observação científica mostra que as necessidades culturais são produtos da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas

ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Nesse sentido, fatores como a frequência aos museus, concertos, exposições e demais atividades culturais são norteadores de pessoas que, em sua grande maioria, tiveram mais educação do que as outras. O conhecimento das artes e outras características entre elas o gosto culinário, vestuário e decoração da casa são diferenciadores de grupos e indivíduos. Sendo assim, podemos dizer que, por esses e outros aspectos, Lyuba era vista como uma personagem e suas características a diferenciavam da maioria das outras pessoas. Essas características também são lembradas pela reportagem, seguindo a apresentação da palestrante, “muito viajada, conhecendo os principais países, as grandes culturas do mundo de hoje, d. Lyuba tem preparado também turistas, assinalando-lhes a visita aos museus e aos principais monumentos dos países a serem visitados” (*Diário de Notícias* de Porto Alegre, 15/05/1962, Porto Alegre).

Pela reportagem é possível perceber que existem características que são norteadoras da personagem Lyuba Duprat, tais como a França, o gosto pelas viagens e o conhecimento nelas adquirido. Há também a referência familiar de Lyuba em algumas reportagens de jornais, como é o caso da notícia intitulada “Lyuba Duprat voltou para doar conhecimentos em História da Arte”, no jornal *Folha da Tarde*. Neste periódico ela é representada como “Lyuba Duprat, não só por ser filha do Dr. Augusto Duprat, mas também pela sua personalidade tão feminina quanto culta” (Jornal *Folha da Tarde*, 1962). Dessa forma, através dos trechos jornalísticos trazidos aqui, é possível perceber que a imagem de Lyuba Duprat como professora detentora de conhecimento, de família tradicional e com características da feminilidade, é propagada pelos jornais não só da sua cidade Natal, mas também de Porto Alegre, capital do Estado.



Figura 7: Recorte de Jornal  
Fonte: *Folha da Tarde*, 23 de abril de 1962.

Conforme a reportagem e também segundo os entrevistados, as aulas de História da Arte auxiliavam os estudantes em suas viagens para os países da Europa e, principalmente, à França. Essa característica está presente em vários entrevistados, como é o caso de Berenice Avancini:

[...] primeira vez que eu viajei foi ela que preparou nossa viagem toda, quando eu cheguei a Paris eu já sabia tudo que eu queria ver, foi muito bom... uma experiência maravilhosa. E sempre que eu posso eu volto a Paris, porque a gente tem muitas lembranças, nós conhecemos amigos dela, parentes, primos, amigos da época do Liceu onde ela estudou<sup>24</sup>.

E também Regina Carmem, sobre a sua primeira vez na França, quando foi fazer um curso, registrou:

[...] foi muito bom, eu me lembrava sempre da Lyuba em tudo que a gente via... *“Meu Deus, parece que ela tá aqui do meu lado falando”* E muitas vezes eu comentei com ela: *“Eu acho que a pessoa que eu mais lembrei, em toda a viagem, foi da senhora”*, e ela dizia *“mas tinha que ser não é?”* E era em tudo, todos os lugares... foi muito bom!<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS.

<sup>25</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

A senhora Regina também relembra da sua segunda viagem, quando foi a passeio com sua colega e amiga Berenice Avancini e seus respectivos cônjuges.

[...] no ano anterior nós fizemos um curso com a Lyuba, de todos os museus que nós queríamos ver. A gente chegava ao Museu e dizia “*nossa parece que a Lyuba está aqui de nossa guia!*”, “*Porque vocês vão subir as escadas, e vão encontrar tal coisa, aí o que vocês querem ver? Querem ver o Egito? A Grécia? Então ou vocês virem na esquerda, ou direita*” E a gente dizia “*Meu Deus parece que ela está aqui, e ria, porque parece que a gente vai olhar pro lado e vai achar que a Lyuba está aqui junto*”.<sup>26</sup>

Além das duas entrevistadas, Tabajara Almeida relembra suas viagens com sua esposa “até hoje a gente vai aos museus, e ela está presente sempre, ela nos ensinou a enxergar a obra de arte de uma maneira diferente, e fez isso nos ensinando francês”<sup>27</sup>. Assim, através dos depoimentos de seus ex-alunos, os ensinamentos repassados pela professora durante as aulas de História da Arte e também de francês, ficaram marcados na memória dos entrevistados, fazendo com que engendrassem referências memoriais muito fortes entre os lugares visitados e aprendidos durante suas aulas com a professora Lyuba Duprat.

Durante a entrevista, Berenice Avancini conta onde tinha suas aulas de francês e de História da Arte. “Na primeira sala, onde tinham os livros, as estantes, alguns objetos ela sempre tinha uma estante muito linda, que ela tinha objetos de cristal, de louça... ela classificava assim”. Mais adiante, na entrevista, quando perguntada sobre como era a casa de Lyuba, ela responde

[...] a casa dela era cheia de recordações... [sorrindo] Cheia de livros, a primeira sala onde nós ficávamos, era a mesa com as cadeiras, depois eram livros, livros, livros. Depois tinha o quarto dela, a parte mais reservada da casa, e tinha uma sala onde ela recebia visitas que não eram assim... visitas sociais, onde ela tinha uma escrivaninha que pertenceu à família dela também. Depois tinha a cozinha, que sempre que eu chegava para aula, na primeira hora da tarde, ela me esperava para

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

tomar cafezinho... ela sempre me esperava, aí nós tomávamos ali na cozinha e depois íamos para primeira sala.<sup>28</sup>

Michel de Certeau, em sua obra *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*, mostra a importância do espaço doméstico para os indivíduos e, principalmente, como ele pode ser visto como informante dos seus habitantes.

[...] um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e de cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toques de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele as diferentes funções diárias (refeições, toalete, recepção, conversa, estudo, lazer, repouso), tudo já compõe um “relato de vida”, mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra (CERTEAU, 2013, p. 204).

A casa de Lyuba Duprat, era um espaço muito frequentado, pois nele ministrava suas aulas, muito embora os cômodos mais íntimos não fossem visitados pelos alunos, conforme afirmam os entrevistados. A casa de Lyuba era repleta de objetos e móveis, o que por sua singularidade fazia com que o local fosse um pequeno nicho francês dentro da cidade do Rio Grande. Tratando-se dos objetos que constituíram esse espaço doméstico e profissional da professora, temos aqui a cadeira de palha na qual ela costumava sentar-se por ocasião das aulas. A cadeira está atualmente exposta junto a outro móvel que também pertenceu à Lyuba, em uma espécie de vitrine da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, como mostra a imagem abaixo, (Figura 8):

---

<sup>28</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS.



Figura 8: Cadeira de palha, sem data.

Fonte: Foto da autora. 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

No segundo momento da entrevista, Berenice recorda e diz: “ela tinha a mesa com as cadeiras, depois ela tinha um recanto onde ela sentava que era uma cadeira pra ela ficar mais confortável, perto da janela. Ela também usava muitas lupas, ela tinha muitas lupas... por causa da visão” (Entrevista Berenice Avancini, 2013, Rio Grande). Segundo Nubia Hanciau, a cadeira passou a ser uma marca registrada de Lyuba, pois além de utilizar para dar as aulas, era uma cadeira que a professora gostava de utilizar para as suas leituras. Cleusa Almeida, ex-aluna de Lyuba que frequentava as aulas com seu marido Tabajara, também reconhece a cadeira que Lyuba usava ao vê-la. Flavio Hanciau, ao visualizar a mesma imagem, relembra que,

[...] a cadeira sim... era a cadeira do dia-a-dia, muito confortável, com um formato anatômico muito bom, podes ver que ela está inteira. A gente sentava para assistir as aulas, ela ficava em um canto da sala, e sentava do lado da mesa, e essa era uma das cadeiras que ela utilizava para as aulas dos alunos. Às vezes ela sentava para ler jornal, e puxava uma lâmpada antiga, mas que dava uma boa luz focalizada, ela usava na cadeira de balanço e nessa cadeira, elas não ficavam junto à mesa, mas no canto, afastadas. Quando ela estava na cadeira de balanço, a gente ficava nessa cadeira e assim podia conversar com ela <sup>29</sup>.

As lupas lembradas por Berenice e por outros entrevistados, também foram grandes aliadas de Lyuba, principalmente durante os últimos anos de profissão, quando, com o avançar da idade e com a perda gradual da visão, ela

---

<sup>29</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

só conseguia fazer a correção dos textos e ler os livros com a ajuda das mesmas. Esses objetos também são lembrados por Ricardo: “O lazer dela era ler e quando ela começou a ter dificuldade pra ler, começou a comprar lupas lupinhas, etc.”<sup>30</sup>. Algumas lupas também fazem parte do acervo da *Salle de Documentation*, antes da mudança do Instituto de Letras e Artes em 2013, ficavam expostas dentro do móvel que também era de Lyuba.

Outra característica que marcou a personalidade de Lyuba e que é presente nas narrativas dos entrevistados é a sua postura considerada muito rígida enquanto professora, expressa não só apenas pela exigência de exercícios e lições de casa, como também pela pontualidade de seus alunos,

[...] nós fazíamos os temas, os “*devoir*”, e ela marcava ao lado o que estava errado e tínhamos de reescrever. Acho que isso era um método lá da França [...] Às vezes a gente chegava dois minutos antes, sentava e esperava acabar a outra aula... Se atrasasse cinco minutos ela já ligava para saber por que não tinha ido, ou se atrasou.<sup>31</sup>

Característica marcante também para o Tabajara,

[...] as notícias sobre ela diziam que ela era uma pessoa muito rígida, às vezes até rude com os alunos, que a gente tinha que ter um pouco de estrutura para ser aluno dela. Então essa foi a minha primeira falsa impressão [*risos*]. A gente foi lá, a Cleusa, minha mulher, foi junto, e começamos a fazer aula com ela. Descobrimos que ela era uma pessoa extremamente culta, na verdade, muito cordial, muito refinada no tratamento conosco. Era sim uma pessoa rígida, mas que conosco, talvez por causa da idade, ela nunca foi de mudar. [...] Talvez porque realmente nós éramos um casal disciplinado, e eu acho que ela exigia um pouco disso dos estudantes. Um pouco de dedicação e disciplina. E nós, por nossa formação pessoal, éramos assim, e nós cumpríamos com o roteiro que ela dava com o maior prazer<sup>32</sup>.

Depois do falecimento de Lyuba, na cerimônia de abertura da *Salle de Documentation* que leva o seu nome, o professor Tabajara escreveu um texto em sua homenagem: “sei que a senhora não tolera atrasos, o não cumprimento

---

<sup>30</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

de compromissos, [...]. Assim, atrasei um pouco a nossa correspondência e espero ser devidamente compreendido e perdoado”. Através desse trecho percebemos que, de uma maneira simbólica, Tabajara reforça a característica de professora rígida e intolerante aos atrasos.

Nesse sentido, a autora Guacira Louro (2012) nos indica o que talvez possa ser um dos motivos pelo qual Lyuba era rígida com seus alunos. Segundo a autora, havia certa pressão para que a figura de mulher frágil fosse transformada quando se tratava de professoras. Elas deviam saber controlar os seus sentimentos e fragilidades, exercer a autoridade como professora para assim poder controlar seus alunos e turma, da mesma forma que deviam servir de exemplo a eles. “Ela devia ser disciplinadora de seus alunos e alunas e, para tanto, precisava ter disciplinado a si mesma. Seus gestos deveriam ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade” (LOURO, 2012, p. 467).

Assim, notamos que as professoras eram ensinadas e moldadas para serem respeitadas frente aos alunos, passando uma imagem de autoridade e de respeito. Essa justificativa é destacada, inclusive, por Tabajara Almeida durante sua entrevista, onde conta sobre a maneira com que Lyuba ministrava suas aulas e cobrava de seus alunos “Ela era uma pessoa que viveu em um tempo diferente do nosso, as regras de disciplina e de educação dela eram diferentes, mais rígidas do que as nossas”<sup>33</sup>. Por outro lado, há de se destacar que o fato de ter estudado na França durante quatro anos, acabou por levar Lyuba Duprat a incorporar uma educação e didática francesa, diferente em vários aspectos da brasileira.

A educação e a cultura francesas são vistas como mais rígidas com seus alunos e crianças, uma rigidez que não é restrita apenas no âmbito escolar, mas que se estende também aos espaços domésticos. Várias reportagens jornalísticas demonstram as diferenças entre o ensino francês, americano e também brasileiro. As crianças francesas, por sua vez, são conhecidas pela sua disciplina e atenção, frutos desse sistema educacional. Essa experiência é narrada não só por jornalistas, mas também por brasileiros e norte-americanos que foram morar na França a exemplo do caso de Pamela

---

<sup>33</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

Druckerman que publicou o livro “*Bringing up Bébé*”, traduzido para o português “As crianças francesas não fazem manha” (2012). A autora demonstra como a educação francesa é rígida em diversos aspectos, fazendo com que as crianças tenham mais respeito pelos adultos, mais disciplina com suas atividades e sejam mais exigentes com a qualidade dos estudos.

Esses traços não desqualificam a carreira de Lyuba Duprat, bem ao contrário, pois ela acabou sendo agraciada com algumas premiações e distinções: o título de Professora *Honoris Causa* recebido pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em 1992, e a inscrição no Guinness Book - Livro dos Recordes do Brasil - em 1994, apontada como “a brasileira que exerce o magistério há mais tempo, desde 1916”<sup>34</sup>.

O título de Professora *Honoris Causa*<sup>35</sup> foi uma homenagem e um reconhecimento a uma professora local que não só prestou grande parte da sua vida ao ensino, mas também colaborou com o incentivo à cultura e à educação na cidade. Motivos destacados pelo Conselho Universitário (CONSUN) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na época, como justificativa à homenagem. No texto do relatório da Câmara do CONSUN podem ser lidos outros motivos da homenagem,

- Ao dedicar sua vida à ciência e a arte da comunicação, a Profa. Lyubá tomou para si a responsabilidade de promover o crescimento intelectual de uma comunidade.
- E a aproximação do indivíduo com povos diversos que o faz aprender outros mundos, situando-o num conjunto mais amplo que envolve também o seu e lhe confere identidade. Isto é o que a Professora Duprat faz com competência, e raro entusiasmo há 75 anos.
- Há longo tempo ela atua em nossa Universidade se considerarmos os inúmeros docentes desta casa que passaram por suas mãos e que reproduzem seu saber.

---

<sup>34</sup> Informação extraída do certificado do Livro dos Recordes disponível na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat.

<sup>35</sup> Esse título não é mais concedido pela Universidade. Segundo o atual Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, (Artigo 62), os títulos honoríficos são dados para “distinguir profissionais de alto mérito e personalidades eminentes, na forma do Regimento Geral da Universidade”. Na FURG existem dois títulos honoríficos: Doutor *Honoris Causa*, “poderá ser conferido a qualquer indivíduo que tenha contribuído, de forma expressiva e destacada, para o avanço do ensino, da pesquisa ou da extensão, assim como para o desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande, e, Docente emérito “a qualquer docente aposentado da Universidade Federal do Rio Grande que tenha contribuído de forma expressiva e destacada, para o avanço do ensino, da pesquisa ou da extensão” (ESTATUTO FURG, p. 20, disponível em [www.furg.br](http://www.furg.br)).

- Em última análise, também esta é a maneira de resgatarmos o prestígio social e político do professor, que se não parte de nossos dirigentes, recebe o reconhecimento da própria classe. (Relatório da 2ª Câmara do CONSUN n. 03/92, 1992).

Através do texto redigido no relatório, a professora de francês Lyuba Duprat é reconhecida na cidade pelo seu vasto conhecimento e responsabilidade profissional, sendo citada como contribuidora do crescimento intelectual local. Sobre esse título, o prêmio recebido da FURG e cerimônia de entrega à qual, Tabajara Almeida comenta, em entrevista:

[...] ela ficou contente de ser reconhecida, mas tem uma coisa que eu percebi: que isso não tinha mais valor para ela... ela foi por gentileza com a Universidade e um pouco ainda, resquício de vaidade que ela pudesse ter, mas eu não acredito que isso tivesse um verdadeiro valor para ela. A essa altura, acho que ela já sabia o valor que ela tinha, e a dedicação com a educação... então ninguém precisava dizer isso para ela mais. Ela foi por educação, porque ficava feio recusar uma honraria dessas na cidade que ela vivia. Mas eu não acredito que isso tenha deixado ela sem dormir aquela noite, compreende? <sup>36</sup>

Quando recebeu o título da FURG, Lyuba recebeu alguns telegramas de amigos que ela guardou e que hoje estão com a professora Nubia Hanciau. Junto com estes telegramas, Lyuba guardava uma reportagem do Jornal Agora de 1992 que noticiava o título concedido a ela, como mostra a Figura 9:

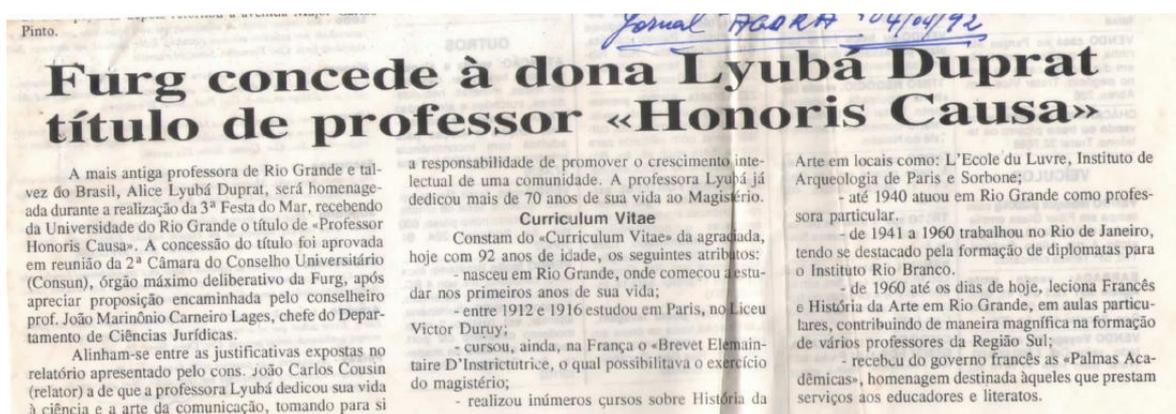


Figura 9: Recorte do Jornal Agora, Rio Grande, 04/04/1992.  
Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau

A notícia traz uma descrição do currículo da professora homenageada, intitulada pelo jornal como “A mais antiga professora de Rio Grande e talvez do

<sup>36</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

Brasil”. Além disso, segundo a reportagem, a cerimônia de homenagem foi realizada durante a 3ª Festa do Mar, festa típica da cidade. Nessa reportagem, o jornal também relembra a outra homenagem mencionada acima – as Palmas Acadêmicas. Já o reconhecimento do Recorde aconteceu em 1994 e o certificado do *Guinness Book* está na Sala de Documentação, como mostra a Figura 10.



Figura 10: Certificado Guinness Book Brasil, 1994.

Fonte: Foto da autora. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat, 2014.

A inserção da professora no Livro dos Recordes torna-se outra referência e, principalmente, à sua capacidade profissional. Esse aspecto vai ser lembrado por alguns dos entrevistados, mas principalmente pode ser lido em diversas reportagens de jornais e revistas sobre sua vida. No entanto, outros objetos que também eram parte do universo profissional de Lyuba hoje pertencem ao Museu da Cidade do Rio Grande. Alguns deles objetos também foram mostrados durante as entrevistas (Figura 11):



Figura 11: Esquadro de madeira e caneta esferográfica, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

Os objetos acima não foram grandes evocadores de memórias, apenas Ricardo Soler, Flavio Hanciau, Tabajara Almeida e sua esposa Cleusa identificaram como sendo de Lyuba. Tabajara e Cleusa se lembram da mesa com um dos objetos que ela utilizava durante as aulas e também mencionaram que ela utilizava a parte traseira da caneta para abrir as cartas. Ao visualizar o esquadro de madeira, Flavio Hanciau narra “[.] ela usava para sublinhar os textos, o jornal, coisas que interessavam, ela sublinhava. Um desses esquadros que ela sublinhava os textos, ficava na gaveta da mesa da sala de aula”<sup>37</sup>.

Outro objeto que também pode ser considerado do universo profissional ou da rotina de ler livros é um dos abridores de cartas (Figura 12).



Figura 12: Abridor de carta com estojo, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

[...] esse é abridor, ela tinha uma quantidade de abridores, brincávamos com ela que cada dia ela utilizava um, mas tinha vários e de tempos em tempos utilizava alguns diferentes.

---

<sup>37</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

Tinha algumas caixas que ela guardava esses objetos, e usava sempre que recebia uma carta, uma correspondência <sup>38</sup>.

Já Regina Carmem, ao ver o abridor de carta com estojo não lembra dele no momento da visualização, mas vê-lo faz a entrevistada falar sobre a mesa em que eles tinham aulas: “Ah! Ela tinha tantas coisas assim em cima da mesa, e não era uma escrivaninha, era uma mesa mesmo e atrás tinha esse móvel que era mais alto, quando a gente entrava tinha um corredor e esse móvel ficava assim, era mais alto”<sup>39</sup>. Posteriormente Regina lembra: “Pois é, eu me lembro que ela tinha assim para cortar correspondência sempre ali em cima da mesa...”. Assim, os objetos utilizados por Lyuba Duprat na sua vida cotidiana, evocam esse passado vinculado a sua utilidade, teoria que é defendida por Debary quando afirma que “o objeto usado diz alguma coisa ao mesmo tempo em que evoca o que foi, o passado” (DEBARY, 2010, p. 6). Portanto, mesmo que estes objetos evoquem memórias mais sucintas, há uma referência ao cotidiano da professora, aos seus hábitos de leitura e profissão.

Apesar do número de objetos associados ao cotidiano profissional de Lyuba ser em menor quantidade, quando comparado aos objetos domésticos e femininos, alguns deles são lembrados pelos entrevistados. A maioria das lembranças dos ex-alunos é relacionada às aulas, ao ambiente da sala onde ela lecionava e também ao hábito de leitura e de estudo que tinha. Os entrevistados lembram, nos dois momentos das entrevistas, da complexidade do cenário doméstico de Lyuba Duprat, e a quantidade de objetos e móveis compunha o local onde eles recebiam suas aulas. Por outro lado, todos destacam a contribuição deixada por Lyuba em suas vidas, não só pelo conhecimento da língua francesa e História da Arte, mas uma contribuição para a imagem de profissional e de novas perspectivas, como demonstra Tabajara Almeida:

[...] Vou te dar um exemplo, eu sempre gosto de usar essa imagem... Eu fui ao pátio da casa dela, e ela abriu uma porta e disse ‘*Olha aqui o que tem do outro lado do pátio*’. E do outro lado tinha um mundo de ideias, de cultura, de coisas, um mundo que era novo para mim, num certo sentido. A gente via

---

<sup>38</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

<sup>39</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

filmes franceses, lia traduções de livros franceses, mas não tínhamos noção da cultura que a gente estava recebendo <sup>40</sup>.

O depoimento de Tabajara Almeida nos dá indícios de que a influência da professora na vida dos entrevistados foi bastante relevante, e, ainda, nos propõe a reflexão de que talvez os seus alunos procurassem não só o conhecimento da língua francesa e de História da Arte, mas um mundo de possibilidades e de conhecimentos diversos que ela podia proporcionar. Além disso, outras reportagens podem mostrar, também, um pouco da sua vida profissional e dedicação à profissão.



Figura 13: Fotografias de Lyuba em reportagem da revista, 1994.  
Fonte: *Rio Grande Fatos em Revista*

---

<sup>40</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.



**Exemplo:** com dificuldades para enxergar e caminhar, 'Madame Lyuba' lecionou o quanto pôde

Figura 14: Fotografia de Lyuba em jornal, 1994.  
Fonte: *Zero Hora*

As imagens (Figuras 13 e 14) e suas respectivas legendas acima, retiradas de uma das matérias sobre a personagem da cidade do Rio Grande, mostram o quanto a profissão de Lyuba e sua imagem de professora estavam presentes na cidade. Além dessas, a reportagem do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre sobre a entrevista dada pela professora à rádio Universidade (FURG) em 1991, ao programa *Memória*, é outra fonte que mostra a relevância profissional de Lyuba, começando pelo seu título “Um exemplo de amor ao magistério”.

[...] em 75 anos de magistério ela nunca faltou às aulas ou fez greve. Não desanimou quando o ensino da Língua Francesa saiu do currículo obrigatório nas escolas do Brasil. Nem decidiu guardar para si toda a cultura que possui quando uma aluna pediu emprestado e não lhe devolveu o livro que ganhou do amigo Apparicio Torelly, o Barão de Itararé. Madame Lyubá Duprat, 91 anos, a caminho dos 76 anos de magistério, é professora de Francês e de História da Arte em Rio Grande. Respeitada pela comunidade riograndina, vai receber, em agosto, o título de professora *Honoris Causa* pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), conforme sugestão do professor João Carneiro Lages. [...] No Brasil esta homenagem somente é oferecida a pessoas com curso superior – que não é o seu caso – ou de grande destaque, como os poetas Mario Quintana e Cora Coralina. A fila de alunos que por ela passou se perdeu no tempo e atravessou o continente [...] São vários os professores universitários que, para aprimorar conhecimentos, frequentam aulas com Madame Lyubá

(BASTOS, Ângela. Um exemplo de amor ao magistério. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 21/07/1991. Estado, p. 50.).



Figura 15: "A verdadeira dedicação à arte de ensinar"  
Fonte: *Jornal Zero Hora*, 21/07/1991, p. 50.

A citação acima aparece na extensa reportagem do jornal *Zero Hora*, nela vida de Lyuba Duprat é apresentada com alguns detalhes como a amizade da professora com o humorista brasileiro Barão de Itararé<sup>41</sup>. Algumas palavras utilizadas pela reportagem demonstram o papel que Lyuba tinha na cidade, seu conhecimento e seus anos de dedicação à profissão docente, ambos exaltados pela imprensa em vários momentos da sua vida, o que se observou no decorrer dessa pesquisa. No momento de sua morte, os jornais tornam a mostrar e a ressaltar as qualidades docentes de Lyuba, o jornal *Agora*, periódico de maior circulação na cidade do Rio Grande, no dia 18 de outubro de 1994, noticia:

[...] Faleceu ontem, aos 94 anos de idade, a professora Alice Liubá Duprat, que durante toda a sua vida dedicou-se ao magistério, em especial ao ensino de Francês e de História da Arte. [...] Filha de pessoas que pensavam à frente de sua época, quando muito poucas mulheres estudavam e trabalhavam, Madame Liubá, como fazia questão de ser chamada por seus alunos, estudou na França e ao retornar ao Brasil por volta de 1917, foi representante da Aliança Francesa e atuou na formação de diplomatas, no Itamarati. Foi

---

<sup>41</sup> Segundo a própria reportagem da *Zero Hora*, Apparicio Torelly, mais conhecido como Barão de Itararé, trabalhou no jornal *O Globo* com o pseudônimo Aporelly e posteriormente fundou seu próprio jornal *A Manhã*, que circulou até 1958. Faleceu em 1971, vítima da diabetes (*ZERO HORA*, 21/07/1991).

responsável pela instalação, no país, do curso de História da Arte, no Rio de Janeiro. Ao retornar a Rio Grande passou a lecionar em sua própria casa, o que fez durante 77 anos. No ano passado, foi citada no Guinness Livro dos Recordes, como a mais antiga professora em atividade no Brasil. Tinha então, três alunos nas duas disciplinas. (Jornal Agora, 18/19/1994, p. 1)

Nesse trecho acima, algumas das características narradas pelos entrevistados e que foram trabalhadas neste capítulo são lembradas pelo jornal. Além disso, outras informações que aparecem unicamente nessa reportagem, como a sua contribuição para a criação do curso de História da Arte no Rio de Janeiro, mostram a maneira como a professora era vista em Rio Grande e sua importância como educadora e personagem local. Aqui, o jornal torna a ressaltar e a fortalecer seu caráter de sociotransmissor (CANDAU, 2012), pois funcionam como propagador de um discurso e de uma imagem da professora para os leitores (receptores) e, assim, de uma memória.

Entretanto, apesar da sua profissão ter sido o principal motivo de Lyuba Duprat ter recebido os títulos e as homenagens, outras características também foram marcantes na sua personalidade e na vida dos rio-grandinos, a principal dela é a vaidade, no sentido de embelezamento e preocupação com a aparência física. A característica relacionada ao universo feminino será explorada nesta última parte do capítulo, trazendo uma grande quantidade de objetos e narrativas sobre esse lado da personalidade de Lyuba Duprat.

## Entre luvas, redes e vestidos: feminino, beleza e vaidade

*“A roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente”.* (STALLYBRASS, 2000, p. 18)

A última característica explorada neste capítulo é uma das mais presentes nas narrativas dos entrevistados e pode ser atestada pela presença quantitativa de objetos no acervo do Museu da Cidade do Rio Grande: a vaidade de Lyuba Duprat. A forma como se apresentava ao público é um dos elementos que caracterizariam o termo vaidade para fins desse trabalho. Essa preocupação com a aparência, segundo o autor Michel Maffesoli,

[...] manifesta na publicidade, no enfeite, na embalagem (que atinge seu paroxismo na sociedade japonesa, por exemplo), mais que uma simples superficialidade sem consequências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, em sua de fazer sociedade (MAFFESOLI, 1996, p. 161).

Alguns dos objetos mostrados para os entrevistados durante a pesquisa, faziam parte desse cotidiano e do mundo feminino de Lyuba Duprat: batom, frisador de cabelos, chapéu, bolsa e espelho. Esse conjunto de objetos pode ser entendido como “estojo de identidade”, conceito criado por Erving Goffman, em seu livro *Manicômios, prisões e conventos*, no qual o autor relata a entrada das pessoas nas instituições totais <sup>42</sup>,

[...] um conjunto de bens individuais tem uma relação muito grande com o eu. A pessoa geralmente espera ter certo controle dos outros. Para isso precisa de cosméticos e roupas, instrumentos para usá-los, ou conservá-los, bem como de um lugar seguro para guardar esses objetos e instrumentos – em resumo, o indivíduo precisa de um “estojo de identidade” para o controle de sua aparência pessoal. (GOFFMAN, 1974, p. 28).

---

<sup>42</sup> O conceito de “instituições totais” trazido por Erving Goffman trata de estabelecimentos que são divididos, por ele, em cinco agrupamentos. Primeiro, aquelas instituições que guardam pessoas vistas como incapazes e inofensivas (orfanatos, asilos, etc). Segundo, aquelas que não sabem cuidar de si mesmas e que são vistas como ameaça para sociedade, mesmo que sem intenção, como Hospitais, sanatórios, etc. O terceiro seriam as instituições que protegem a sociedade de pessoas com más intenções, como prisões. Em quarto, os quartéis, navios, etc. Em quinto lugar, aqueles que servem como refúgios, os mosteiros, conventos, etc. Ver: GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1964.

Apesar do conceito de Goffman ter advindo de seus estudos em manicômios e hospitais, o conceito de “estojo de identidade” aborda a preocupação que o ser humano tem com a sua aparência física. Além disso, a preocupação com a imagem pessoal é também um dos fatores elencados por Pierre Bourdieu como aspecto de distinção social. Para este autor, as despesas e a dedicação de tempo para a beleza e o vestuário são também características de uma diferenciação social (BOURDIEU, 2007, p. 171) e uma das três principais.

Bourdieu afirma que as roupas marcam uma diferenciação de profissão e também de hierarquia. Para o autor, o número de compras cresce à medida que subimos no nível hierárquico. E com relação às roupas femininas, Bourdieu destaca que os *tailleurs* e conjuntos são a diferenciação máxima, pois são uma das peças mais caras e que fortalecem a categoria de distinção entre os demais grupos. Além disso, o valor estético está associado ao valor moral, como uma forma de mostrar os bons modos e os bons costumes, e, é a representação de uma legitimidade (BOURDIEU, 2007, p. 191).

Por outro lado, além do conceito de “estojo de identidade”, poderíamos aplicar também o conceito de “sistema de objetos” trazido por Abraham Moles (1972, 1981). Para o autor, “sistema de objetos” são constelações, universos de objetos que se conectam por sua função, por uma prática e por seu valor simbólico (IGLESIA, 2011). De acordo com Iglesia, buscando relacionar o conceito de sistemas de objetos de Moles, este sistema de objetos adquire coerência quando observamos que os mesmos atuam como índices, tais como os definidos por categorias, como, por exemplo, viajar: composto pela mala, roupas, mapas, etc. (IGLESIA, 2011, p. 18). Nesse caso, os objetos de Lyuba presentes aqui seriam aqueles associados a um sistema de cuidado pessoal, de embelezamento, composto por: luvas, leques, *voilette*<sup>43</sup>, bolsas, pó de arroz, *tailleur* preto, sapatos, acessórios de unha e cabelo, etc.

---

<sup>43</sup> Segundo o Glossário de Terminologias do Vestuário do Instituto Federal de Brasília, organizado por Cleide Lemes da Silva Cruz, *voilette* vem do francês e é o “tipo de véu que cobre o rosto, parte dele ou apenas um detalhe de véu envolvendo uma pequena parte da cabeça. O véu sempre aparece em conjunto com um chapéu, ou qualquer outro acessório de cabeça, até mesmo fixada apenas no penteado” (CRUZ, 2013).

Esse sistema se mostrou extremamente forte e presente nas memórias dos entrevistados, se constituindo como representação de sua imagem, personalidade e aproximação com a cultura francesa. Com a análise das entrevistas, fotografias e outros dados realizados durante a pesquisa, foi possível dizer que Lyuba se diferenciava e era reconhecida por essa característica na cidade do Rio Grande. Como exemplo, podemos utilizar a notícia de seu falecimento no jornal *Zero Hora*, onde a repórter Eunice Leme encerra a notícia e descreve Lyuba com as seguintes palavras,

[...] vaidosa, a professora se tornou uma **figura folclórica** em Rio Grande. Dos anos em que viveu em Paris herdou o domínio da língua francesa e um **estilo peculiar**. Antes de ter pneumonia, era comum ver a professora passeando pelo calçadão, sempre **de luvas, sapato de salto e seu inseparável chapeuzinho com véu**. (*Zero Hora*, Porto Alegre, 18.10.1994. – grifo nosso).

Aqui, as palavras em negrito destacam aquilo que acabou marcando a imagem da professora na cidade, um estilo particular e os acessórios que ela utilizava e que fizeram parte do seu “estojo de identidade”. Segundo os entrevistados, apesar da idade avançada, Lyuba não deixou de se preocupar com a aparência e em estar bem arrumada. No entanto, acompanhar as tendências da moda foi algo que, segundo os entrevistados, ela fez desde a juventude – o que é possível perceber através de suas fotografias e de uma percepção da sua indumentária, como mostra a Figura 16.



Figura 16: Lyuba Duprat na Praia do Cassino, 1930.  
Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovanini

Nessa fotografia é possível perceber alguns elementos da indumentária da época (final dos anos 20 e início dos anos 30), quando Lyuba tinha aproximadamente 30 anos de idade. Apesar de não ser o foco da pesquisa, fazemos aqui uma breve leitura da indumentária de Lyuba na moda da época, para que seja introduzida a temática e as discussões sobre esse universo feminino e vaidoso da professora. Nessa foto (Figura 13), Lyuba aparece com alguns elementos que, segundo o professor da Universidade de Artes de Londres, Stevenson (2012), eram características da época: cabelo curto do visual *garçonne* e sapatos de pulseira bicolores que ficavam valorizados pelas “saias à altura da panturrilha”, que “significavam que os sapatos usados pela mulher dos anos 20 tornaram-se pontos mais focais e eram escolhidos como acessórios para um traje” (STEVENSON, 2012, p. 100).

Além disso, os sapatos utilizados por Lyuba na fotografia eram uma leitura da estilista Coco Chanel para os sapatos de pulseira – ela criou os sapatos bicolores em preto e branco para evidenciar os pés e o contraste entre as duas cores (STEVENSON, 2012). A moda feminina europeia chegava às mulheres brasileiras principalmente através das revistas femininas, que mostravam as tendências que eram adaptadas da moda europeia. Na citação abaixo, Maluf e Mott (1988) mostram a divulgação dos penteados na Revista Feminina na década de 20:

[...] na virada do século a moda eram os rebuscados 'penteados ornamentais' com as ondas conseguidas artificialmente com um ferro de frisar. Duas décadas depois, os cortes indicavam que as mulheres não mais se contentavam com a antiga imagem de 'frequentadoras do teatro e dos jantares'. Estavam esculpindo uma silhueta de mulher moderna. Em dezembro de 1924 a Revista Feminina já indagava se o cabelo curto não seria 'um sintoma da emancipação do belo sexo'. Devia ser, já que a própria revista identificava, pelo corte dos cabelos, a escultora, a literária, a estudante, a datilógrafa, a *sportswoman* (MALUF e MOTT, p. 370, 1998).

Lyuba usava os penteados com cabelo curto, quando jovem, e com o avançar da idade, o cabelo preso com coque. O ritual associado ao penteado e à rotina de beleza de Lyuba é lembrado por Berenice Avancini ao olhar a fotografia do frisador de cabelo, objeto que pertencia à Lyuba e que hoje faz parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande. Berenice lembra de como ela fazia para chegar ao penteado ao olhar a fotografia abaixo (Figura 14) e diz:



Figura 17: Frisador de cabelo, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

[...] ah, mas ela usava muito! Às vezes, se eu passasse de manhã na casa dela, para deixar alguma coisa, que ela gostasse de comer ou coisa assim, ela sempre estava com... a gente chama de papelote, ela chamava de bigoudis. Ela enrolava no próprio dedo, e não colocava papel, colocava aqueles grampinhos, sabe? Então toda essa parte ela fazia de bigoudis e atrás ela tinha um coquinho. E depois quando a gente chegava para aula, ela já tinha desmanchado aquilo e o cabelo ficava sempre arrumado. E usava para sair sempre a *voilette*.<sup>44</sup>

Nesse momento Berenice não lembra apenas do objeto – frisador –, mas também da rotina de Lyuba relacionada à arrumação do cabelo e o modo como ela fazia para arrumá-lo de acordo com o penteado da época. Podemos

---

<sup>44</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS.

perceber então que, nesse caso, o objeto serviu sim como evocador de memórias, pontes de lembranças sobre Lyuba e sua rotina de beleza, além de ter provocado lembranças sobre o “bigoudis”. A *voilette* lembrada por Berenice como um dos elementos que Lyuba usava para ir à rua, tornou-se marca registrada de Lyuba junto com dois outros elementos: luvas e sombrinha, pois estes três objetos são sempre lembrados pelos entrevistados e também pelo depoimento da sua aluna, Maria Helena Souza, mostrado anteriormente. Berenice, quando perguntada se outras pessoas também utilizavam os objetos na época em Rio Grande e se Lyuba usava realmente a *voilette*, responde: “Usava. Luvas e sombrinha. [...] não, só ela [usava]. Ela não tinha uma mancha na pele. Com 94 anos, que foi a idade que ela faleceu, ela não tinha nada de mancha” (Entrevista Berenice Avancini, 2013).

Além de Berenice, Ricardo Soler em entrevista realizada, também relembra e destaca a maneira como Lyuba se vestia e os objetos que estavam sempre presentes no seu repertório de indumentárias e “estojo de identidade”:

[...] e depois o que eu acho que contribuiu, é que o tempo passou, mas nisso parece que ela parou, com relação à moda e a se vestir, ela parou ali e era fiel. Uma coisa que eu me lembro dela dizer, que gostava muito do preto, que era clássico e que não saía de moda nunca. Às vezes eu vejo as roupas que ela usava... esses dias eu até vi e disse para minha mulher “*Olha parece a roupa da Lyuba*”. Porque moda é assim, vai volta, mas, ela sempre se manteve na moda, uma característica dela. Não usava sapato alto, no máximo um saltinho pequeno, mas salto alto nunca vi. Mas a principal característica dela é a luva, a bolsa e o veuzinho dela.<sup>45</sup>

Na narrativa de Ricardo existem elementos importantes que mostram como os objetos associados à indumentária estão presentes na sua memória, assim como na de Berenice, e sua importância na personalidade de Lyuba. Quando ele diz: “Olha, parece a roupa da Lyuba”, Ricardo faz a associação dos objetos e roupas que ele vê hoje na televisão ou na rua com as que Lyuba utilizava, mostrando o quanto isso marcou a sua memória sobre a personalidade da professora. Nesse sentido, os objetos também trabalham como evocadores de memória, pois ao ver as roupas atuais ele relembra não apenas dela e das roupas que ela utilizava.

---

<sup>45</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS

Apesar de não ser uma evocação feita pelos objetos e fotografias levados para o momento da entrevista, é uma evocação feita em outro momento lembrada e fortalecida naquela ocasião. Esse é um dos sentidos que norteiam o conceito de objeto como ponte e ‘arrimos de memória’, e, também associado à identidade, explorada no capítulo anterior. Regina Carmem também conta, na primeira parte da entrevista, que ela era conhecida na cidade como uma legítima francesa e que “quando ela saía na rua todo mundo olhava, todo mundo... ela era muito conhecida pela roupa, pelo chapeuzinho com véu, pelas luvinhas”.<sup>46</sup>

Nesse caso, os objetos da indumentária mostram-se importantes para a construção da personalidade de Lyuba e hoje funcionam como grandes evocadores de memórias. Michelle Perrot faz uma análise sobre a importância que a roupa tem para a memória e construção da personalidade feminina. Segundo ela,

[...] uma luva, um lenço, são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toalete que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: “Naquele dia eu usava...” ela diria. A memória das mulheres é uma memória trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar. A importância das aparências faz com que as mulheres sejam mais atentas ao seu léxico. O máximo que elas podem se permitir é o rosto do outro (PERROT, 1989, p. 14).

Perrot nos mostra de que forma os acessórios e as roupas estão muito atrelados à construção de uma imagem e memória feminina. Mesmo que aqui não tenhamos uma memória narrada e trajada de Lyuba Duprat, percebemos que essa relação é forte, aparecendo inclusive na fala de seus ex-alunos.

Numa tentativa de aproximação ao conceito de “estojo de identidade” de Goffman, verificamos que itens como a *voilette*, luvas e demais acessórios utilizados por Lyuba Duprat e que se fixaram como representação de sua pessoa social, remetem ao que Sant’anna define como “os calçados e os adereços serviam como prova maior de beleza e distinção [...] a elegância trazida pelo porte do chapéu, o esmero das luvas e do leque” (SANT’ANNA, 2013, p. 106).

---

<sup>46</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

Entretanto, no caso de Lyuba Duprat, a utilização dessas peças vai mais além: elas representam uma elegância francesa, algo que não era possível encontrar com facilidade no cenário brasileiro e, principalmente, rio-grandino. Era utilizado no aspecto de distinção social (BOURDIEU, 2007), de afirmação e de aproximação além-mar. Igualmente, é importante observar o que fala Mariana Rodrigues, de que a elegância vai além da aparência e do que é visível, ela expõe o que é “intrínseco ao sujeito, a sua alma” (RODRIGUES, 2011, p. 10). O corpo e, conseqüentemente, a roupa são lugares de expressão do que é interno, da personalidade do sujeito, assim como as demais ações dos sujeitos, como a maneira de andar e falar (RODRIGUES, 2011).

Assim, através das narrativas dos entrevistados, é possível perceber que há um reconhecimento da professora como uma pessoa diferente, que chamava atenção de quem por ela passava. Algumas vezes, os trajés utilizados pela professora eram vistos como uma distinção inclusive de nacionalidade, fazendo com que alguns, segundo a entrevistada, a confundissem com uma francesa. Em outro momento da entrevista, Ricardo Soler conta como o fato de Lyuba ter morado em Paris influenciou na maneira dela se comportar e também de se vestir,

[...] lá [França] eles tinham muito esse hábito, ela morou em Paris durante a “*Belle Époque*” e era a maneira como se arrumavam lá. Porque ela usava aquelas luvas, podia estar o sol que tivesse, mas ela estava com as luvinhas e os veuzinhos dela, acho até que uns dos veuzinhos dela foi para o museu, não tenho certeza, e a sombrinha – isso aí era a característica dela, e a bolsa.<sup>47</sup>

Os objetos de indumentária também tornam a aparecer nas narrativas e memórias dos entrevistados, corroborando a ideia do antropólogo Daniel Miller (2013), de que a indumentária é extremamente marcante e fator essencial na formação de personalidade e identidade dos indivíduos. Para o autor, as roupas servem como uma categoria de diferenciação, não só de gênero, mas de “classe, nível de educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste como lazer noturno” (MILLER, 2013, p. 21). Miller

---

<sup>47</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS

ainda afirma que a indumentária serve como uma linguagem que diz quem somos, qual a nossa personalidade e identidade.

A ideia de Miller é desmitificar o conceito de que a indumentária, o seu estudo e consumo, são coisas estritamente superficiais e fúteis. Para o autor, “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser” (MILLER, 2013, p. 22). É também por isso que estes objetos da indumentária são tão marcantes nas memórias dos entrevistados, porque eles mostram ser importantes para definir a personalidade e a identidade de Lyuba Duprat.

O estudo de Peter Stallybrass, em seu livro *O casaco de Marx*, corrobora essa ideia, quando afirma que “[...] a roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, **a roupa é um tipo de memória**. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2000, p. 18 – grifo nosso).

A indumentária é tão importante para a memória, que os objetos vinculados à ela aparecem constantemente na evocação memorial dos entrevistados. Além disso, é importante salientar que, conforme foi dito anteriormente, a visualização dos objetos e de retratos de Lyuba utilizando suas roupas e acessórios, fez com que os entrevistados criassem outras conexões memoriais com momentos e curiosidades sobre ela, mas também com outros objetos que não foram nem mostrados nas fotografias. “As roupas são máquina de comunicar” (MAFFESOLI, 1996, p. 161), afirma Michel Maffesoli, elas funcionam como uma espécie de armadura, de signo e de componentes da vida cotidiana, do corpo social e da teatralidade humana (MAFFESOLI, 1996).

Nesse caso, a fotografia se apresenta como um potente sociotransmissor, assim como os objetos, pois eles veiculam através de suas imagens e representações uma memória de alto nível (CANDAU, 2009 e 2006), são também transmissores memoriais. Nesse caso, a visualização do retrato abaixo permitiu que a entrevistada percebesse a presença de um elemento material, um objeto da indumentária de Lyuba. Nas entrevistas realizadas, o contato com as fotografias acionava lembranças que se construíram a partir de

alguns pontos identitários da professora. É o que se observa na fala de Berenice Avancini, quando exposta a Figura 18:



Figura 18: Lyuba Duprat, 1950.  
Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovanini

No momento em que olhava o retrato acima, Berenice lembrou que:

[...] ela tinha uma coleção de blusas fantásticas, porque como ela tinha o rosto muito bonito, para ela o que envelhecia muito uma mulher, que chama muito a atenção, era o pescoço, então ela tinha blusas lindas de organza, de seda, de cambraia... e usava muito coleiras, coleiras de veludo, com pedras...Aqui tem uma!<sup>48</sup>

O mesmo acontece quando a entrevistada analisa a foto da espátula de unhas (Figura 18), pertencente à professora, e relembra:



Figura 19: Espátula de unhas, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

---

<sup>48</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS

[...] Ah sim, ela tinha as unhas perfeitas. Ela não pintava as unhas, nem usava base. Só as unhas lixadas, não muito curtas, tinham uma pontinha. Ela dizia que os professores tinham que ter as unhas impecáveis, porque o aluno sempre olha para professora, para o rosto e para as mãos. Porque os professores falam com as mãos também. Muita coisa assim que ela dizia e que a gente não esquece.<sup>49</sup>

Na entrevista o cuidado com as unhas e o aprendizado sobre o “ser professora” também foi lembrado com a presença da espátula e, novamente, o objeto provoca outras lembranças. Tanto Berenice quanto Regina dizem, em suas entrevistas, lembrar muito das mãos da professora Duprat. Em sua fala, Regina Carmem rememora:

[...] eu lembro muito das mãos dela, das unhas dela, ela tinha as unhas bem fininhas assim, sempre sem nenhum esmalte. Só no final, claro quando a pessoa fica mais velha, a unha ia ficando assim meio riscadinha... Olha, se eu fechar os olhos eu me lembro dela direitinho com as unhas, incrível! Porque eu gosto muito de mãos, eu adoro, estou sempre olhando as mãos das pessoas e eu me lembro daquelas mãos dela.<sup>50</sup>

As fotografias dos objetos trazem à narrativa dos entrevistados uma série de conhecimentos e significados imateriais à sua materialidade. A visualização da representação dos objetos através das fotografias causa uma evocação memorial que conecta o narrador a outros fatos que vão além do objeto mostrado. Para Octave Debary, trata-se da imaterialidade contida na materialidade que, segundo o autor, utilizando o conceito de Didi-Huberman, essa imaterialidade é chamada de “resto noturno”, “cuja revelação à consciência confere valor a noção de trabalho da memória. O valor e o poder do objeto acionam uma memória involuntária, escondida, presente no vazio de uma garrafa [...]” (DEBARY, 2010, p. 42).

No entanto, nem todos os objetos levados para as entrevistas são evocadores de memória e associados à sua antiga dona; há objetos que os entrevistados acabam não reconhecendo. Todavia, mesmo que isso ocorra, em alguns casos eles lembram outros objetos e outros acontecimentos que marcaram suas memórias narrados durante a entrevista. É o caso do espelho

---

<sup>49</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS

<sup>50</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

(Figura 20) e do alfinete (Figura 21), durante a entrevista com Berenice Avancini.



Figura 20: Espelho de mão, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

[...] Ah, o espelho... é engraçado que essa mesa aqui ficava em frente ao quarto dela, e tinha um espelho que era da mãe dela todo trabalhado e desenhado no cabo também [...] E no dia que ela morreu, tiraram o corpo dela do quarto e eu sai e bati com a cortina, e o espelho caiu no chão e quebrou... é, tem... essas coisas..<sup>51</sup>

Ao olhar o espelho, Ricardo relembra de um fato que permaneceu em sua recordação, provavelmente por fazer parte do cenário e dos acontecimentos depois da morte de Lyuba, e, associa esse espelho a outro, o que foi quebrado no dia do falecimento da professora. O mesmo espelho traz uma narrativa diferente durante a entrevista de Flavio Hanciau, onde ele relembra que:

[..] o espelho era da cômoda do quarto, onde tinham objetos de uso da Lyuba, quando ela adoeceu e caiu, entramos no quarto para ajudar e cuidar dela, pois ela ficou acamada, e me lembro de ter esse espelho ao lado da cama possivelmente para o seu uso diário.<sup>52</sup>

Já Berenice relembra de outro fato vivido e aprendido com Lyuba enquanto olha a fotografia do alfinete (Figura 21).

---

<sup>51</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS.

<sup>52</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.



Figura 21: Alfinete de chapéu, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

Isso aqui devia ser do pai, não é? [...] do pai eu acho, que depois ela guardou... Eu não me lembro desse aqui. Eu lembro também que para arrumar a cama, para o lençol de baixo não se mexer – naquela época não tinha aquele elástico – ela prendia os cantos com alfinetes. A cama estava sempre esticadinha<sup>53</sup>.

Outro caso aconteceu com Regina Carmem, quando ela visualizou a fotografia do batom vermelho (Figura 21) e fez a seguinte observação:



Figura 22: Batom vermelho, sem data  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

[...] ah... é mas ela só usava assim um pó de arroz, às vezes ela estava tão branca, tão branca. Ai eu dizia: “*vamos... Se a senhora quiser eu arrumo, porque a senhora botou demais*”, ela dizia “*Ai minha filha, mesmo?*” “*É, a senhora botou demais, está quase assim um cadaverzinho*” [risos] Ela dava risada, ia lá e tirava porque ela gostava muito de pó de arroz, tinha uma pele muito linda, branquinha, branquinha.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS

<sup>54</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

O batom, em si, não foi lembrado pela entrevistada, mas a sua materialidade possibilitou lembrar-se de Lyuba e o uso do pó de arroz. E Regina faz isso de maneira alegre, descontraída, lembrando de quando Lyuba utilizava demasiadamente o produto. A mesma relação entre os dois objetos e o hábito de Lyuba em usar o pó de arroz também foi lembrado por Flavio Hanciau, durante a entrevista e a visualização do batom. Essas conexões e trabalhos de memória que os objetos provocam nos entrevistados vão ao encontro da ideia de Silveira e Lima (2005), para ele, “o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida” (2005, p. 40). Nesse sentido, os dois (objetos e entrevistados) contam sobre as histórias e experiências de Lyuba.

A vaidade de Lyuba é lembrada nos dois momentos das entrevistas (livre e durante a visualização das fotos). Quando perguntado se ela era uma pessoa vaidosa, Ricardo responde: “Muito...!!! Usava muito pó, não saia sem maquiagem, sem o pó de arroz. Não era de pintar a unha. Mas, assim, andava sempre de elegância. Ali era a elegância personalizada, uma pessoa elegante”<sup>55</sup>. Aqui percebemos que os cuidados de Lyuba com a unha, com a pele e o uso do pó de arroz são lembrados pelos entrevistados, todos com narrativas que possuem similaridades, que podem atestar uma possível recorrência sobre a rotina da professora.

Da mesma maneira, Berenice dá a dimensão de como ela era dedicada aos ritos de beleza e preocupada com a sua aparência, ela conta como era Lyuba no dia-a-dia

[...] sempre arrumada, sempre com a pele perfeita, com as unhas perfeitas, com o cabelo perfeito. Como eu te disse, se eu chegasse fora de hora, como eu já tinha mais intimidade, eu me atrevia... passava pela rua, como a gente morava na mesma rua, eu batia ou sei lá... às vezes se eu comprasse alguma coisa e quisesse deixar para ela almoçar e ela dizia “*Me pegasse desprevenida, nem me ligasse antes*”. E eu, “*não, nem vou entrar... só vou deixar*”.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS.

<sup>56</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS

Era uma característica forte de Lyuba e que está presente nas narrativas dos entrevistados. Seu universo feminino e vaidoso de Lyuba também pode ser observado nos objetos que estão, principalmente, no Museu da Cidade do Rio Grande: as roupas, acessórios, batom, bolsa, objetos de higiene e de cuidado pessoal. Abaixo, outros objetos que também fazem parte do Museu e demonstram esse universo:



Figura 23: Objetos de Lyuba: Bolsa de festa, peinetas, batom vermelho, leque e lixa de unha, sem data.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

Alguns dos objetos da Figura 22, pertencentes a esse “estojo de identidade”, também foram lembrados pelos entrevistados, embora as narrativas e memórias evocadas tenham sido mais sintéticas. Nubia Hanciau, quando viu a fotografia da bolsinha, lembrou-se do objeto e a mesma foto provocou uma reação similar com a entrevistada Regina Carmem: “Ai! A bolsinha... isso aqui era a bolsinha de festa dela, essa bolsinha eu me lembro dela em festa”<sup>57</sup>. Assim como Tabajara e Cleusa Almeida, apesar de dizerem que não se lembravam do batom vermelho (Figura 19) em si, fazem sua associação com a característica dela:

[...] eu não conheci esse objeto, mas isso sim me lembra alguma coisa para dizer sobre ele, que é a “*coquetterie*” dela. Ela era *coquette*, era vaidosa, fisicamente assim... o veuzinho, isso era uma coisa francesa, parisiense de se arrumar eu acho, de se enfeitar, não ficar nunca relaxada do ponto de vista dela, isso me lembrou esse aspecto.<sup>58</sup>

<sup>57</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

<sup>58</sup> Entrevista de Tabajara e Cleusa Almeida em 18 de fevereiro de 2014. Realizada através do programa Skype (conversa online). Porto Alegre, RS.

Aqui, novamente, a característica francesa no modo de vestir e de cuidar da beleza de Lyuba volta a ser lembrada pelos entrevistados e relacionada com os objetos que ela usava. Nesse momento, o professor Tabajara utiliza a palavra francesa *coquette* que, segundo o Dicionário Reverso, trata-se de uma pessoa elegante que cuida de sua aparência. A frase utilizada pelo entrevistado mostra, de maneira bem clara, as conexões que os objetos podem fazer: “Eu não conheci esse objeto, mas isso me lembra alguma coisa para dizer sobre ele [...] isso me lembrou esse aspecto dela”. São os objetos, novamente, fazendo pontes memoriais com outros objetos e acontecimentos que não aquele que aparece na fotografia. Sobre esse fator, o autor Marcus Dohmann afirma que:

[...] o fluxo dos sentidos e imagens que os objetos veiculam através dos canais de comunicação é capaz de despertar aspectos singulares nas reminiscências dos indivíduos, pelas recordações de vivências passadas que alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material (DOHMANN, 2013, p. 33)

Assim, a materialidade das coisas, mesmo que estejam apenas representadas em fotografias, como é o caso nessa pesquisa, causa um efeito no sujeito, fazendo com que ele crie conexões e desperte sentimentos e recordações. Outro objeto que compõe o quadro de indumentária da professora Duprat e que foi lembrado por alguns dos entrevistados são os leques. O Museu da Cidade do Rio Grande possui vários deles identificados como sendo seus, alguns mostrados durante as entrevistas.



Figura 24: Leques, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, sem data.

Ao ver essas fotografias, Tabajara, Berenice e Regina lembram de algumas coisas. Tabajara diz: “Ah sim, isso sim a gente viu ela usar... o leque...é Paris, *Belle Époque*..”. É interessante analisar a associação que

Tabajara faz entre o leque, a França e o período da *Belle Époque*. Esse período é, como será explorado posteriormente, marcado pela influência francesa. Dessa forma, novamente a referência à França torna a aparecer nas lembranças dos objetos. Já Berenice Avancini, Regina Dolci e Flavio Hanciau relembram de outros fatos sobre os leques. Berenice narra: “Isso aqui tudo ela tinha na sala, numa vitrine. Na sala, o armário todo envidraçado ela chamava de vitrine e ela colocava todos os objetos que ela tinha, que pertenceu à família, ou que foi da mãe, das irmãs, dela também”. Regina rememora um fato parecido, apesar de não dar uma precisão exata sobre os leques:

[...] o leque! Ela tinha um leque que ficava exposto [...], acho que ficava em cima, que ela chamava *étagère*.[...] Pois é, era uma coisa meio alta, eu acho que tinha um leque que ficava em cima. Ou ele ficava numa cristaleira... me lembro que tinha um leque aberto... a gente vai ficando mais velha e vai ficando esquecida [risos].

A mesma informação é compartilhada por Flavio Hanciau, quando relembra que:

[...] Nessa vitrine ela tinha um número grande de exposição de leques, não era para uso do dia a dia, mas para ornamentar a sala. Não a sala que recebia os alunos, mas na sala central da casa dela aquela peça mais escura que ela muito raramente convidava para ir ali, onde tinham as fotografias do pai e da família, e tinha uma cristaleira que tinham vários. E me lembro de outros, de todos os formatos <sup>59</sup>.

Na fala dos entrevistados podemos perceber que há similaridade dos fatos, pois a visualização da foto do leque aberto durante a entrevista os fez lembrar o leque que ficava exposto em algum móvel na casa da professora. Memórias fragmentadas e detalhes que nos dão um traçado sobre a rotina e o ambiente que a professora e seus alunos frequentavam. A lembrança das entrevistadas sobre o leque e demais objetos expostos em uma espécie de cristaleira, faz-nos lembrar a relação entre as mulheres e seus objetos trazidos por Michelle Perrot:

[...] as mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma

---

<sup>59</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

viagem ou de uma excursão, “mil nadas” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos seus porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto do amado. Mais tarde, fotografias individuais ou de família, em porta-retratos ou álbuns, esses herbários da lembrança, alimenta uma nostalgia indefinidamente declinada. Álbuns de desenhos ou de cartões-postais memorizam as viagens (PERROT, 1989, p. 13).

A cristaleira, lembrada por Berenice e Regina, está presente no trecho de Perrot como um possível local onde as mulheres preservam suas memórias e vestígios materiais, pequenos tesouros e relíquias mantidos e expostos.

A fala dos entrevistados é sempre norteadada pelos aspectos da rotina e características de Lyuba Duprat e não depoimentos meramente sobre sua funcionalidade. Essa teoria é apresentada por Alessandra Micalizzi (2010), quando advoga que os objetos nos possibilitam criar conexões para além do uso a que eles se destinam, conexões memoriais que não ficam restritas apenas na sua função, mas possibilitam que aprisionemos as emoções e memórias aos objetos, “objetificando a memória” (MICALIZZI, 2010, p. 3, tradução livre da autora).

Alguns objetos de Lyuba, como serão mostrados no terceiro capítulo, depois da sua morte foram distribuídos pelos inventariantes para amigos, parentes e pessoas próximas a elas. Alguns ainda foram vendidos para custear os gastos obtidos no período. Sendo assim, alguns dos entrevistados ficaram com alguns pertences que eram de Lyuba em suas casas, como recordações da professora. Como é o caso dos pequenos cálices de cristal que ela utilizava para servir vinho do Porto às visitas que recebia no final de semana, como relembra Ricardo Soler:

[...] isso era religiosamente, ela recebia muitas amigas, então o pessoal ia visita-la à tarde, e recebia com uma bandejinha com cálices de cristal e vinho do Porto, isso era sagrado. Trazia e oferecia para gente. E tinha outra coisa que eu acho muito interessante... um detalhe... no corredor ela tinha uns joguinhos de criança, então quem ia visitá-la com criança, ela já tinha os brinquedos para poder ficar conversando com a pessoa. Então ela pensava nisso.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS.

Berenice também se lembra do carinho demonstrado por Lyuba aos seus filhos, quando a visitava, pois eles recebiam doces e agrados, e, “qualquer criança que chegasse lá, os meus filhos eram bem pequenos... eles sabiam que sempre que chegavam a Lyuba tinha um pirulito, ou caramelo, alguma coisa pra eles comerem, porque ela adorava as crianças e dar alguma coisa pra eles”<sup>61</sup>.

A Figura 24 retrata um pouco da preocupação com a aparência e apresentação que Lyuba Duprat tinha, ao lado de dois amigos, mesmo com a idade avançada. Durante a primeira entrevista realizada com Ricardo Soler, perguntado sobre o que se lembrava de uma imagem fotográfica de Lyuba, Ricardo diz que “ela tinha um colar de pérolas que ela usava sempre, de uma volta... tinha outro também, colar bonito com várias voltas”. Na foto abaixo Lyuba aparece usando um colar de pérolas de várias voltas, lembrado por Ricardo.



Figura 25: Lyuba Duprat com amigos, sem data.  
Fonte: Site Genealogia Velasquez

---

<sup>61</sup> Entrevista de Berenice Avancini em 03 de dezembro de 2013, Rio Grande, RS

Como foi discutido nessa última parte do capítulo, uma das características mais evidentes de Lyuba foi a sua vaidade. Vaidade destacada pela utilização de objetos pouco comuns nas ruas de Rio Grande até a década de 90 e, mesmo que a utilização das luvas, *voilette* e chapéu fossem corriqueiras na primeira metade do século XX, Lyuba continuou “fiel” à moda e aos objetos com os quais ela se identificava e que já faziam parte da sua imagem. Por isso é uma das características mais lembradas não só pelos entrevistados, como foi explorado nesse capítulo, mas também pelas reportagens em jornais e revistas.

Próximo ao dia em que completaria 100 anos de idade, o jornal *O Peixeiro* publicou texto de autoria de Nubia Hanciau lembrando a professora Lyuba Duprat. Nesse texto de homenagem, alguns elementos da indumentária trazidos nesse capítulo voltam a ser destacados e lembrados pelo periódico:

Ela teria cem anos nesse 27 de junho, Lyuba Duprat uma das rio-grandinas mais ilustres, nascida em 1900, com o século, e falecida noventa e quatro anos depois, a maioria deles dedicados ao ensino da língua e cultura francesas. Os que resistiram ou transitaram por Rio Grande até 1994 **têm certamente presente na memória a figura vestida com *tailleur* negro, luvas, saltos altos e a inseparável *voilette* (pequeno véu) sobre os olhos.** Conhecida não apenas por ser filha do Dr. Augusto Duprat, pediatra de renome na cidade, mas, principalmente, pela sua personalidade marcante, Lyuba Duprat era tão feminina quanto culta, aspectos que pareciam dissociados numa época que era quase impossível a existência de uma mulher “liberada”. (HANCIAU, 25/06/2000 – grifo nosso).

Neste trecho, algumas das características desenvolvidas no decorrer dessa pesquisa são lembradas pela professora. Aqui, chamamos a atenção, principalmente, aos mesmos objetos lembrados pelos entrevistados: o sapato, a luva e o chapéu com o véu e, ainda, o *tailleur* preto. Estes objetos não foram só marcantes nas memórias dos entrevistados, mas acabam fazendo parte de uma imagem e referência local à professora, conforme será desenvolvido posteriormente. A utilização de alguns objetos e traços que mostram a sua feminilidade pode ser observada na Figura 26.



Figura 26: Lyuba Duprat e Flavio Hanciau, sem data.  
Fonte: Acervo pessoal de Nubia Hanciau

A fotografia mostra Lyuba Duprat utilizando um dos seus *tailleurs*, com o lenço amarrado no pescoço (um dos “truques” para esconder as marcas da idade no pescoço), a *voilette* presa no coque e o pó de arroz – alguns dos elementos lembrados pelos entrevistados. A preocupação em esconder o pescoço, lembrada por Berenice, também é trazida por Regina Carmem:

[...] depois que ela ficou mais velha, tinha sempre com o pescoço coberto, porque ela dizia que uma mulher quando fica com o pescoço enrugado não pode ficar mostrando, pois era muito feio. Então ela botava aquele lenço e enrolava assim, até para dar aulas no final...<sup>62</sup>.

A senhora Regina Carmem lembra disso sem o auxílio imagético das fotografias de objetos ou da própria professora, ela traz na sua narrativa, enquanto fala sobre a personalidade de Lyuba, seu cuidado com a beleza e seu estilo de vida.

O que foi possível perceber nas entrevistas é que muitos objetos e atividades rotineiras da professora eram conectados, segundo os entrevistados, a uma aproximação com a cultura francesa. Essa influência pode ser vista não apenas no conhecimento da língua, mas em pequenos gestos diários e em sua vestimenta. Por ser algo tão marcante nas narrativas e por mostrar o contexto em que os objetos de Lyuba estavam imersos, compondo essa francesidade na vida da professora, é que agora analisaremos como aconteceu essa aproximação de Lyuba Duprat com a cultura francesa.

---

<sup>62</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci em 18 de dezembro de 2014, Rio Grande, RS.

## ***A aproximação com a cultura francesa***

Os trechos das entrevistas trazidos até o momento, demonstram alguns aspectos interessantes para discussão e compreensão de Lyuba Duprat e do papel que os objetos desempenharam na construção de sua identidade e, ainda, da sua “máscara social”. Um deles é a associação dos cuidados com a beleza e imagem pessoal que a professora fazia, com a *Belle Époque*<sup>63</sup>. Esse período foi de grandes transformações na virada do século XIX para o XX e continuou nas primeiras décadas do século XX. Uma de suas características, segundo Nicolau Sevcenko, era a influência francesa na vida cultural das cidades (SEVCENKO, 1998, p. 26).

A busca pela imagem e o desejo de seguir o modelo francês como padrão e estilo de vida, foi algo muito expressivo na professora Lyuba Duprat. Entretanto, há de se destacar que a valorização da cultura francesa foi uma característica presente no início do século XX no Brasil, apesar de começar de forma mais significativa na segunda metade do século XIX, e, influenciou a modernização da maioria das cidades brasileiras, desde a capital, Rio de Janeiro, mas também Rio Grande e Pelotas (MATTOS, 2006 e ORTIGARA, 2013). Deste modo, a cultura francesa acabou influenciando cultural e simbolicamente as famílias mais abastadas do período, “determinando os modelos da vida social e cultural, através das suas referências intelectuais e filosóficas, como as da pintura, da decoração, da culinária e da moda” (MATTOS, 2006, p.1).

Nesse sentido, a influência da cultura francesa em Lyuba Duprat vem não só do período histórico em que viveu, mas daquilo que ela própria associava às origens familiares, da qual era sucessora e representante. Essa francesidade estava presente na forma como se apresentava ao mundo externo e tal como aborda Goffman (1985), a construção social da pessoa dá-

---

<sup>63</sup> Nicolau Sevcenko demonstra na introdução do terceiro volume do livro *A História da Vida Privada no Brasil* como o início do século XX foi influenciado pela cultura francesa na Belle Époque. Com a inauguração da Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, os cariocas transitavam por essa e por outras avenidas com os trajes franceses e, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, “as pessoas aos se cruzarem no grande bulevar não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetiam uns aos outros: ‘Vive la France!’” (SEVCENKO, 1998, p. 26).

se pela elaboração de marcas pessoais, sempre resultado de eleições feitas pelo sujeito sobre o que irá representá-lo. É nesse sentido que se pode abordar a ideia de francesidade associada à figura de Lyuba Duprat. Mais do que uma opção de vida ou algo que se caracterize como inato, a vinculação com a cultura francesa deu-se em parte pela associação da ideia de França como o centro da cultura ocidental, local de propagação de “normas civilizatórias” entre elas a etiqueta, os hábitos de comer e vestir, e, a diplomacia.

A influência dos costumes franceses no Brasil no início do século também é marcada pela educação, onde

[...] os bons modos, tanto na cultura como na educação e na vida mundana, eram regulados pela maneira parisiense de ver e de ser. Assim, o idioma francês era falado nas cortes europeias, dominando o gosto e a elegância da fala e da expressão (MATTOS, 2006, p. 1).

A concepção do ser e saber francês está diretamente relacionadas ao que se entendia por bom gosto e boa educação na época. Sobre o mesmo período, Gilberto Freyre afirma:

[...] tudo que era português foi ficando “mau gosto”; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando “bom gosto”. Grandes cargas de panos, móveis, louças, artigos de luxo franceses, inundaram os portos do Brasil, logo que a França pôde competir com a Grã-Bretanha na conquista do mercado brasileiro (FREYRE, 1977, p.336).

Além da vivência em terra francesa, Lyuba Duprat carregava no sobrenome e no jeito de ser uma expressão francesa que se concretizava com o ensinamento da língua. Essa associação entre a identidade de Lyuba e a França está, em parte, por reconhecer nesse passado uma memória genética, ancestral, o “berço Duprat”. A transmissão de uma memória familiar é ao mesmo tempo a transmissão de uma identidade, pois, segundo Joel Candau “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (2012, p. 118). Essa maneira de estar no mundo é vivida por Lyuba, baseada em suas raízes francesas, que se verifica por intermédio de seus objetos e narrativa dos entrevistados. Além disso, para Candau, a busca sobre o mito das origens e das raízes familiares tem um papel primordial na definição das identidades, tanto individuais, quanto coletivas (CANDAU, 2012, p. 96).

Pierre Bourdieu também afirma que a família e a educação no espaço doméstico, desde a infância, são primordiais para a concretização de um indivíduo com uma cultura mais forte, profunda e não superficial (BOURDIEU, 2007). Dessa forma, a educação e a influência familiar que Lyuba Duprat teve, foi, provavelmente, um dos fatores que acabou incentivando essa primeira aproximação e a busca por uma cultura e identidade francesa.

Podemos dizer que, de maneira geral, a população rio-grandina a via dessa forma, como uma francesa – fato que é trazido nas narrativas dos entrevistados e em conversas realizadas durante a pesquisa. Regina Carmem é uma das entrevistadas que descreve tal fator ao lembrar sobre quando teve o interesse em começar a fazer aulas particulares de francês:

[...] me falaram que tinha essa professora... Porque na realidade todas as pessoas pensavam que ela era francesa mesmo, pelo nome e tudo. Mas depois, claro, com a convivência com ela a gente descobriu que era brasileira, mas tinha estudado muito tempo na França.<sup>64</sup>

Neste trecho podemos perceber que Regina demonstra o que parecia ser um entendimento geral da cidade – que Lyuba era mesmo francesa. Essa característica se revela não só nas entrevistas, mas também nos cursos e conteúdos das reportagens jornalísticas. O nome, sobrenome e o jeito de ser e vestir denunciavam essa diferenciação cultural quando comparada aos demais rio-grandinos. Enquanto narrava sobre a sua relação com a professora Lyuba Duprat, o senhor Flavio Hanciau sublinha o contraste dela frente aos demais conterrâneos:

[...] quando saía na rua em Rio Grande, usava aquele traje bem elegante, elegante para uma época, era a “*vieille France*”<sup>65</sup>, com a sua *voilette*, e às vezes eu a convidava para almoçar comigo, eu chegava no restaurante com a Lyuba e as pessoas chegavam a parar para vê-la, porque ela impressionava: branquinha, clarinha, com aquele sorriso sempre nos lábios, e a simpatia.<sup>66</sup>

A senhora Regina também relaciona, na primeira parte da entrevista, os hábitos e a educação de sua professora com a cultura francesa. Em suas

---

<sup>64</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

<sup>65</sup> França antiga. Tradução livre da autora.

<sup>66</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

palavras: “[...] ela era uma pessoa muito refinada, ela era uma francesa! Era uma francesa que tinha nascido no Brasil por acaso, mas ela era uma francesa legítima!”<sup>67</sup>. Mas a associação com a cultura francesa não foi realizada pelos entrevistados apenas em relação à sua maneira de vestir e andar, mas também pelos seus hábitos domésticos e cotidianos, como também mostra a senhora Regina Carmem na segunda parte de sua entrevista:

[...] em cima da mesa dela ficava tanta coisa que tu não podes imaginar. Quando chegávamos para aula ela botava os livros que estava lendo para o lado, sempre tinha aquela bandejinha com os cálices para ela oferecer, então era tudo assim, bem coisa de francês mesmo, os franceses são assim, têm um monte de coisas na casa.<sup>68</sup>

Aqui a senhora Regina demonstra, em sua narrativa, como ela visualiza os hábitos domésticos de Lyuba Duprat relacionados com a França. A residência de sua professora é, conforme tratamos anteriormente, um reflexo de seu estilo de vida, do seu universo particular e, portanto, de sua relação com a França. Esse aspecto é salientado por Flavio Hanciau, na primeira parte de sua entrevista, quando afirma que ao frequentar as aulas e a residência da professora Lyuba Duprat era possível “viver a França em Rio Grande”<sup>69</sup>, o que é visto por ele como algo único, singular e que anteriormente só seria possível conhecer através dos livros e filmes.

O que faz a residência de Lyuba Duprat ser um referencial da França na cidade do Rio Grande são os sistemas de objetos que ela possuía, seu cotidiano e todas as referências culturais presentes na rotina da professora. Quando não realizava mais as suas viagens à França, a aproximação com o velho mundo era fortalecida, segundo Flavio Hanciau, “através dos livros, das lembranças, dos objetos; ela mantinha uma França ativa na vida dela, e, claro, cada vez que encontrava alguém que falava francês”<sup>70</sup>.

Nesse caso, o próprio entrevistado dá a dimensão da importância dos objetos de Lyuba Duprat para essa conexão entre a professora e a França.

---

<sup>67</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

<sup>68</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

<sup>69</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

<sup>70</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

Eles representavam para ela sua herança familiar e cultural, o país onde estudou e adquiriu seus conhecimentos, e, a maneira com que ela se identificava e se via no mundo. Outra fonte que expõe essa associação com Lyuba Duprat e nesse caso específico não só com ela, mas com a sua família como um todo, é o trecho do diário do Senhor Jorge Ruffier<sup>71</sup>, de maio de 1912.

A noite do mesmo dia havia uma reunião na casa do dr. Duprat, o médico que a Cie. Havia contratado para a assistência médica de todo o pessoal. Era um médico de descendência francesa muito competente e, sobretudo, muito consciencioso. A reunião se realizava em honra ao chefe da casa que fazia anos no mesmo dia. Ali encontrei a senhora Gertie Lawson que muito insistiu para que eu fosse visitá-la. As filhas do Dr. Duprat Aline, Lyuba, Ailza, assim como o filho Augusto Luiz, me lembravam as famílias européias. Fizemos um pouco de música e cantei uns lieds que conhecíamos em casa (RUFFIER, Jorge. Diário pessoal, 14 de maio de 1912).

No trecho de seu diário, disponibilizado para esta pesquisa pela sua família, o engenheiro Ruffier retoma a visita que faz na casa do médico Augusto Duprat, onde conheceu sua família e seus amigos. Essa associação feita com a família Duprat mostra o meio em que Lyuba foi criada e educada e como a aproximação com a cultura francesa começou antes mesmo de ela estudar na França. Esse depoimento é de um brasileiro, filho de francês, que viveu durante grande parte da sua vida na Europa, mas estava no Brasil e acabou relembrando das famílias europeias através da família Duprat. Esta é a interpretação de alguém que, podemos dizer, tinha um conhecimento sobre a cultura europeia e francesa, simplesmente pelo fato de ter morado lá e ser filho de franceses. Entretanto, devemos pensar o que isso representava para ela e para os demais, o que significava essa aproximação com a cultura francesa que ela buscou durante a sua vida?

A busca pela europeização da cultura foi um marco da *Belle Époque* brasileira em todo o Brasil, principalmente nas grandes cidades. No caso

---

<sup>71</sup> Segundo sua bisneta Andrea Maio Ortigara (2013), o sr. Jorge Ruffier era engenheiro da Cie Française du Port de Rio Grande. Nascido no Rio de Janeiro em 1885, era cidadão francês reconhecido pelo consulado da cidade. Mudou-se para a Europa antes de completar um ano de idade e lá viveu até 1903, quando retornou para o Brasil com sua família. Em 1910 foi contratado pela Cie Française, empresa que construiu os Molhes da Barra na cidade do Rio Grande.

específico de Rio Grande, cidade reconhecida pelo seu Porto e com influência açoriana e portuguesa muito expressiva, as referências francesas existiam e eram buscadas principalmente por uma camada social da cidade que possuía maiores condições financeiras. A geógrafa Andrea Maio Ortigara (2013) advoga que durante o Período Republicado, e posteriormente com a Primeira Guerra Mundial, as relações com a França foram intensificadas, o que gerou certa modificação nos hábitos e na vida cotidiana da cidade do Rio Grande. Para a autora, a cultura lusitana perdia espaço para a francesa, fazendo com que esta última ganhasse força no local como símbolo de “superioridade social” (ORTIGARA, 2013, p. 150).

Entretanto, é o período em que mora em Paris que acaba, segundo os alunos e entrevistados, potencializando essa francesidade de Lyuba Duprat. Entender o contexto cultural em que a professora estava inserida e a forma com que ela se aproximou dos conhecimentos franceses é importante, na medida em que nos fornece igualmente o contexto em que os objetos estão inseridos em sua vida. Os objetos de Lyuba estão diretamente conectados com a cultura francesa que ela expõe, assim como a escolha de suas coisas está associada ao seu gosto pela França.

Nesse caso entram principalmente os objetos da indumentária, pois a roupa e os acessórios que Lyuba utilizava na rua, em público, são um dos ícones que mostram e fortalecem esse imaginário. Como podemos ver nas páginas anteriores, os objetos mais lembrados de forma livre e espontânea pelos entrevistados foram, principalmente, os da indumentária. O véu, as luvas, a sombrinha e a bolsa eram “marca registrada” da professora e hoje funcionam como seus evocadores memoriais e identitários. Além disso, eles são os ícones visíveis e materiais que mais afirmam sua francesidade aos olhos do público.

Segundo o professor Lars Svendsen, baseado nos conceitos de Alison Lurier, a importância da indumentária “é pelo menos tão grande quanto a de todas as línguas faladas, ‘pois inclui todos os artigos de vestuário, penteado e decoração do corpo já inventados’” (SVENDSEN, 2010, p. 72). Logo, a vestimenta é uma forma de expressão e de identidade de grupo. Para o autor, ela é quase uma língua, um vocabulário com toda a sua complexidade (SVENDENSEN, 2010, p. 72). Todavia, é o que veremos posteriormente, no

caso de Lyuba Duprat trata-se também de uma escolha, de um referencial por ela elencado na criação de um personagem, de uma construção social.

#### As memórias e objetos nas narrativas – uma análise

É possível perceber que apesar de todos os entrevistados serem ex-alunos de Lyuba, os objetos que mais são reconhecidos e evocam mais memórias não são aqueles associados à vida profissional, ou seja, ao ofício de educadora, mas sim a sua performance pessoal, a forma como se apresentava ao público e as representações que isso derivaram (a francesidade, a elegância, e a cultura). Em base à essa análise, é possível estabelecer relação com o conceito de “máscara social”, conforme veremos posteriormente, que se vincula a valores e distinções sociais – tal como aborda Bourdieu –, que se sobrepõe ao aspecto didático-pedagógico e conteúdos ministrados, como o conhecimento de arte, música, gastronomia, “boas maneiras”, comportamento, etc. (BOURDIEU, 2007).

Sobre o resultado obtido através da realização das entrevistas e poder evocativo que os objetos da indumentária escreveram nos entrevistados, podemos pensar em algumas variáveis que possivelmente interferiram nesse processo de evocação de memória. Uma delas é a maior quantidade de objetos associados a esta imagem e ao mesmo tempo pessoal e pública, do que propriamente aqueles vinculados ao exercício do ensino de francês. Por outro lado, também podemos pensar na frequência com que estes eram visualizados pelos estudantes. Frente aos objetos mostrados, alguns deles não são reconhecidos por nenhum dos entrevistados, o caso do porta escovas de dente (Figura 27).



Figura 27: Porta escovas de dente, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

Este objeto doméstico não foi reconhecido por nenhum dos entrevistados. Entretanto, o não reconhecimento deste objeto também leva a refletir sobre os objetos que ficavam em cômodos mais íntimos: o quarto, banheiro e cozinha. O acesso a esses cômodos era mais restrito e, conseqüentemente, seria mais difícil que os entrevistados lembrassem dos objetos que os compunham. Tal como afirma Bachelard (1993), estes cômodos são lugares mais secretos e íntimos, que guardam os segredos e intimidades do dono da casa. Michel de Certeau diz que “este território privado, é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante” (CERTEAU, 2013, p. 203). Podemos comprovar esta hipótese e a preservação da intimidade de alguns cômodos através da fala de Regina Carmem quando visualizou o porta escovas de dente:

[...] na realidade eu nunca entrei na cozinha e no banheiro dela, nunca. Nós só íamos até uma sala porque era um corredor comprido e tinha livro, livro, livro. [...] O quarto mesmo eu nunca fui, às vezes quando ela estava deitada ela levantava e a gente não ia ao quarto <sup>72</sup>.

Por outro lado, o senhor Flavio Hanciau narrou que teve o privilégio de frequentar e acompanhar a professora Lyuba Duprat em uma intimidade que poucos tinham acesso, entretanto, mesmo assim não reconheceu o porta escovas de dente. O acesso ao banheiro da casa era restrito e, dessa forma, a

---

<sup>72</sup> Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

visualização dos objetos que pertenciam a esse espaço também o era. Essa é uma das possíveis hipóteses e interpretações para os dados obtidos nessa pesquisa. Por outro lado, também existem aqueles objetos pessoais particulares, que mesmo os amigos mais próximos não tinham acesso, pois eram guardados em locais reservados que preservassem a sua integridade. Provavelmente esse fosse o caso da caixa de madeira abaixo (Figura 28).



Figura 28: Caixa de madeira com madrepérolas, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

Esta pequena caixa de madeira, no seu interior contém pequenas cópias de moedas em madrepérola, redondas e retangulares, com um cartão de dedicatória para Lyuba, conforme a figura (Figura 29):



Figura 29: Cartão com dedicatória, 1933.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

“A querida Lyubá a tia envia esta lembrança como recordação do seu querido avô, Rio Grande 25/09/1933”. No verso do cartão, continha outra mensagem anterior à data de envio para Lyuba, com o dizer: “Feliz Anos. Com cumprimentos de Miguel Tito de Sá, 10 de julho de 1874”. Trata-se, possivelmente, de um objeto de família repassado entre as gerações e que

acabou ficando com Lyuba e, posteriormente, no Museu da Cidade do Rio Grande. Este objeto, provavelmente, pertencia ao seu universo íntimo, pessoal e familiar – conclusão feita pelo fato de que nenhum dos entrevistados o tenha reconhecido, exceto o senhor Flavio Hanciau que afirmou reconhecer a parte externa da caixa, mas não saber do que se tratava. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que era algo guardado, de pouca visualização por pessoas de fora, uma relíquia familiar. Sendo assim, esses e outros objetos que fazem parte da intimidade de Lyuba não foram evocadores de memória, não foram lembrados pelos entrevistados.

Por outro lado, podemos pensar que o museu pode ter recebido objetos que Lyuba não utilizava com frequência, guardados em espaços pouco frequentados inclusive por ela. Essa é uma das hipóteses levantadas, inclusive pelo senhor Flavio Hanciau, quando reflete que provavelmente alguns objetos mostrados nas fotografias durante as entrevistas tivessem sido retirados de um “quartinho” que Lyuba Duprat possuía no fundo de sua casa.

[...] ela tinha no fundo da casa, no jardim, um quartinho onde haviam milhares de caixas e caixotes com uma fantástica quantidade de coisas, objetos, correspondências, materiais. Acho que ela não jogava nada fora, e ia guardando tudo em caixas. Mas ela me dizia quando ia lá: “Um dia espero ter tempo para arrumar esse quarto aqui”. Mas acho que nunca aconteceu.<sup>73</sup>

A antropóloga Anelise Guterres apresenta em seu texto, *A morada e a casa: materialidade e memória no processo de construção do patrimônio familiar* (2013), a história de duas mulheres que moram na cidade de Porto Alegre - RS e se encontram em situações parecidas: vão mudar de casa, e ainda, elas serão demolidas. Na pesquisa etnográfica a autora busca acompanhar e compreender a triagem feita pelas pessoas sobre o universo de objetos divididos em dois grupos: os que ficam e os que vão junto, ou seja, os que serão descartados e os que continuam acompanhando, silenciosos, a trajetória de cada pessoa. O “quartinho”, espécie de depósito de fragmentos do passado, torna-se um lugar de forte presença de memória e de esquecimentos,

---

<sup>73</sup> Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

é aquele local onde as emoções voltam como um turbilhão de lembranças do passado e remexer nos objetos ali guardados fazem com que ela reviva esse passado, nem sempre algo agradável. Assim, a autora continua:

[...] era na bagunça que eles se constituíam como agentes da lembrança. E eram agentes dos mais poderosos. Eles haviam sido descartados ao acaso para que ficassem justamente longe do alcance cotidiano, pois remetiam a viagens longas, por vezes doloridas. Quando chegamos, foi preciso que ela destrancasse a porta com uma chave para que pudéssemos ingressar no cômodo (GUTERRES, 2013, p. 285).

Nessa perspectiva talvez os objetos guardados no quatinho, em caixas, fizessem parte do passado da professora, do acúmulo material que muitos de nós realizamos ao longo da vida – as referências memoriais –, mas que também se constitui como local de esquecimentos, de inutilidade. Por estarem guardados em caixas, os frequentadores da casa de Lyuba Duprat não tinham como (re) conhecê-los, isso era possível, provavelmente, apenas pela sua proprietária.

Retornando às entrevistas e aos resultados adquiridos durante a pesquisa, buscar com que os entrevistados pensem sobre Lyuba através dos objetos, mostrando as suas fotografias e os retratos dela, fez com que eles reconhecessem se os objetos são ou não marcantes em suas memórias e também na da identidade e personalidade de Lyuba. Além disso, serviu como um dos meios de testar a hipótese principal desta pesquisa, a dos objetos evocadores de memórias e representantes da personalidade dos indivíduos, neste caso de Lyuba Duprat.

Também é importante indicar que apesar de alguns objetos não terem sido levados para as entrevistas e visualizados através das fotografias, eles foram constantemente lembrados: a *voilette*, as luvas, a sombrinha, o pó de arroz e o colar de pérolas.

Estes objetos lembrados pelos entrevistados nos dois momentos da entrevista são representativos da imagem da professora repassa para seus alunos, amigos, etc. Segundo a análise que Erving Goffman propõe, em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, é possível entender e associar esse conjunto de elementos utilizado pela professora Lyuba como partes de uma “fachada pessoal” (GOFFMAN, 1985), conceito proposto pelo autor,

constituído por vários equipamentos que identificam o sujeito. Para ele, categorias como vestuário, idade e aparência são formadoras desse “cenário” pessoal que os sujeitos criam e utilizam para serem identificados e diferenciados frente aos outros.

Para Goffman, os sujeitos criam imagens de si em uma espécie de máscara social. A “fachada pessoal” é de uma “representação” contínua (GOFFMAN, 1985). Para tanto, os indivíduos utilizam cenários quase fixos para compor seus personagens. A imagem e o personagem que criamos são vistos pelo autor, e por suas referências teóricas, como a maneira que nós mesmos nos vemos e queremos ser vistos pelos outros – a máscara torna-se o verdadeiro “eu”, o que queremos ser (GOFFMAN, 1985, p. 27).

Além da indumentária, Erving Goffman mostra que o cenário criado pelos indivíduos não está presente somente nos trajes pessoais, mas também na criação dos cenários domésticos e profissionais, “compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Dessa forma, não só os objetos vestidos e trajados por Lyuba Duprat compõem seu “personagem”, conforme propõe o autor, mas todos os elementos e objetos domésticos também contribuem para que essa imagem seja fortalecida, tanto para o próprio sujeito, quanto para seu público. Segundo a interpretação do autor, trata-se de uma mensagem, uma forma de se comunicar e de se relacionar com os outros através de uma “máscara”, de um “personagem” e de seus “cenários” (GOFFMAN, 1985).

A criação da “fachada” e da “máscara” da professora está basicamente relacionada à sua imagem, descendência e representação francesa. Assim, a maioria dos objetos trazidos nesta pesquisa são testemunhos e elementos que fortaleceram a criação de uma identidade e de uma imagem francesa de Lyuba Duprat, hoje lembradas pelos entrevistados da mesma forma.

Nesta análise, também percebemos que muitos objetos funcionaram enquanto sociotransmissores da memória de Lyuba, principalmente aqueles elencados anteriormente. Sua representação permitiu que os entrevistados realizassem um exercício memorial e favoreceu conexões entre presente e passado, conexões que viraram narrativas memoriais. (CANDAU, 2009).

Entretanto, para o autor, eles só funcionam de forma eficaz como compartilhadores de memórias quando há a existência de receptores, indivíduos que estão preparados para receber e decodificar as informações repassadas pelos sociotransmissores. Além disso, para Candau, quanto maior a quantidade de sociotransmissores mais fácil de compartilhar memórias. Dessa forma, funcionaram como sociotransmissores os objetos materiais, as fotografias, os discursos, as reportagens em jornais e revistas e todos os outros elementos que carregaram e auxiliaram no compartilhamento de memórias de Lyuba Duprat.

Em relação aos objetos que pertenciam à vida profissional da professora, os mais lembrados pelos entrevistados foram: a cadeira de palha pertencente ao acervo da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat e o abridor de cartas do Museu da Cidade do Rio Grande. Estes dois objetos foram reconhecidos por seus ex-alunos. Ambos trouxeram narrativas seus hábitos de leitura, o cenário onde Lyuba ministrava suas aulas e sobre os demais objetos que compunham a sua vida profissional. Dentro desse universo, as lupas utilizadas por ela para auxiliar na leitura de seus livros, apesar de não serem mostradas durante as entrevistas, também foram lembradas pelos entrevistados, assim como os objetos elencados anteriormente.

Dentre essas semelhanças narrativas podemos incluir o cuidado e a preocupação da professora com a sua imagem pessoal, sua rotina de embelezamento e todos os elementos materiais que compõem tal característica. Há, também, o compartilhamento do discurso sobre a capacidade profissional de Lyuba sua exigência frente aos estudantes, professora dedicada e ao mesmo tempo rigorosa. Estes são pontos em comum partilhados pelos ex-alunos, mas que, obviamente, são influenciados pela memória e identidade individual de cada um.

A partir disso, seria possível dizer que os ex-alunos entrevistados possuem uma memória coletiva e compartilhada sobre a professora Lyuba Duprat? Pensando na aplicação desse conceito, o autor Joel Candau considera que precisamos ter cuidado ao afirmar a existência de uma memória coletiva (CANDAU, 2006). Para ele, as memórias compartilhadas existem, mas a memória coletiva pode ser abstrata e ilusória. Esta ilusão pode acontecer devido à confusão que fazemos entre o compartilhamento de memórias e de

metamemórias. O conceito de metamemória, criado por Candau, diferencia a memória propriamente dita da representação de sua memória. Para o autor, a metamemória seria:

[...] uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva. Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada (CANDAU, 2009, p. 51).

Assim, pela similaridade dos elementos narrativos e características mencionadas sobre Lyuba Duprat através dos entrevistados, podemos interpretar que há uma metamemória compartilhada, onde o discurso expressado pelos narradores é, muitas vezes, compartilhado. Entretanto, devemos lembrar que a memória narrada não é, necessariamente, a memória existente. Pois, segundo Candau, a expressão da memória refere a memória realmente existente, porque a totalidade da lembrança nunca é evocada e verbalizada, visto que deixamos nas “sombras do esquecimento” alguns aspectos da nossa vida pessoal e da relação com o outro (CANDAU, 2009, p. 49). Além disso, segundo o autor, é mais fácil que um grupo ou sociedade compartilhem esquecimentos do que lembranças, “sem dúvida a memória coletiva é mais a soma dos esquecimentos que a soma das lembranças” (CANDAU, 2006, p. 64).

Por isso, torna-se mais difícil a afirmação da existência de uma memória coletiva entre os ex-alunos entrevistados, mas podemos afirmar que existem similaridades entre as narrativas, tanto de fatos narrados sobre as características e histórias de Lyuba na primeira parte da entrevista, quanto de lembranças evocadas sobre os objetos mostrados na segunda parte. Podemos afirmar, segundo o conceito de Candau (2006, 2009), que existem semelhanças memoriais manifestadas que demonstram a possível presença de uma memória coletiva, onde os sociotransmissores possuem fator primordial nesse compartilhamento.

Tratando dos objetos utilizados na pesquisa, muitos funcionaram como pontes de memória segundo Octave Debary (2010), eles fizeram conexões não só com as lembranças armazenadas por aquele objeto e o sujeito que está por

trás dele, mas também como uma ponte que conectando-se a outros objetos e histórias. Pois, como afirma Alessandra Micalizzi,

[...] os objetos, que também são equipados com uma biografia que se confunde com a daqueles que entraram em contato com ele, podem ser considerados pequenos mundos narrativos, de histórias relacionadas à memória autobiográfica (MICALIZZI, 2010, s/p).

Além disso, os objetos serviram como fontes para entender os sujeitos e como propõe Ulpiano, “a biografia dos objetos introduz um novo problema: a biografia das pessoas nos objetos” (MENESES, 1998, p. 93). Por meio da narrativa dos entrevistados ao visualizar e lembrar da cultura material de Lyuba, foi possível traçar uma história de vida e detalhes da rotina da professora, que talvez não fosse possível traçar sem a presença representativa dos objetos. Essa capacidade narradora e evocadora também é lembrada por Dohmann, quando diz que:

[...] hoje, os objetos podem ‘dizer’ muitas coisas sobre seus possuidores. Nenhuma exceção a esta classificação, até os mais austeros, criados sem nenhum objetivo que não seja apenas servir discretamente. Todos emitem mensagens mesmo que para contextos culturais específicos (DOHMANN, 2013, p. 38).

As narrativas associadas aos vestígios materiais de Lyuba possibilitaram delinear sua trajetória social. Mesmo que nelas existam muitas semelhanças nas narrativas e memórias evocadas pelos entrevistados, cada indivíduo confere à sua narrativa uma série de categorias – suas próprias bagagens memoriais, interpretações e experiências vividas com os sujeitos – que estão atreladas às narrativas, servindo para mediar os processos memoriais. Assim, “recordar, assim como esquecer, é, portanto, operar uma classificação de acordo com as modalidades históricas, culturais, sociais, mas também bastante idiossincráticas” (CANDAUI, 2012, p. 84).

Neste capítulo foi possível verificar como foi a primeira parte da trajetória de vida destes vestígios, como eles foram utilizados pela sua proprietária, o que representavam para ela e o que eles representam para os entrevistados hoje. A partir deste momento buscaremos, então, compreender a continuação da trajetória de vida destes objetos, suas outras funções e o aspecto patrimonial que carregam consigo.

## Capítulo III

### **Pontes que levam ao patrimônio: a patrimonialização dos objetos de Lyuba Duprat**

*Esta chama dentro de cada um, despertada por um simples olhar para dentro do próprio ser: existe algo mais aquecedor? Trata-se de uma chama interna contida em tudo aquilo que nos faz parte, que contém um pouco de nós; aquilo que aquece o coração e por isso chamamos de patrimônio. Não há como desvencilhar a noção de patrimônio da de identidade. (SOARES, 2010, p. 18)*

O terceiro e último capítulo desta dissertação traz o que se poderia chamar de “fechamento” de um ciclo e o começo de outro – aquele que aponta para uma nova “vida” dos objetos (DEBARY, 2010). Analisaremos o processo de patrimonialização dos objetos que foram apresentados e focalizados nos capítulos anteriores.

Serão expostas as instituições que hoje salvaguardam parte dos vestígios materiais que pertenceram a Lyuba Duprat, com o objetivo de entender como estes vestígios estão sendo preservados e como foi o processo de transformação de objetos pessoais em acervos no interior de cada instituição.

Este capítulo também apresenta alguns questionamentos que surgiram no decorrer da pesquisa, colocados aqui como forma de reflexão para a área. Como fechamento, apresentamos alguns dos objetos que não foram mostrados durante as entrevistas e que, ao mesmo tempo, não fazem parte das instituições estudadas, mas que, por outro lado, apareceram nas memórias dos entrevistados e, de certa forma, estão também “patrimonializados” em espaços domésticos.

A importância de conhecer a trajetória dos objetos é reforçada por José Reginaldo Gonçalves (2009) quando afirma que, tendo em vista a grande circulação que os objetos têm na vida social, é importante acompanhar e descrever analiticamente os seus deslocamentos, trajetórias, transformações e reclassificações sociais. O autor cita a importância de analisar instituições e tais como as coleções, museus e patrimônios culturais, onde:

[...] acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esse contexto é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos

na subjetividade individual e coletiva (GONÇALVES, 2007, p. 15).

Este capítulo tratará dos deslocamentos que parte dos objetos da professora sofreu após sua morte. Acompanhar essa continuação permite “perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais” (GONÇALVES, 2007, p. 24). É a partir da perspectiva trazida por José Reginaldo Gonçalves que justificamos este momento da pesquisa.

Dentro das instituições patrimoniais e memoriais possíveis para análise, iniciaremos pelo museu. Segundo Maria Cristina Bruno, os museus podem ser caracterizados como espaços onde a sociedade, ao longo da história, buscou proteger e ancorar suas referências culturais, “os seus ancoradouros para os indicadores de suas memórias e, sobretudo, o cenário que ampara e contextualiza os seus valores, apresenta as suas manifestações de poder e divulga suas conquistas e dramas culturais” (BRUNO, 2009, p. 16). Apesar do conceito de museu e suas funções estarem se alterando com o tempo, eles são locais que representam o ser humano na sua passagem pelo tempo, seus vestígios materiais, suas culturas e suas identidades. Para Bruno Soares e Tereza Scheiner (2010), os museus são espaços que transmitem e ao mesmo tempo discutem os conceitos de patrimônio, memória e identidade. Para os autores, o museu também pode ser visto como um espelho, uma representação tanto de si quanto do outro (SOARES e SCHEINER, 2010).

Esses espaços vêm crescendo e se espalhando ao redor do mundo. Poulot (2013), assim como Candau (2012), demonstra como a busca memorial e patrimonial se manifesta na criação quase que incessante de museus, de todos os tipos, em quase todos os locais do mundo. Os museus, como representação dos sujeitos, acabam criando “metáforas do mundo, refletem as pessoas naquilo que lhes é mais caro” (SOARES e SCHEINER, 2010, p. 15).

Assim, os museus se constituem como referências culturais e identitárias das sociedades, principalmente quando são voltados para a representação de um local, como os museus da cidade e os museus nacionais.

Segundo Poulot, vivemos um “desejo de museu” (2013, p. 103), onde o colecionismo e essa busca de musealização faz parte da base desse

movimento. Por isso, as discussões contemporâneas a respeito dos museus trazem à tona algumas questões que discutiremos aqui, como a relação entre memória e patrimônio.

Os espaços de memória – que são os museus - fazem incidir sobre os objetos, uma função social, um significado e um sentido diferente do que eles possuíam originalmente. Segundo Gonçalves (2007), ao serem vistos enquanto patrimônios culturais, os objetos passam a fazer parte de um cenário que nos inventa, representa e cria conexões entre os grupos sociais, suas histórias e identidades (GONÇALVES, 2007, p. 29).

Quando eles saem do seu espaço de origem, - os Lyuba era o espaço doméstico -, e passam a fazer parte de instituições memoriais/patrimoniais, é inevitável que alterem seu status ou funcionalidade. Eles estão ali como representativos de alguém ou de um grupo de pessoas que merece ser lembrado dentro das instituições museais, conforme se lê:

[...] as coleções museológicas nos sugerem indícios sobre as relações existentes entre a construção de formas de representação de temáticas e sujeitos e a formação de acervos de cultura material, a partir do momento em que concebemos como um processo social e atribuição de determinados significados, que ocorre desde a seleção de objetos até a construção de discursos sobre a cultura material enquanto patrimônio cultural digno de ser preservado no espaço museal. (GOMES, OLIVEIRA, 2010, p. 44)

Como destaca a historiadora Zita Possamai (2001), quando o objeto dá entrada em um museu, ele passa por um processo que o diferencia os objetos que estão fora do museu. Os museus, de acordo com Octave Debary (2010), dão às coisas uma segunda chance, uma segunda vida, pois talvez a maioria dos objetos, se não estivessem ali, seriam descartados ou acomodados em lugares “sem vida”, em silêncio e sem utilidade. Em sintonia com Debary, Joaquim Pais de Brito (2010) entende que quando o objeto é doado para o museu, ele recebe uma “nova vida”, e nesse momento ele dá a possibilidade de entender não só sobre o seu ciclo de vida material, mas também o ciclo de vida dos indivíduos e dos grupos sociais, para os quais apresentou algum sentido e utilidade.

O teórico dos objetos Abraham Moles, afirma: “por definição, todo o museu efetua uma seleção no mundo dos objetos, senão ele seria levado a

admitir que o *mundo* é o *museu* dele próprio [...], isto é, seria negar a sua própria existência” (MOLES, 1981, p. 75). Baseada no conceito de Pomian, a autora Leticia Julião entende que os objetos passam a se comunicar quando são inseridos dentro dos espaços museológicos, “[...] o invisível comunicado pelos objetos pode se referir às mais diversas entidades: antepassados, deuses, mortos, homens, acontecimentos, circunstâncias, eternidades” (JULIÃO, 2006, p. 102).

Para Pomian (1984), o objeto que está dentro de um museu é destituído de suas funções originais e de suas atividades econômicas, para locais fechados, expostos ao público, recebendo cuidados especiais para a sua conservação – funções que fazem dele também uma relíquia. “Logo, pode-se afirmar que os objetos que se tornam peças de museu têm um valor de troca sem terem um valor de uso” (POMIAN, 1984, p. 54).

No que se refere à *Salle de Documentation Lyuba Duprat*, a instituição não tem como missão e função principal a preservação de objetos de Lyuba Duprat, mas sim a divulgação do conhecimento e a disponibilização de materiais bibliográficos para estudos científicos/acadêmicos, embora o local possua objetos que pertenceram à professora Lyuba Duprat<sup>74</sup>. Em sua maioria deles foram destituídos de suas funções originais, mas ainda existem alguns que possuem um caráter híbrido, é o que mostraremos posteriormente. Já os objetos que estão na instituição Museu da Cidade do Rio Grande, foram totalmente desvinculados de suas funções originais, não têm funções híbridas, e estão salvaguardados na reserva técnica do Museu.

Leticia Julião (2006) aborda a importância da pesquisa histórica dentro do Museu, onde é possível pesquisar e investigar essa biografia cultural dos objetos, pois através da pesquisa é possível compreender muito mais do que sua funcionalidade. Julião defende que é

[...] importante observar que os objetos adquirem o caráter de documento somente no momento em que o homem sujeito que conhece, lhes atribui esse valor. Nesse processo, os museus constituem o espaço, por excelência, no qual se institucionaliza

---

<sup>74</sup> Cadeira, estante, lupas, abridores de carta, quadros, entre outros.

a transformação dos objetos em documentos e bens culturais (JULIÃO, 2006, p. 99).

Musealizar consiste também em transformar o objeto em documento e disponibilizar para pesquisa faz com que as instituições e o acervo completem uma fase do ciclo de musealização e possam tornar-se então, efetivamente patrimônios, pois a informação presente nos vestígios e a carga simbólica e imaterial que é atribuída a eles deve ser valorizada com a mesma importância que a sua materialidade. O conceito de musealização utilizado nesta pesquisa está baseado no entendimento de que se trata de um “processo (ou conjunto de processos) por meio dos quais alguns objetos são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados, adquirem a função de documento” (MATHEUS LOUREIRO, 2013, p. 11). Os museus são espaços, portanto, que permitem a possibilidade da troca de informações, sentimento, significados entre os indivíduos e o acervo museológico.

A musealização possibilita, também, não só o contato entre os sujeitos e os vestígios materiais, mas também as pesquisas que buscam entender essa relação com a cultura material, as representações simbólicas, e tratar o objeto e demais tipologias de acervo como documento (SANTOS, 2012, p. 51). Nesse caso, a musealização dos objetos permitiu conhecer sobre a sua trajetória biográfica, conforme aponta Kopytoff (2008) e também a relação que parte do público tem com tais objetos expostos. De certa forma, podemos dizer que as memórias e histórias trazidas ao longo dessa pesquisa eram desconhecidas da maioria dos visitantes dessas instituições, principalmente se pensarmos em um público que não conheceu a professora Lyuba Duprat.

## Museu da Cidade do Rio Grande

O Museu da Cidade do Rio Grande (MCRG) está localizado em uma das salas do antigo Prédio da Alfândega da cidade do Rio Grande, tendo sido fundado em 1984, mas seu projeto de criação data de 1971 (ANJOS, 2012, p.

16). O Museu é mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande (FCRG)<sup>75</sup> com o apoio de outras instituições – o Executivo Municipal, a Mitra Diocesana e as Empresas Petróleo Ipiranga, além da Superintendência da Receita Federal (ANJOS, 2012, p. 18).

Na dissertação de mestrado em Geografia, Acervo e Sociedade: Museu da Cidade do Rio Grande – RS, Danielle Manczak dos Anjos apresenta dois documentos de formação do museu nos quais fica evidenciado “a principal missão da instituição seria a de salvaguardar a história da cidade, a história da indústria, do comércio, das realizações públicas, das lutas para conter as invasões, da navegação, da pesca, dos jornais, da fotografia, da telefonia, dos clubes sociais, das artes, das famílias, etc [...]”. (BASTOS, 1984 apud ANJOS, 2012, p. 22).

Assim, o Museu da Cidade do Rio Grande, bem como os demais museus, se constituiu a partir de um discurso museológico baseado no interesse de quem o criou, ou administra, e que é expresso através de suas exposições e demais formas de comunicação entre museu e público. Portanto, a seleção dos objetos que pertencerão ou não ao acervo está dentro das escolhas museológicas e discursivas de cada instituição. O MCRG possui duas coleções: Coleção Histórica (onde estão localizados os objetos de Lyuba Duprat) e Coleção Sacra. A primeira fica localizada no prédio da Alfândega e a segunda na Capela São Francisco de Assis. A justificativa da divisão do acervo em duas coleções baseia-se, segundo Anjos, nos objetos,

[...] que faziam parte de um cotidiano, mas que geraram uma biografia de si próprios e, quando entraram no acervo do museu, tomaram uma nova roupagem, agora não mais como meros objetos, mas sim como acervo, onde através de sua biografia poderíamos prospectar sua função posterior (ANJOS, 2012, p. 88).

Nesta citação notamos que a própria autora, ao falar da constituição do acervo, chama a atenção para os objetos que anteriormente faziam parte de

---

<sup>75</sup> Fundação Cidade do Rio Grande foi criada em 1953 por um grupo de engenheiros e demais profissionais que tinham como principal objetivo daquela época a criação de uma Escola de Engenharia. Segundo Anjos (2012, p. 19), em 1953 a Fundação contava com oito instituidores: Prefeitura Municipal do Rio Grande, Ipiranga S/A Cia Brasileira de Petróleos, Cia União Fabril e Cia Fiação e Tecelagem Rio Grande, Câmara de Comércio da Cidade do Rio Grande, Luiz Loréa S/A Comércio e Indústria, Abadalla Nader e Cunha Amaral e Cia Ltda

um cotidiano. Eles possuem uma biografia e agora “não são mais meros objetos”, mas através de sua trajetória é possível compreender mais sobre eles e os sujeitos envolvidos. Outra informação importante no trecho é que a grande maioria dos objetos que foram doados ao MCRG pertenceu ou foram doados pela aristocracia da cidade (ANJOS, 2012, pp. 88 - 91) – eles mostram o cotidiano de famílias conhecidas na cidade e com melhores condições financeiras.<sup>76</sup>

Tendo em vista a teoria e os conceitos apresentados por Ulpiano Bezerra de Meneses, no artigo sobre a constituição de um Museu da Cidade ideal, os objetos que pertenceram à Lyuba Duprat – testemunhos de uma vida doméstica que evidencia o cotidiano feminino ligado aos rituais de beleza e vestimenta da professora –, se adequariam à categoria chamada por ele de “habitação” onde, para o autor, estariam todos aqueles objetos que atestam o jeito de morar, de viver da cidade, eletrodomésticos, portas, janelas, móveis que mostram os gostos, preferências locais e influências culturais (MENESES, 1984, p. 202).

Aqui temos a primeira demonstração das hipóteses que levaram a aceitação e salvaguarda dos objetos que pertenceram à professora de francês ao Museu da Cidade do Rio Grande. Conforme destaca Danielle dos Anjos (2012), a maioria dos objetos do museu foi adquirida sob a forma de doação das famílias locais – que levavam seus objetos até as dependências dos museus para que fosse firmada a doação. Assim constituiu-se o acervo e a organização no Museu da Cidade do Rio Grande, “montado aos poucos: fotografias, documentos, objetos de cunho pessoal, de maquinaria, entre tantos outros que faziam parte do cotidiano da população. O acervo foi trazendo à tona a memória da cidade retratada nesses objetos doados” (ANJOS, 2012, p. 90). Os objetos de Lyuba Duprat, professora local renomada e singular por

---

<sup>76</sup> Atualmente o cenário é um pouco diferente e as políticas e a gestão atual do Museu buscam suprir e preencher as lacunas deixadas pela composição do acervo com exposições e demais atividades que insiram os demais grupos locais no Museu, dando conta da variedade identitária e étnica local. Alguns exemplos são os projetos e atividades desenvolvidas com o grupo de pesquisa Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira (CAPES) - ATABAQUE da FURG, Projeto Au/rtista desenvolvido em parceria com a Escola Municipal de Educação Especial Maria Lúcia Luzzardi, entre outros.

fazerem parte do seu cotidiano e que mostram, de certa maneira, como ela e o grupo ao qual ela pertencia viviam se inserem nesse contexto.



Figura 30: Fachada do Museu da Cidade do Rio Grande  
Fonte: Jornal Agora, 22/02/2012. Acessado em 19 de janeiro de 2015.

Os objetos de Lyuba Duprat foram doados ao Museu da Cidade (Figura 29) após a sua morte pelos seus inventariantes, Ricardo Soler e Ilza Rodrigues. Os detalhes sobre o processo de doação e repasse para o museu foram obtidos através das entrevistas realizadas durante a pesquisa com Ricardo Soler, que afirma ter sido o autor, junto com a senhora Ilza Rodrigues, da iniciativa de enviar alguns objetos ao museu. Segundo ele, frente à quantidade de coisas que Lyuba possuía em sua casa e algumas para eles com grande valor histórico, financeiro e também afetivo, concluíram que o melhor destino para parte daquele espólio seria a doação para o Museu.

Dessa forma, o senhor Ricardo informa que a direção do Museu, na época, foi contatada e mobilizada para que, junto com os inventariantes, fizessem a triagem de quais objetos interessariam à instituição museal. Dentro desse grupo de materiais que saíram da casa de Lyuba e foram para o Museu local, se encontra grande variedade de tipologias: móveis, objetos decorativos, objetos de higiene, utilitários domésticos, indumentária e documentos, entre outros.

Quando perguntado se em algum momento Lyuba mencionou se gostaria que seus objetos fossem doados para o MCRG, Ricardo respondeu imediatamente que não, nunca falou sobre isso. A vontade, segundo ele, surgiu

mesmo dos dois inventariantes enquanto lidavam com a grande quantidade de bens deixados pela professora depois de sua morte. Ricardo Soler continua explicando sobre a motivação e como aconteceu a escolha de doar os objetos para o museu: “Então, um lugar que a gente pensou preservaria a memória dela, porque eu acho que ela foi uma figura histórica, seria o museu, por isso que a gente resolveu doar para lá”.<sup>77</sup> Nesta frase podemos perceber-se explícita vontade e o desejo de preservação da memória de Lyuba Duprat por parte dos inventariantes e que é oficializada quando seus bens são aceitos e catalogados dentro do museu.

No processo de seleção “do que vai e do que fica” temos uma triagem, uma ressonância (GONÇALVES, 2013 e GUTERRES, 2013). Lê-se de Anelise Guterres conta no seu texto, *A morada e a casa: materialidade e memória no processo de construção do patrimônio familiar*, que por serem as “guardiãs da memória” das famílias, as duas matriarcas estudadas pela autora ficaram também responsáveis por selecionar o que deveria ser preservado e o que deveria ser descartado, que não faria parte da vida e da casa nova.

[...] a materialidade da casa e os objetos nela guardados carregavam essas histórias. As lembranças evocadas por eles foram construídas sobre um novo arranjo no processo de mudança da casa. A partir dela as relações familiares foram ressignificadas e organizadas numa nova narrativa. (GUTERRES, 2013, p. 280)

Tanto nas mudanças de casa, quanto nos levantamentos e seleções que fazemos quando alguém desaparece, esse processo de reconhecimento do que vai ser mantido e guardado é primordial para a construção de um patrimônio de uma memória familiar, onde novamente a dicotomia lembrar e esquecer estão presentes. Para Janine Rossato, a memória e o esquecimento são conceitos que vivem juntos (ROSSATO, 2011, p. 20), os dois são a base para a busca de uma preservação patrimonial e memorial das coisas ao nosso redor. Para a autora, buscar evitar a destruição da memória ao patrimonializar é, automaticamente, buscar preservar quem somos e as nossas referências culturais e identitárias (ROSSATO, 2011). Nesse sentido, a busca pela preservação da memória de Lyuba Duprat através da transferência de seus

---

<sup>77</sup> Entrevista de Ricardo Soler, em 07 de março de 2013. Rio Grande, RS.

pertences para locais como o Museu da Cidade do Rio Grande, exemplifica as formas de política e seleção da memória, que estão em todas as ações patrimoniais.

Ao darem entrada no Museu, entre 1994-1995, estes objetos receberam uma ficha catalográfica, onde deveriam ser descritas informações básicas e detalhadas sobre a peça. As informações preenchidas por funcionários do Museu e informam sobre o histórico da peça. A ficha pode ser comparada a uma certidão de nascimento – é ela que fornece para a Instituição e para seus pesquisadores os dados referentes àquele material catalogado, por isso a precisão das informações é tão importante; além disso, é um dos documentos que confirma a posse e a existência da peça no Museu. Segundo Sílvia, a ficha guarda e disponibiliza informações não só para os funcionários do museu como também para o público e para possíveis pesquisadores, e, atua “[...] contribuindo também, no caso dos museus, para a preservação da memória coletiva da sociedade, já que a disseminação dessa memória contribui de forma efetiva para sua preservação” (YASSUDA, 2009, p. 47).

As informações coletadas e presentes na ficha podem mudar completamente o destino, a ideia e a história de um objeto. Sem informação, um objeto pode ficar “perdido”, desconexo do seu contexto e de toda sua trajetória. Esse fenômeno de dissociação de informação é um dos medos de toda instituição museológica e sua prevenção está em praticamente todos os manuais de gestão e planejamento museológico. Abraham Moles, em seu texto “Objeto e comunicação”, mostra um exemplo de ficha catalográfica do Museu Bucareste. Para ele, a ficha utilizada no museu evidencia “[...] a função do objeto no interior do museu referido, em uma passagem para a estética” (MOLES, 1972, p. 30).

É através da ficha catalográfica que tanto o museu quanto o pesquisador e o público podem ter acesso a um fragmento da biografia cultural dos objetos. Entretanto, nesse processo de coleta de dados, algumas informações normalmente não são incluídas, principalmente quando a época não era beneficiada pelos avanços tecnológicos e digitais que os museus possuem hoje em dia. Por isso, nem todos os objetos que pertenceram a Lyuba Duprat possuem essa informação na sua ficha, alguns possuem apenas os nomes dos doadores e inventariantes e, assim, por conhecimento dos funcionários do

museu é que se chega ao nome de Lyuba Duprat pela via dos seus inventariantes.

Sem levarmos em conta o desmembramento das peças, que seria basicamente conjuntos que podem ser desmontados da parte principal e todo o seu conjunto (exemplo: perfume, tampa do perfume e caixa do perfume), o Museu possui até o momento em torno de 70 objetos identificados como sendo da professora de francês, sem considerar os móveis. Esse número está baseado nas informações que a instituição apresentava até o início de 2013 quando se iniciou esta pesquisa. Esses objetos foram identificados através da ficha catalográfica, tanto em suporte de papel quanto em planilha digital.

O processo de identificação e reorganização ainda está sendo realizado pela equipe técnica do museu, onde todos os materiais de ambas as coleções (Histórica e Sacra) estão sendo revisados numericamente, fotografados e recebendo uma ficha digital em um banco de dados. Conforme foi dito nos capítulos anteriores, os objetos utilizados na pesquisa e nas entrevistas foram aqueles que durante esse processo de reorganização do acervo já haviam sido catalogados e fotografados pelos funcionários da instituição. Essas fotografias foram disponibilizadas gentilmente pela equipe do Museu para a realização desta pesquisa. Não foi possível utilizar os demais objetos, pois atrapalharia o processo de catalogação do Museu, principalmente por este estar fechado para reformas.

As fotografias são obtidas com o intuito de registrar cada detalhe da peça, elas são feitas de vários ângulos para que no Banco de Dados da instituição seja possível saber qual o seu estado de conservação e se há ou não algum dano no material. Além disso, o meio mais rápido de reconhecimento dos objetos. Estas fotografias já são realizadas com o objetivo de registrar o patrimônio e suas informações, a peça torna-se, então, um documento museológico.

Dentre os pertences de Lyuba Duprat que estão no museu, mas que não possuíam suas fotografias até o momento da pesquisa destacam-se: chaleira, açucareiro, pratos de porcelana, passaportes, cartas, botas de cavalgar, balança para pesar cartas, bengala, vidro de perfume, armário de madeira, cadeira, etc. Apresentamos um exemplo das fotografias utilizadas pelo Museu como forma de registro do acervo. Este chapéu da Figura 31 está identificado

em sua ficha catalográfica como sendo de Lyuba Duprat e também foi utilizado durante as entrevistas desta pesquisa:



Figura 31: Chapéu preto, sem data.  
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, 2010.

Trazemos esta imagem na Figura 31 para ilustrar como é realizado o registro fotográfico dos objetos no MCRG. Eles são colocados em uma superfície de fundo branco, após a sua higienização e nova catalogação detalhada da peça, são obtidas diversas fotografias de ângulos diferentes, da frente, laterais, parte superior e interior. Além disso, quando o funcionário que está catalogando percebe que há uma alteração no objeto, ele também a fotografa; por exemplo, possíveis rachaduras, rasgos, e também etiquetas. Todo esse passo a passo do registro e catalogação que os acervos museológicos sofrem quando dão entrada na instituição, segundo Zita Possamai (2001), fazem dele uma peça de museu e “marcam a mudança do estatuto do objeto comum como peça do museu [...] ele passa a ser inviolável, intocável e, por isso, sagrado” (POSSAMAI, 2001, p. 9).

Outra questão que vale mencionar é que todo o processo de patrimonialização indica um processo de política, de escolha, de eleição sobre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Trata-se da eterna dicotomia entre o lembrar e esquecer que envolve o patrimônio cultural. O mesmo se aplica ao tipo de patrimonialização que estamos tratando: a musealização. Nesse caso, não se trata de uma escolha apenas do Museu enquanto instituição, mas uma escolha realizada de ambos os lados envolvidos, aquele que doa e aquele que recebe. Mesmo que Ricardo Soler e

Ilza Rodrigues (inventariantes) e a diretora do Museu na época tenham feito esta seleção de forma conjunta, houve um interesse prévio das duas partes e, nesse processo de seleção, algumas outras tantas coisas ficaram, distribuídas mais tarde para outros lugares e pessoas. Entretanto, os motivos pelos quais o museu aceitou os objetos de Lyuba Duprat, podem não ser os mesmos de seus doadores/inventariantes e,

[...] assim, o museu se constituiu como um espaço de lembranças e esquecimentos, onde os objetos, como vetores de significação, revelam e ocultam determinados sentidos sobre o passado, quando incorporados no espaço museológico (GOMES, OLIVEIRA, 2010, p. 44).

A vontade de preservação de uma memória é latente no processo de patrimonialização e musealização. É esse sentimento que faz com que busquemos uma patrimonialização geral das coisas, fenômeno estudado e analisado por Dominique Poulot, Joel Candau e outros. Candau defende a construção de “casas de memórias” (CANDAU, 2006) relacionada à vontade de conservar e de guardar na memória as experiências humanas, onde existe o pensamento de herança, de transmissão da “representação do passado e o legado para gerações futuras” (CANDAU, 2006, p. 95). As casas de memória, para Candau, seriam os espaços onde há o intuito de transmitir memórias, de herança cultural e memorial e, assim, acabam também funcionando como sociotransmissores.

Cabe aqui, entretanto, fazer uma ressalva com relação ao termo transmissão utilizado neste trabalho. Tratamos aqui não de uma transferência direta e perfeita de informações entre sujeitos e objetos, mas de um processo de troca de informações e trocas simbólicas que podem acontecer dentro de espaços memoriais. O objeto, quando está no museu, possui então inúmeros significados, funções e também discursos tanto de história e memória quanto de esquecimento, inseridos em um contexto discursivo memorial e patrimonial.

O objetivo de preservação tanto da materialidade dos objetos quanto da memória da professora Lyuba foi expresso na narrativa de Ricardo Soler. Em pequena frase, o ex-aluno e inventariante apresenta aspectos importantes e, de certa maneira, comuns no processo de doação de objetos para os museus, conforme apresenta a autora Zita Possamai (2001).

O Museu da Cidade do Rio Grande tem na sua missão como instituição museal, preservar a memória e história da cidade do Rio Grande, principalmente através das categorias lembradas pelo presidente da Fundação Cidade do Rio Grande na cerimônia de abertura do Museu. Pode-se dizer que a figura de Lyuba Duprat estaria de acordo com o cenário e estrutura pensada para o Museu naquela época, pois além de ser de uma família conhecida na cidade, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, também fez a sua história e trajetória pessoal como professora de francês com suas características próprias, dignas de fazer parte da entidade local.

A preservação de seus objetos no MCRG indica a preservação de uma memória, de um discurso e também de alguns esquecimentos, como qualquer processo de patrimonialização. Indica também a importância que ela tinha para as pessoas próximas a ela, principalmente seus inventariantes, como eles a viam não só pessoalmente, mas dentro do cenário local da cidade, entendendo-na ela como sendo importante, uma figura histórica rio-grandina.

A próxima instituição analisada a *Salle de Documentation Lyuba Duprat*, ela possui trajetória e missão diferentes do MCRG, além de características bem particulares no que diz respeito ao entendimento do processo de patrimonialização dos objetos e das diferentes homenagens que foram prestadas à Lyuba Duprat.

## Salle de Documentation Lyuba Duprat

Criada após a morte da homenageada, a *Salle de Documentation*<sup>78</sup>, salvaguarda alguns dos objetos que pertenceram à professora. As informações trazidas aqui foram fornecidas pelo próprio Ricardo Soler, por uma das fundadoras do local - professora Nubia Hanciau, e pela atual equipe do local. Além disso, também foram utilizados documentos da Universidade, jornais, dentre outras fontes levantadas durante a pesquisa.

Apesar de ter sido aberta um ano após o falecimento da professora (1995), a ideia surgiu logo após a sua morte, e, os responsáveis pela criação mantiveram sob suas responsabilidades os objetos que faziam então parte deste acervo. Todos os documentos analisados neste trabalho foram disponibilizados para pesquisa pela mentora da sala, professora doutora Nubia Hanciau.

Buscou-se entender como a *Salle* passa a ser um espaço memorial, patrimonial e como esse local dentro da Universidade conta, através dos objetos expostos e seu acervo bibliográfico, a história da professora de francês Lyuba Duprat. É importante analisar o documento sobre a criação da sala, datado de 31 de maio de 1995, direcionado ao diretor do Departamento de Letras e Artes do referido ano. No documento, os professores mentores da ideia escrevem o seguinte texto,

**Com o objetivo de impedir o esquecimento e de perpetuar a memória da Professora Lyuba Duprat**, cuja importância no ensino da língua francesa foi reconhecida em âmbito internacional (Palme Académiques), nacional e local [...], os professores de francês propõem ao colegiado do DLA, a instalação de uma sala de documentação situada no espaço físico desse departamento. A referida sala, que dependerá apenas de um remanejamento entre os professores da área, terá o nome de Salle de Documentation Lyuba Duprat, e além de abrigar parte do acervo da emérita professora, doado a este departamento, reunirá outras doações ao setor francês (BÉLANGER et al, 1995, s/ página).<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> O espaço é coordenado, atualmente, pela Profa. Dra. Kelley Duarte e junto com ela trabalham alguns bolsistas estudantes do curso de Francês da mesma Universidade. O horário de funcionamento pode ser encontrado na porta de entrada e é feito um horário e agendamento especial para aqueles que desejam fazer pesquisas contínuas.

<sup>79</sup> São autores e assinantes do documento referido os seguintes professores: Alain Bélanger, Mariza Zanini, Normélia Parise, Nubia Hanciau e Sylvie Dion. Dessa forma, são estes os

A criação da sala foi aprovada no colegiado do Departamento de Letras e Artes - DLA, conforme o regulamento da Universidade e, assim, foi encaminhado um ofício ao Reitor da Universidade informando a aprovação e o processo para ser analisado e aprovado na maior instância da universidade, o Conselho Universitário (CONSUN). Neste documento também é relatada a intenção de que a sala seja inaugurada “dia 17 de outubro do corrente ano, data do primeiro aniversário da morte desta professora modelar, reconhecida internacionalmente” (OF. DLA. N. 081/95). A escolha da data também é uma forma simbólica e significativa de homenagear e lembrar a professora Lyuba Duprat.

Posteriormente, o relatório do processo da Câmara do CONSUN relata a aprovação da criação da *Salle* e a Ata do mesmo conselho de número 237 no parecer de número 10/95 da 1ª Câmara traz a seguinte observação:

A Relatora, Cons<sup>a</sup>. Eva Lizety, pelo fato de a Profa. Lyuba já ter recebido por aprovação deste mesmo Conselho, o título de Professora *Honoris Causa*, considerou desnecessário o acréscimo de informações sobre sua pessoa, publicamente reconhecida como digna das maiores homenagens.

Assim, a carreira profissional da professora que já era reconhecida e legitimada pela Universidade local, tendo em vista os prêmios e homenagens recebidos dentro e fora dela.

Houve a proposição para que o nome da sala fosse traduzido ao português, porém, em virtude de não haver nenhuma legislação sobre o tema, manteve-se o original em francês. Sobre a homenagem prestada à Lyuba Duprat e o seu nome na *Salle de Documentation* da FURG, é interessante refletir a respeito da importância do nome em circunstâncias como a trazida aqui e da relação entre nome, memória, identidade e homenagem. Para o antropólogo Joel Candau (2012), colocar o nome de alguém nesses lugares pode ser um exemplo de dever de memória. Dever de memória que seria, para o historiador e filósofo Paul Ricoeur (2007), onde a memória, o patrimônio e a identidade trabalham em conjunto para evitar o esquecimento; dizer “você deve lembrar, é o mesmo que dizer você não deve esquecer” (RICOEUR, 2007,

---

nomes conhecidos e presentes no documento que mostra a intenção de criação da *Salle de Documentation Lyuba Duprat* na FURG.

p.100). Além disso, sobre a escolha do nome para os locais que buscam a preservação da memória de alguém, Candau (2012) afirma que,

[...] em todos os casos a nomeação, a memória e a identidade estabelecem relações muito fortes. Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade (CANDAU, 2012, p. 68).

A nomeação e a ideia de perpetuar a memória são relevantes para compreender e contextualizar a criação desta sala. Como podemos ver na citação de Joel Candau, dar o nome de alguém para algum lugar é uma forma de homenagem e de exercício de memória que luta contra o esquecimento. Essa ideia corrobora os próprios argumentos utilizados pelos professores para a criação da sala e a escolha do nome da professora Lyuba Duprat.

François Hartog lembra que toda ação preservacionista está relacionada ao desejo de preservarmos para nós mesmos, para o presente e também para as gerações futuras (HARTOG, 2006, p. 271). Trata-se de uma preocupação em salvaguardar as nossas referências atuais, para nós mesmos, mas também preocupação em repassá-las para as gerações futuras, como heranças culturais.

As ações de preservação da memória de Lyuba Duprat realizada pelos seus ex-alunos e demais envolvidos no processo de patrimonialização de seus objetos, responde, ao mesmo tempo, a uma necessidade de estender a lembrança do sujeito para outras gerações, bem como de fazer frente à memória afetiva pessoal, formadora do próprio sujeito que recorda. Assim, além de objetos pessoais, eles fazem parte de uma coleção que leva o nome de Lyuba Duprat no âmbito universitário, com funções de preservação e guarda de documentos relativos que lhe dizem respeito.

Com a aprovação da *Salle de Documentation Lyuba Duprat*, o Conselho Universitário, por meio da Resolução número 007/95, resolve: “atribuir a uma sala do Departamento de Letras e Artes, destinada à guarda de doações da homenageada e de outros materiais pertinentes ao estudo da francofonia o nome de *Salle de Documentation Lyuba Duprat*”.

Destaca-se que estão citados os objetivos de guarda de materiais da professora Lyuba, e, principalmente, ser um espaço que incentive a pesquisa sobre a língua e cultura francesas – e isso pode ser percebido não só através da constituição do acervo, mas também pelas atividades exercidas no local. Esses materiais citados na resolução consistem, em sua maioria, do acervo bibliográfico que pertencia à professora Lyuba e que hoje estão disponíveis para consulta do público no local. Com a *Salle* oficialmente criada e reconhecida pela Universidade, a equipe tratou de fazer os convites, organização do acervo e do espaço para a inauguração (Figura 32).

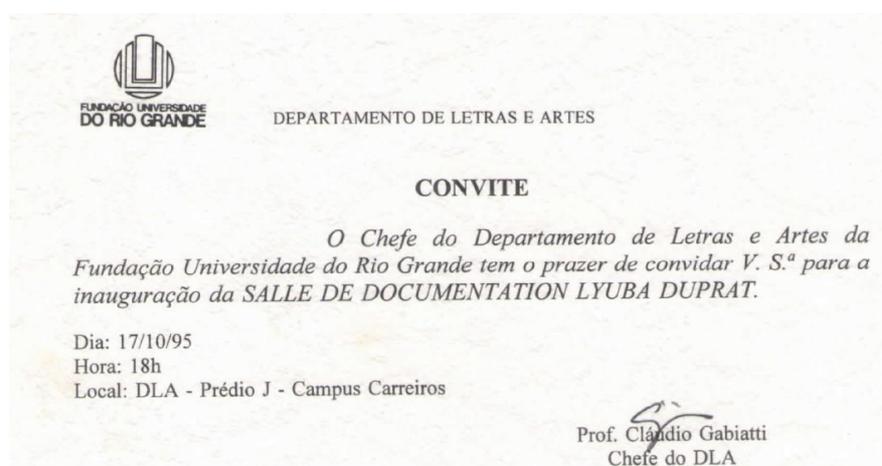


Figura 32: Convite para inauguração da Salle, 1995.  
Fonte: Salle de Documentation Lyuba Duprat

Na cerimônia de abertura, a professora Nubia Hanciau que, ex-aluna e amiga de Lyuba, presidiu a cerimônia (Figura 33) e realizou um discurso onde alguns trechos são transcritos a seguir, a fim de continuar compreendendo e analisando a criação desse espaço:

[...] **Ao homenageá-la, mantendo viva sua memória e fazendo prosseguir sua história** com a inauguração desta sala, nossa proposta junto à FURG, além de mais uma vez **reconhecer seu mérito**, cria um espaço de informação, cultura e convívio para alunos, professores e comunidade em geral. **E, numa visão mais ampla, valoriza as mulheres professoras pioneiras.** [...] **Precursora, ousada e carismática em seu tempo, Lyuba não perdia oportunidade para muitas vezes radicalizar.** Ensinou Francês para crianças e diplomatas, sem negligenciar os conhecimentos de Cultura, Civilização e História da Arte, que se constituíam em contrato com a vida; e ela só deixou de cumpri-lo quando seu corpo e sua mente cessaram de trabalhar e quando o coração, debilitado pela idade, não resistiu mais ao comando enérgico que ela sempre

impôs diante da vida. [...] Disse Proust em *A sombra das raparigas em flor* que a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa variação de chuva, num cheiro de quarto fechado, numa sala... em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara...A memória não é apenas uma das faculdades mais importantes do pensamento, ou a capacidade de lembrar. Ela mantém a unidade de nossa personalidade e, sobretudo, constitui-se em nossa história (HANCIAU, Nubia. Homenagem à Lyuba Duprat, 17/10/1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, grifo nosso).



Figura 33: Leitura do discurso da professora Nubia Hanciau, 1995.  
Fonte: Salle de Documentation Lyuba Duprat

Além de Nubia Hanciau, Tabajara Almeida escreveu e leu um texto em homenagem a sua ex-professora na cerimônia de inauguração da *Salle de Documentation*, citado anteriormente em outro trecho desta dissertação.

[...] não sei se os anjos ficam lendo por cima do ombro da gente quando se escreve, mas sei certamente que comparecem as cerimônias que lhes homenageiam. Por isso resolvi ler essa carta. [...] Desculpe-nos pela traição de dar-lhe o nome de uma sala na Universidade, apesar de todas as suas recomendações contrárias. Com o tempo aprendemos a entender suas negativas, que queriam dizer “sim, eu aceito, mas não foi por isso que eu fiz tudo que fiz. Que fique bem claro”. Nós lhe amamos, mande notícias (ALMEIDA, 1995, s/página).

Aqui, os discursos também acabam funcionando como sociotransmissores (CANDAU, 2009), pois servem como transmissores de uma mensagem sobre a professora Lyuba. Tal mensagem é recebida pelas pessoas presentes à cerimônia (receptores) e, de certa forma, acaba abrangendo todos os objetos e atividades relacionadas à *Salle*. Os dois discursos, além de

funcionarem como propagadores de uma ideia, possivelmente contribuíram para a construção de uma memória coletiva relacionada à homenageada, principalmente pela presença das qualidades profissionais e pessoais da professora trazida; elas são propagadas pela oralidade que funciona como sociotransmissoras. Pois, conforme nos propõe Halbwachs (1990), a memória individual é influenciada pelo coletivo e atualizamos nossa memória de acordo com o social, com o meio e com a visão dos outros sobre aquilo. Por mais que o conceito de memória coletiva seja complexo e um pouco nebuloso, sabemos que a memória individual é influenciada pelo meio externo e pelo coletivo, e, para que haja uma memória ou metamemória coletiva, a presença de sociotransmissores é de grande importância.



Figura 34: Inauguração Salle de Documentation Lyuba Duprat, 1995.  
Fonte: Salle de Documentation Lyuba Duprat

A placa inaugurada na cerimônia ainda permanece na lateral da porta da atual sala, fortalecendo e identificando o espaço como um lugar de homenagem e de memória. Todos os atos envolvendo a criação da *Salle de Documentation*, desde os motivos da criação, justificativas em atas e documentos, discursos, placas e exposição são, segundo Candau, atos de memória; “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2012, p. 150). Assim, esse conjunto de ações demonstra, além da homenagem e comemoração, a possível existência de uma referencia identitária por parte desse grupo de professores criadores da sala com o nome da professora Lyuba Duprat.

Não só a memória de Lyuba Duprat é transmitida através do espaço e de todos os elementos que a ele pertencem, como também a sua identidade

criada e interpretada por seus criadores e gestores. Após a abertura do espaço, a criação da *Salle* foi noticiada nos jornais locais – veículos que também trabalharam reforçando a ideia de que a criação de um espaço como este fortalece e, de certa maneira, eterniza a memória e o nome da professora Lyuba, como mostra a Figura 35.



Figura 35: Recorte de Jornal, Diário Popular, 30 de junho de 1995.  
Fonte: Salle de Documentation Lyuba Duprat

Nessa reportagem do Diário Popular, também podemos encontrar frases que corroboram a ideia da sala ser um espaço memorial: "a ideia é impedir o esquecimento e perpetuar a memória da professora Lyuba Duprat". Nesse sentido, o próprio jornal atua como compartilhador desse discurso, fortalecendo os objetivos da sala. A *Salle de Documentation* Lyuba Duprat passa a ser, então, um lugar de homenagem, comemoração e cumpre também com o dever de memória.

É importante relembrar que a Salle de Documentation não é um Museu. No entanto, passa a ser um espaço memorial e também patrimonial, outros sentidos e funções que vão além de ter uma "segunda vida" (DEBARY, 2010), pois eles são fortalecedores de um discurso e auxiliam na função do próprio espaço em evitar o esquecimento da professora Duprat. Os materiais são, em maior parte, o acervo bibliográfico de Lyuba e também alguns objetos que eram do seu cotidiano profissional: cadeira, lupas, estante, entre outros, objetos, desde o princípio, organizados em forma de exposição, similar aos dos

museus, com algumas legendas, explicações, fotografias e demais documentos relacionados à vida da homenageada.

Atualmente, a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat está no pavilhão anexo ao Instituto de Letras e Artes (ILA), antigo Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A porta de entrada da Salle recebe os seus visitantes e pesquisadores com um aviso e uma explicação sobre o espaço, além da placa que leva o nome da homenageada (Figura 36).

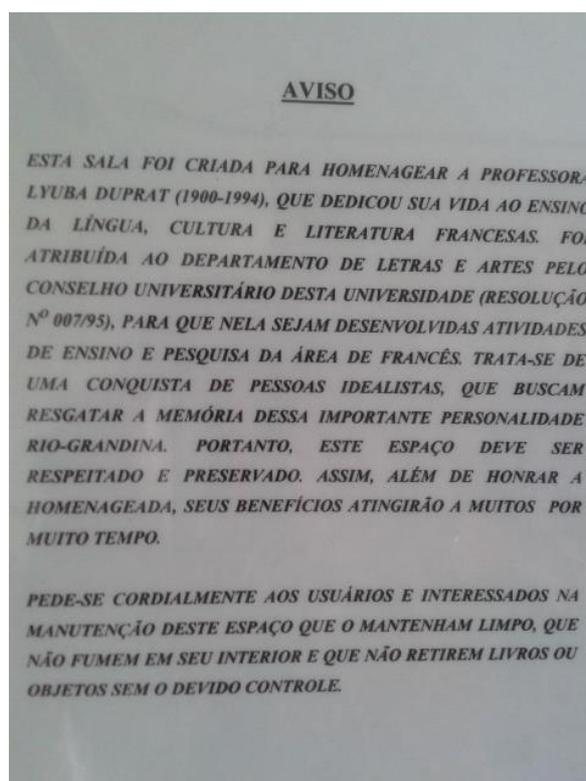


Figura 36: Aviso para visitantes, junho de 2014.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

A presença desse aviso é relevante, na medida em que contextualiza a criação da sala e a sua nomenclatura para as pessoas que não conheceram Lyuba Duprat. O texto mostra como desde o ato de dar “boas vindas” aos usuários da sala está ligado à memória e homenagem da professora, principalmente no trecho:

[...] trata-se de uma conquista de pessoas idealistas que buscam resgatar a memória dessa importante personalidade rio-grandina. Portanto, esse espaço deve ser respeitado e preservado assim, além de honrar a homenageada, seus benefícios atingirão a muitos por muito tempo.

Os aspectos que tratam a sala como homenagem e busca por preservar a memória da professora estão descritos e fortalecem o sentimento e os objetivos apresentados nos documentos de criação do espaço. A sala é organizada, atualmente, por estantes que acolhem o acervo bibliográfico, como indica a Figura 36:



Figura 37: Salle de Documentation Lyuba Duprat - Imagens Internas, 2014.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

O espaço está aberto ao público em geral, mas seus usuários, segundo a equipe atual, são praticamente os estudantes dos cursos de Letras da FURG. Dentre a numerosa quantidade de livros que pertenceu à professora Lyuba, existe um livro em particular que é destacado tanto pela professora Nubia Hanciau quanto pela atual equipe que lá trabalha: a tradução do *Rei de Roma*.

Uma das suas atividades, enquanto professora e detentora do conhecimento da língua francesa, foi a de traduzir a obra de Octave Aubrey, *O Rei de Roma*, 1ª Edição, datada de 1937. Na *Salle de Documentation* podemos encontrar o exemplar que pertenceu a ela com sua assinatura, conforme podemos ver na Figura 38:

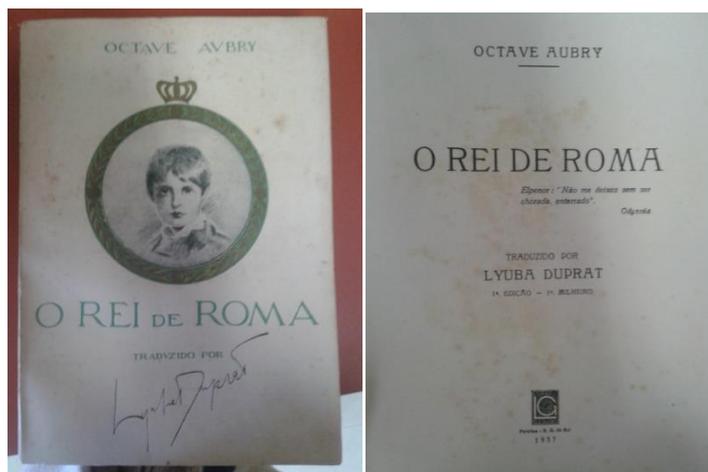


Figura 38: O Rei de Roma, tradução de Lyuba Duprat.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Fazem parte do acervo bibliográfico da SLD obras raras que pertenceram à homenageada e outras que foram doações de contribuintes, de outras instituições e também de pessoas como a senhora Heloísa Ayres Soares e José Jerônimo Soares Neto, que doaram livros em 2001. Além dos livros, destaca-se também que, como fonte documental e primária sobre a professora homenageada, o local também possui alguns documentos importantes, entre eles diários, livros de anotações, mapas e figuras usadas nas aulas da professora e outras anotações pessoais e informações. São materiais recolhidos em conjunto tanto pela professora Nubia Hanciau, quanto pelos inventariantes citados anteriormente. Os trechos do diário de Lyuba Duprat relativos ao período em que viveu na França, utilizados no capítulo anterior, são retirados destes exemplares disponíveis na *Salle*. A seguir, na Figura 39, algumas imagens do material utilizada em suas aulas de História da Arte:

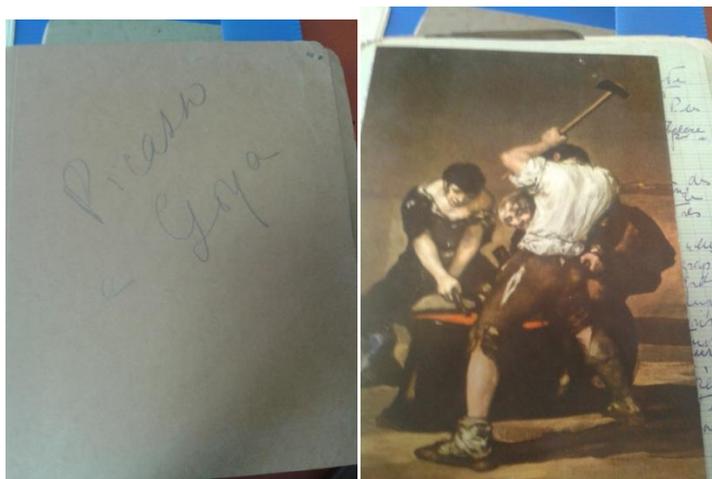


Figura 39: Material Lyuba Duprat, sem data.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Na categoria de objeto tridimensional, a *Salle* possui em seu espaço interno alguns abridores de carta (Figura 40) que, segundo a equipe atual, também pertenceram à professora Duprat. Entretanto, eles não estão expostos no espaço de vidro, como será apresentado posteriormente, mas fazem parte do acervo interno da *Salle de Documentation*.



Figura 40: Abridores de carta, sem data.

Fonte: Acervo Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Outro aspecto interessante é que na parede em frente à porta de entrada estão recortes de jornais – alguns, inclusive, utilizados nesta pesquisa –, como forma de contar e mostrar ao visitante quem é a professora homenageada. Essa dinâmica já pode ser encontrada desde a primeira organização da *Salle*. Nas fotografias da cerimônia de abertura podemos perceber, se atentarmos aos detalhes da foto (Figura 41), os mesmos recortes de jornais que hoje estão no local.



Figura 41: Salle de Documentation Lyuba Duprat, 1995.  
Fonte: Acervo Nubia Hanciau.

Nesta imagem podemos perceber que, na parede localizada ao lado direito, encontram-se vários recortes e cópias de reportagens sobre a professora Lyuba Duprat. Na mesma parede também está um quadro (com a imagem refletida do vidro) onde se encontram alguns postais e fotografias da homenageada. Alguns destes últimos materiais citados continuam expostos atualmente, mas em outro formato, como veremos a seguir. Além do espaço interno mostrado aqui, alguns objetos e fotografias de Lyuba estão expostos em uma espécie de sala expográfica, cobertas por vidro, que originalmente pertenceu ao Núcleo de Estudos Canadenses (NEC) também criação da Prof.<sup>a</sup> Nubia Hanciau com parceria de outros professores e que por estarem umas ao lado das outras, acabam tendo este espaço de vidro em comum.

Esses objetos podem ser vistos por quem passa pelo prédio. Eles estão agrupados de maneira que cria um espaço pessoal de Lyuba Duprat dentro da sala de vidro, com os móveis, fotografias e postais que contam um pouco sobre a trajetória da professora, conforme pode ser visto na Figura 41:



Figura 42: Objetos e fotografias - Salle de Documentation Lyuba Duprat, 2014.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Em um primeiro olhar, podemos perceber a estante de madeira e a cadeira. Acima delas três fotografias, da esquerda para direita: turma de colegas no Liceu Victor Duruy, foto colorida de Lyuba sentada em sua cadeira de balanço e outra igual à anterior, mas de corpo inteiro. Abaixo o certificado do Livro dos Recordes e ao lado da escrivaninha a cadeira de palha que ela usava para lecionar, conforme já vimos no capítulo anterior.

A cadeira compunha o cenário da sala que ela utilizava para lecionar e foi lembrado por alguns entrevistados, conforme mostramos no capítulo anterior. Atualmente, a estante acomoda algumas fotografias que contam um pouco de sua vida, a exemplo do momento do recebimento do título de Doutora *Honoris Causa* e postais do Liceu Victor Duruy. Os postais e as fotos remontam a trajetória e o cotidiano da homenageada na França, projetando o ambiente que ela vivia. O móvel também expõe a fotografia do recebimento do título de Professora *Honoris Causa* pela FURG em 1992, conforme já tratado no capítulo anterior.



Figura 43: Cerimônia entrega título de Professora Honoris Causa, 1992.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Assim como os postais, essa fotografia contribuiu na formação de um discurso memorial e também identitário sobre a professora na *Salle de Documentation*. Entretanto, as fotografias, postais e objetos que estão expostos aos olhares dos visitantes e transeuntes do pavilhão ficariam um tanto desconexos caso não houvesse nenhum tipo de legenda sobre os materiais expostos. Nesse caso, ao lado do móvel referenciado, encontra-se a legenda apontada na Figura 44:

### *Salle de Documentation Lyuba Duprat*

*O material bibliográfico que aqui se encontra é composto parcialmente pelo acervo de Lyuba Duprat, complementado por material doado pelo Consulado da França em Porto Alegre, pela Embaixada do Canadá em Brasília, pelo NEC (Núcleo de Estudos Canadenses) de Porto Alegre, por escritores, professores e particulares, à área de Francês do Departamento de Letras e Artes.*

*A última foto (em cores) de Lyuba Duprat (com ampliação do rosto), entre as dispostas cronologicamente nesta sala, foram tomadas no local em que ela ministrava seus conhecimentos, Rua Carlos Gomes, e doadas pelo Dr. Jorge Luiz Cardoso Pasquotto.*

*O móvel que abriga a lupa e históricos do Lycée Victor Duruy, onde a homenageada estudou de 1912 a 1916, em Paris, fazia parte de seu mobiliário, bem como a cadeira que ela preferia para o exercício de sua profissão. Foram doados para esta sala pelos testamenteiros Sra. Ilza Rodrigues e pelo Prof. Ricardo Soler.*

*Os postais de Paris no início do século (10), bem como os da cidade de Québec na mesma época, são colaboração do Sr. Walter Santos e pertenciam a sua coleção particular.*

Figura 44: Legenda da Salle de Documentation, 2014.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Salle de Documentation Lyuba Duprat

Vê-se que, houve o cuidado em contextualizar os objetos e fotografias ali expostos com a legenda (Figura 44), fortalecendo a ideia de que mesmo não sendo um museu, a *Salle* passa a ter um caráter memorial e patrimonial e conseqüentemente transfere esse caráter para os objetos que ali estão salvaguardados. Afinal, os objetos e fotografias expostos nesse local param de ter a sua função original e adquirem caráter museal, expográfico e narrativo. Sobre a criação de lugares para memória, Joel Candau afirma que:

[...] de uma maneira geral, todos os traços que têm por vocação “fixar” o passado (lugares, escritos, comemorações, monumentos, etc.) contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais, estamos assim, em presença de “passados formalizados”, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constitutivos de uma memória “educada”, ou até mesmo “institucional”, e, portanto, compartilhada (CANDAU, 2012, p. 118).

A *Salle de Documentation* é um espaço que auxilia na comprovação e compartilhamento do passado e da memória da professora Lyuba Duprat. Ela pode ser vista, então, como um Lugar de memória segundo o conceito de

Pierre Nora (1984), pois se trata de um local onde a memória trabalha, onde ela é cristalizada e possui distanciamento entre presente e passado. (NORA, 1984).

Além disso, por ser um espaço onde há intenção de memória, podemos mais uma vez pensar a *Salle* a partir da reflexão de Joel Candau, quando ele diz que “topofilias e toponímicas, a memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo” (2012, p. 157). A *Salle* seria, então, uma referência da professora Duprat dentro da Universidade, que busca, através de sua exposição, acervo e atividades, e, com o auxílio dos sociotransmissores (jornais, discursos, objetos, fotografias, etc.) lutar contra o desafio do tempo e do esquecimento. Conforme discutido e apresentado, todas as escolhas feitas, tanto na *Salle de Documentation* como no Museu, são mediadas por uma seleção do que será contato ou não sobre a vida da professora, o que será lembrado e esquecido.

Entretanto, nem todos os objetos de Lyuba foram transferidos para o Museu ou para a *Salle de Documentation*. Alguns foram vendidos para angariar fundos e outros doados para amigos e ex-alunos que lhe eram próximos, ou em vida por ela própria ou depois do seu falecimento por seus inventariantes. Cabe aqui pensar nas seguintes questões: qual foi a trajetória desses objetos até a residência desses amigos? De que forma eles compõem o cenário doméstico dos seus novos donos? Eles atuam como representantes de sua antiga dona ou se mesclam nos objetos domésticos da casa? A partir de agora, apresentaremos de forma inicial esses questionamentos que surgiram durante a realização desta pesquisa, defendendo a ideia de que mesmo não estando em um museu, os objetos nos espaços domésticos podem transmitir mensagens, memórias e, portanto, podem ter um significado especial para seus proprietários.

## *En l'honneur de...* objetos e imagens no cenário doméstico <sup>80</sup>

Tratamos até aqui dos processos de patrimonialização que os objetos de Lyuba Duprat sofreram quando foram transferidos para duas instituições memoriais/patrimoniais: Museu da Cidade do Rio Grande e *Salle de Documentation*. Na última parte deste capítulo, discutiremos ainda sobre um cenário diferente dos anteriores, pois aqui analisaremos o processo de transferência destes objetos para novos espaços domésticos: a residência de ex-alunos e amigos.

A característica percebida nesse processo de acompanhamento da trajetória dos objetos que pertenceram à Lyuba Duprat até as casas de seus ex-alunos é, principalmente, da existência de uma relação de afetividade com estes materiais. São os objetos afetivos, conforme o conceito apresentado por Véronique Dassié (2010). Sob os quais existe um cuidado, um valor patrimonial atribuído, são âncoras memoriais que conectam memórias e identidades dos sujeitos e suas famílias (DASSIÉ, 2013, p. 3). Por outro lado, esses objetos, as memórias, esquecimentos e afetividades neles presentes, são também representações do “eu” dos sujeitos, representativos de sua posição social e também de sua intimidade (DASSIÉ, 2013, p. 3).

Rafael Iglesia (2011) afirma que dentro do espaço privado, cada móvel e cada canto da casa é investido de uma função e também de uma dignidade simbólica. Para o autor, todos os seres e objetos estão conectados dentro da casa, eles são cúmplices do cotidiano familiar e dos seus hábitos e carregam um valor afetivo que é marcado por sua presença (IGLESIA, 2011, p. 16). Somos cercados por objetos patrimoniais dentro da nossa casa/família. A este respeito, Ferreira afirma que “[..] são, portanto, as narrativas pessoais que dão aos objetos dilacerados pelo tempo, [...] o sentido de patrimônio” (FERREIRA, 2008, p. 37). Assim, essa relação afetiva que temos com as coisas que nos são patrimoniais é mediada, segundo a autora, pelas narrativas pessoais que envolvem sua materialidade. Os objetos aqui estudados então deslocados da residência de Lyuba e transferidos para a casa de Nubia Hanciau, Flavio Hanciau e Ricardo Soler, em momentos distintos.

---

<sup>80</sup> Em tradução livre: “Em honra de...”

Os objetos que atualmente lhes pertencem foram adquiridos de formas distintas, alguns repassados pela própria professora ainda em vida, outros foram comprados da própria professora e outros recebidos como herança simbólica pelo seu inventariante depois da morte de Lyuba.

É importante analisar que os atuais donos dos objetos têm forte relação com esses vestígios materiais e estes apresentam funções híbridas dentro do espaço doméstico. Alguns são utilizados em suas funções normais, fazem parte da casa e estão misturados com os outros utensílios domésticos. Já outros são expostos, evocando uma espécie de altar de homenagem. Apesar da casa dos ex-alunos não ser uma instituição memorial e patrimonial, é relevante pensar e trazer nesta pesquisa como alguns dos objetos que pertenceram à Lyuba são atualmente tratados, principalmente pelo fato de serem objetos que apareceram nas narrativas dos entrevistados. A justificativa desse acompanhamento dos objetos até o espaço doméstico de seus ex-alunos é entender os constantes deslocamentos e trocas de funções e significados dos objetos. Além disso, conforme apresenta Ulpiano Meneses,

[...] para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los 'em situação', nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que fizeram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social (MENESES, 1998, p. 92).

Os objetos que pertenceram a uma pessoa podem passar a representar ela própria e trazem consigo o que as caracterizava, mesmo que descontextualizados do seu local de origem. Para pensar sobre esse aspecto, alguns fatores serão analisados: qual a relação entre os atuais donos e estes objetos? Onde eles estão localizados na casa? O que poderiam fazer deles objetos patrimoniais familiares? Se alguns dos objetos da casa dos entrevistados são utilizados de acordo com as suas funções originais a maioria deles carrega ao mesmo tempo uma carga memorial e simbólica que ultrapassa o valor de uso. Sobre a utilidade e o significado de alguns objetos, Gonçalves (2005) advoga que mesmo que as vezes os objetos continuem funcionando para aquilo que foram fabricados, alguns acabam adquirindo uma função mágico-simbólica e religiosa. “Não são, desse modo, meros objetos” (GONÇALVES, 2005, p. 18), possuem uma personalidade que está

diretamente relacionada com a personalidade de seu proprietário conceito que pode ser associado ao de “*extended-self*”, desenvolvido pelo historiador Ulpiano (1994), que demonstra que os objetos podem ser vistos enquanto extensões de seus proprietários.

Durante a visita à casa do casal Nubia e Flavio Hanciau, cada objeto mostrado por eles trouxe consigo histórias por trás da sua materialidade. O casal ia contando um pouco sobre a rotina do material enquanto pertencia a professora Lyuba e agora, quando este objeto lhes pertence. Para Verónica Dassié, em seu livro *Objets d'affection une ethnologie de l'intime*, a história dos objetos e suas trajetórias devem ser reconstituídas a partir dos testemunhos de seus guardiões (DASSIÉ, 2010, p. 18). Dessa forma, é o que pretendemos fazer aqui: retomar outras histórias e o outro momento da trajetória desses objetos a partir da narrativa de seus atuais guardiões.

O primeiro objeto trazido, lembrado pelos entrevistados, faz parte do universo de materiais e objetos que Lyuba Duprat utilizava para cuidar de sua aparência e imagem pessoal. Trata-se do colar de pérolas (Figura 45), que está sob a guarda de Nubia Hanciau. Ele está presente em alguns dos retratos da professora, é identificado por Nubia como o “indefectível colar” e é guardado dentro de um lugar reservado, resguardando seu valor simbólico e material.



Figura 45: Colar de pérolas, sem data.  
Fonte: Foto de Nubia Hanciau, 2014.

De maior dimensão, segundo Moles (1972), pouco móveis, outro objeto a ser apresentado e discutido é uma chapeleira (Figura 46) que pertencia à professora. Nela encontram-se, também, um porta retrato com uma fotografia

de Lyuba, dois moedeiros e, no local onde se guardam as bengalas, a bengala que pertencia ao pai de Lyuba Duprat.



Figura 46: Chapeleira de Lyuba Duprat, 2014.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente ao Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Durante a primeira parte da entrevista, o senhor Flavio Hanciau narrou o momento em que recebeu a bengala do senhor Augusto Duprat:

[...] no final da vida ela me presenteou. É interessante, porque depois que eu me casei, ela me oferecia sempre a bengala do pai, e o chapeleiro. Eu sempre dizia que gostava, mas que não queria nada dela, apenas a companhia, a alegria. Então numa tarde ela disse: *“Você vai levar, hoje você vai levar, é importante que tu leves”*, e naquela madrugada ela faleceu. Parecia que ela pressentiu que algo ia ocorrer. A bengala eu guardo aqui na minha casa, com o chapeleiro, com o porta moedas. Porque ela pegava uma moedinha de dez centavos e dava para a pessoa que passava na casa dela, que era sempre agraciada com uma moedinha, e até nisso ela tinha uma atitude interessante, porque ela se preparava para cada momento, para as pessoas que chegavam a casa dela <sup>81</sup>.

Dessa forma, através das lembranças do senhor Flavio Hanciau com relação à bengala que pertenceu ao pai de Lyuba Duprat, comprova-se a importância que esses objetos têm na vida dos entrevistados e a

---

<sup>81</sup> Entrevista de Flavio Hanciau em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

representatividade que possuem no espaço doméstico. Do lado esquerdo do móvel encontra-se um pequeno quadro com a seguinte frase: “*Visiteur, qui es tu? Si tu es un ami, du fond du coeur sois te le Bienvenue. Qui vient en ami arrive trop tard et part trop tôt!*”<sup>82</sup>. Podemos dizer que, levando em consideração a localização destes objetos, a seleção, a disposição e a organização do conjunto, eles são representativos de uma homenagem à Lyuba na casa de Flavio e Nubia Hanciau, principalmente pelos elementos que o compõem: a foto, a bengala, o quadro em francês e os objetos em sua posição original.

O significado destes objetos nos conduz à reflexão acerca da sua imaterialidade, sua possível “alma”. O antropólogo Marcel Mauss (2003) nos revela, em sua obra *Sociologia e Antropologia*, mais especificamente no capítulo intitulado “Ensaio sobre a dádiva”, como um grupo de indígenas das regiões da Polinésia realiza uma forma de troca e contrato, em que estes não são realizados somente por objetos, mas também por serviços, festas, banquetes, etc. (MAUSS, 2003, p. 191). Ao observar essa troca de “presentes” que inicialmente parece ser voluntária, mas torna-se quase obrigação aos membros do grupo, principalmente na retribuição do dom, Mauss que esses presentes tinham um *hau*. O *hau* é o espírito das coisas, não só dos objetos, mas também das florestas e animais (MAUSS, 2003, p. 197). O que podemos aproximar de nossa pesquisa, basicamente, a questão espiritual e simbólica que os indivíduos atribuem aos objetos – essa transmissão de dons, esse vínculo criado pela troca, é também um vínculo de almas, “pois a própria coisa tem uma alma, é uma alma. De onde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si” (MAUSS, 2003, p. 200).

Assim, presentear alguém com algum objeto que foi seu é dar um pouco de si para a pessoa, é doar-se junto com a materialidade. Eles passam a ser representativo do seu doador e receptor; assim, “aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria rigorosa e mortal, pois [...] essas coisas vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente” (MAUSS, 2003, p. 200).

---

<sup>82</sup> Tradução livre da autora: “Visitante, quem é você? Se você é um amigo do fundo do coração, seja bem-vindo. Quem vem como amigo chega tarde demais e nos deixa muito cedo”.

Essa reflexão nos faz pensar de que forma o recebimento desses objetos pelos ex-alunos de Lyuba Duprat são também formas de representação da própria professora, são partes dela e, por isso, recebem conservação especial.

Seguindo as análises em pauta, em várias sociedades a atribuição da espiritualidade dos objetos existe e é explorada tanto por Marcel Mauss (2003), quanto por Bronislaw Malinowski em seu estudo sobre a *kula*<sup>83</sup>. A existência de uma alma nos objetos também foi trabalhada por antropólogos brasileiros, entre eles José Reginaldo Gonçalves, que, na apresentação do seu livro *Alma das coisas*, descreve como os objetos estão presentes nas nossas vidas e que, apesar disso, parece que diferentemente de outros grupos, desaprendemos a falar a sua língua. Para o autor, não é que as coisas não falem, apenas desaprendemos a falar a sua língua, mesmo assim “é provável que a alma das coisas ainda nos afete secretamente” (GONÇALVES, 2013, p. 8).

[...] é preciso também não esquecer que, enquanto portadoras de uma “alma”, de um “espírito”, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc. Essa possibilidade nunca desapareceu completamente de nosso horizonte moderno (GONÇALVES, 2013, p. 8).

As ideias de Gonçalves parecem corroborar as apresentadas pelos autores Flavio Silveira e Manuel Lima Filho (2005). Para eles os objetos fazem parte de um universo criado por nós, ao atribuímos valores simbólicos a eles, os objetos recebem uma aura, uma fonte de comunicação que fala sobre quem somos, nosso lugar no mundo. Eles também são “vias de comunicação relacionadas a determinadas experiências culturais” (SILVEIRA e LIMA FILHO, 2005, p. 38). São exatamente esses diversos sentidos que os objetos possuem que lhes permitem ser evocadores memoriais “e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa

---

<sup>83</sup> Espécie de comércio intertribal praticado por comunidades das ilhas da Nova Guiné. Atividade estudada pelo antropólogo Bronislaw Malinowski.

e os sentidos possíveis que ela encerra consigo” (SILVEIRA e LIMA FILHO, 2005, p. 38).

A partir dessas reflexões percebemos que os objetos podem ser representações dos sujeitos e, além disso, representações da alma das pessoas e de todos que, de alguma forma, possuem com elas conexões. Entretanto, conforme nos relembra Thierry Bonnot (2014), os objetos não nascem com tais funções e significados, atribuídos durante sua trajetória de vida social e sua relação com os sujeitos. Eles proporcionam que realizemos essas diversas relações com a sua materialidade, uma imaterialidade que é repassada e resignificada pelos sujeitos, mediada por lembranças e esquecimentos.

Outro objeto que atualmente faz parte da residência do casal Hanciau é o conjunto de licoreiro (Figura 46), que segundo os entrevistados, Lyuba usava para servir vinho do porto para seus alunos e visitas. Foi lembrado pela maioria dos ex-alunos durante as entrevistas, cujo hábito foi rememorado.



Figura 47: Licoreiro e cálices de cristal, sem data.

Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente ao Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

O licoreiro fica agora na sala principal da casa, no balcão onde o casal acomoda parte de suas taças e bebidas. Nem sempre exposto ao olhar de quem por ali passa, às vezes está guardado para preservar sua integridade material. Ao mostrar o licoreiro, Nubia também relembra, assim como Ricardo, sobre o ritual feito de Lyuba ao recepcionar seus convidados.

Ainda nesta tipologia de objetos, o casal possui alguns copos e taças de cristal que pertenciam à professora, acomodados em uma cristaleira. Segundo Nubia, são pouco utilizados a fim de conservá-los, pois são muito delicadas,

importantes e simbólicos para o casal. Nesse caso, podemos perceber que o objeto vai perdendo aos poucos o seu valor de uso quando comporta grande aproximação e significação memorial.

Os copos e taças deixam de ser utilizados como tais e passam a ficar expostos ao olhar, à admiração e há a preocupação com a preservação da sua materialidade. Entram na categoria de *reliquias*, onde a sua preservação é extremamente importante por serem representativos de muitas invisibilidades: a sua perda ou destruição seria extremamente dolorosa para os proprietários. Conform Véronique Dassié, a preservação dos objetos está diretamente relacionada a uma função memorial e identitária que esses vestígios têm em relação aos seus proprietários.

[...] o carinho, caminho para ser considerado como a alma tocou algum objeto se torna a razão para a sua conservação e assume a memória do que é suposto ser preenchido. Então, esses são "objetos de afeto" na medida em que os sentimentos são o princípio do compromisso mostrado a eles e parece impossível para os seus titulares de se separar deles (DASSIÉ, 2010, p. 19).

São acima de tudo objetos afetivos que carregam em sua materialidade um universo de imaterialidade, de lembranças, histórias, narrativas, identidades e esquecimentos. Objetos de afeição são, conforme o conceito trazido por Verónica Dassié (2010), aqueles que, possuem o sentimento de carinho, de proteção e onde as âncoras memoriais e identitárias são seus pontos fortes. Assim, a maioria dos objetos que hoje estão nos espaços domésticos analisados, mostraram-se fortes âncoras memoriais e representativos de um vínculo com a professora Lyuba.

Outro objeto que chama a atenção e que está aos olhos dos visitantes é um pequeno vaso de pedra sabão com cachos de uva em vidro (Figura 47), atualmente, na mesa de centro da sala do casal e antes, segundo os entrevistados, fazia parte da decoração da sala onde Lyuba ministrava suas aulas. Segundo Nubia, seria quase impossível encontrar um aluno de Lyuba que não lembrasse desse objeto, centro de mesa.



Figura 48: Objeto decorativo, uva sem vidro, 2014.

Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente ao Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Tanto este quanto os demais objetos trazidos aqui, podem ser vistos como evocadores e compartilhadores de memórias da professora Lyuba e dos seus atuais proprietários. A senhora Regina Carmem se emocionou quando visualizou a fotografia acima durante o primeiro encontro, disse ter sentido uma forte emoção ao rever o objeto que fazia parte da decoração da casa da professora. Sobre as uvas de vidro e o vaso de mármore, o senhor Flavio Hanciau, durante a segunda parte da entrevista, também relembra do objeto que hoje pertence a ele e sua esposa. Segundo ele, os cachos de uva foram um presente seu e de seu pai para Lyuba Duprat, como lembrança de uma viagem que ambos fizeram para Ouro Preto.

As histórias contadas sobre os objetos acabam transferindo os discursos e os sentimentos para sua materialidade. Esses são alguns dos fatores que podem influenciar na relação que os indivíduos têm com os objetos, sentimentos de pertencimento e de valorização que até então eram nulos ou pequenos. Esses objetos passam a adquirir valor memorial e patrimonial dentro das casas e famílias. Eles são, geralmente, insubstituíveis, não são abandonados, apenas passados de geração para geração ou entregues às pessoas que são muito próximas à família. Seu valor simbólico, memorial e também espiritual (BOSI, 1994, p. 442).

Mesmo que alguns objetos tenham sido doados ainda enquanto a professora era viva, muitos deles foram recebidos pelos seus atuais proprietários com um significado, talvez, maior do que ele possuíam

anteriormente. Pela atitude do casal é possível dizer que os objetos mostrados anteriormente são vistos como relíquias e patrimônios da família e da casa, que provavelmente ficarão nesse cenário por muito tempo. Além disso, nas duas residências (casal Hanciau e Ricardo Soler) foi possível perceber a existência de objetos que antes de pertencer à Lyuba Duprat, eram de seu pai, Augusto Duprat. Eles estavam sob os cuidados da filha e, posteriormente, foram repassados para seus alunos e amigos, alguns ainda em vida.



Figura 49: Caneta e mataborrão, sem data.  
Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente a Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

É o caso da caneta com seu suporte e o mata-borrão<sup>84</sup> (Figura 49) guardados pelo entrevistado, Flavio Hanciau, em seu escritório. Eles não são utilizados de acordo com sua função original, mas preservados e expostos ao olhar do público seletivo que adentra na peça. Já o senhor Ricardo Soler, guarda em sua residência os dois tinteiros que pertenceram ao médico Augusto Duprat (Figura 50):

---

<sup>84</sup> Objeto utilizado para absorver a tinta excedente no papel, utilizado principalmente na época das canetas tinteiro.



Figura 50: Tinteiro, sem data.  
Foto da Autora, 2015. Acervo pertencente ao senhor Ricardo Soler.

Os tinteiros também estão no escritório do entrevistado e, durante a visita, ele contou que existe um cuidado especial com tais objetos, onde todos os membros da casa respeitam a sua importância. O tinteiro, assim como os outros objetos, recebe uma “aura” dentro do espaço doméstico. Esses objetos são revestidos por uma camada simbólica e afetiva que vai além da materialidade do objeto, mas, principalmente, está calcada na representação imaterial que ele simula aos indivíduos.

Outro objeto que pode ser encontrado na residência de Flavio e Nubia Hanciau é o porta salgados (Figura 51).



Figura 51: Empadeira de Lyuba Duprat, sem data.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente ao Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Este é lembrado por Nubia como um utensílio muito usado por Lyuba, e que mostra o seu hábito de receber bem os seus convidados. Segundo os entrevistados, ela servia, em algumas datas especiais, salgados servidos ainda quentes no recipiente acima. Segundo Nubia, devido a sua qualidade material, às vezes também é usado por eles como um objeto híbrido que, conforme dito anteriormente, é aquele que é utilizado de acordo com sua função original, quando às vezes é deslocado ou recebe um caráter simbólico diferenciado. O fato de alguns objetos serem utilizados de acordo com sua função original, não retira a importância simbólica atrelada a eles, mas sim, de alguma maneira, acaba incluindo outras. E o uso diário dos objetos, segundo Bachelard, criam vínculos entre presente e passado:

[...] os objetos assim acariciados nascem realmente de uma luz íntima; chegam a um nível de realidade mais elevado que os objetos indiferentes, que os objetos definidos pela realidade geométrica. Propagam uma nova realidade de ser. Assumem não somente o seu lugar numa ordem, mas uma comunhão de ordem. Entre um objeto e outro, no aposento, os cuidados doméstico tecem vínculos que unem um passado muito antigo ao dia novo. A arrumadeira desperta os móveis adormecidos. (BACHELARD, 1993, p. 80).

Assim como o casal Hanciau, o ex-aluno Ricardo Soler possui, em sua residência, diversos móveis que pertenceram à sua professora de francês. Alguns foram remodelados e restaurados, mas compõem junto com outros objetos o espaço da sala e escritório do entrevistado, conforme a Figura 52.



Figura 52: Móveis de Lyuba Duprat, sem data  
Fonte: Foto da Autora, 2015. Acervo pertencente ao Sr. Ricardo Soler.

Na imagem temos, à esquerda a poltrona que pertenceu à Lyuba com uma nova estofaria e o móvel de madeira onde a professora acomodava seu telefone. À direita está um dos armários de Lyuba e duas esculturas de mármore acomodadas sobre ele. A da esquerda também pertenceu à professora e, segundo Ricardo, ela mantinha a mesma disposição que é mantida por ele até hoje. Em visita a sua casa para a realização destas fotografias, Ricardo contou que nas ocasiões em que recebe visitantes que conheceram à professora Lyuba, ele conta um pouco a história desses móveis e objetos, fazendo referência à sua antiga proprietária. Assim, não se trata de um móvel com objetos quaisquer, mas de um conjunto de elementos que juntos são formadores de um aparato simbólico e memorial, e, de certa maneira, uma homenagem à professora na residência dos ex-alunos.

Entretanto, nem todos os objetos estão expostos ao olhar do público, alguns são mais íntimos, pois apenas as pessoas selecionadas podem vê-los. Eles possuem um lugar especial dentro da casa, e são guardados com maior segurança, como pequenos tesouros. São carregados de questões simbólicas e imateriais. Muitas vezes estes lugares são gavetas, caixas, álbuns que guardam objetos, fotografias, documentos e tantos outros suportes que funcionam como evocadores memoriais e identitários,

[...] o armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da

vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma intimidade (BACHELARD, 1993, p. 91).

O casal Flavio e Nubia Hanciau hoje salvaguardam outros objetos de Lyuba Duprat que, diferente dos analisados até agora, não estão expostos ao olhar dos visitantes e não são utilizados na rotina da casa. Em primeiro lugar analisaremos uma “caixa de memória”, literalmente, pois dentro dessa caixa está guardada uma diversidade de vestígios que pertenceram à Lyuba Duprat. São vistos pela senhora Nubia como valiosos, não pelo valor financeiro, mas pela importância que tinham na vida de Lyuba e para quem os guarda atualmente. O cargo de guardião destes objetos está diretamente ligado às responsabilidades de preservar aqueles suportes materiais e, conseqüentemente, as memórias e histórias ali presentes. Por isso, justifica-se a preocupação em preservar a integridade material, pois eles são testemunhos, são documentos e pontes físicas da memória da professora Lyuba. Os “guardiões da memória” seriam, segundo Jean Kellerhals *et al*, aqueles que se encarregam da “preservação dos traços – escritos, orais, materiais - do passado familiar” (KELLERHALS, et al, 2002, p. 553). São essenciais para uma transmissão memorial que, no caso dos autores, é baseada principalmente na transmissão familiar e geracional. Mesmo não sendo o caso específico trazido aqui, com relação à Nubia, Flavio, Ricardo e os objetos de Lyuba, trata-se de pessoas que, de certa maneira, assumiram o papel de guardião da memória e dos materiais de Lyuba Duprat.

Nesse sentido, os objetos encontrados na caixa, como veremos a seguir, preservam e contam através da narrativa de Nubia Hanciau algumas características da professora (Figura 52).

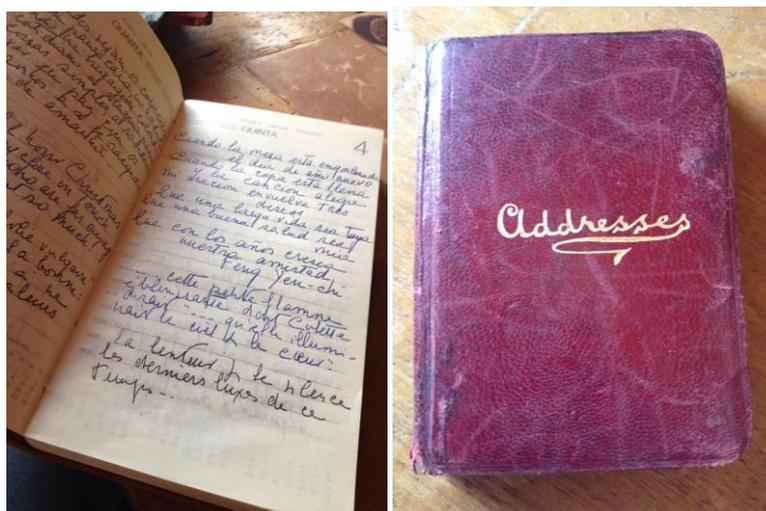


Figura 53: Caderno de anotações e Adresses de Lyuba Duprat, sem data.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Talvez estes objetos estejam guardados fora do olhar do público para respeitar e preservar sua intimidade natural deles, pois são anotações que podemos categorizar como íntimas da professora Duprat. Reflexões, pensamentos, ideias que ela anotava, endereços de amigos e familiares, e, datas de aniversário. Estes manuscritos guardam em suas linhas e entrelinhas uma intimidade muito maior do que aqueles objetos que estão expostos ao olhar na sala de estar, e também não ficavam expostos na sala de Lyuba.

Nubia e Flavio tiveram o cuidado de guardar esses objetos em um lugar com a mesma intimidade, acobertados por uma caixa e que juntos criam um contexto: a caixa com as coisas da Lyuba. Nesse pequeno universo também está guardado uma espécie de manual, "*Comment preparer le mate*"<sup>85</sup>, que mostra um passo a passo e dicas para preparar a bebida que segundo Nubia, Lyuba gostava bastante. Além disso, um conjunto de figuras e folhetos sobre história da moda, teatro e comportamento que também pertenciam à professora, e, que são testemunhos dos materiais recolhidos e utilizados por Lyuba durante os mais de 70 anos de docência.

Um documento em especial, que faz parte desta caixa, também possui o caráter de relíquia: trata-se do documento original expedido em 1992 pela Câmara Municipal de Vereadores, convidando a professora Lyuba Duprat para

---

<sup>85</sup> Tradução livre da autora: "Como preparar o chá"

uma cerimônia que foi realizada para homenageá-la e parabenizá-la pelos 75 anos de atuação no magistério (Figura 54). Este projeto foi de autoria do Vereador Jorge Guaraci Ravara e faz parte do processo número 54.022 da citada câmara.

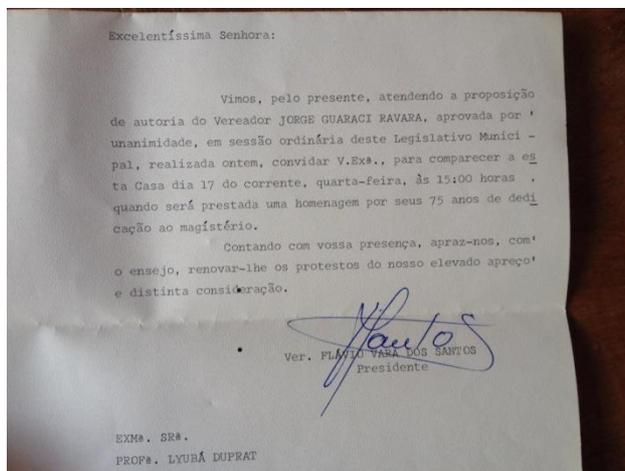


Figura 54: Ofício e convite para cerimônia de homenagem a Lyuba Duprat, 1992.  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Tanto essas informações, como o documento, não foram encontradas em outro momento da pesquisa, mas estão salvaguardados na residência do casal e juntamente com os demais objetos encontrados na caixa referida, contam sobre a história da professora de francês. Dessa forma, para o autor Marcus Dohmann, mesmo que os objetos não sejam mais utilizados pela sua função prática, eles continuam veiculando e transmitindo informações sobre os sujeitos e estamos sempre atribuindo valores simbólicos a eles (DOHMANN, 2013, p. 37). Os objetos são comunicadores, falam dos sujeitos neles envolvidos e continuam comunicando, tanto sobre Lyuba quanto sobre o casal. Além do documento e dos outros pertences narrados acima, ainda existem outros que são guardados e agrupados dentro da caixa em questão (Figura 55):



Figura 55: Caixa com pertences de Lyuba Duprat  
Fonte: Foto da Autora, 2014. Acervo pertencente à Sr. Flavio e Sra. Nubia Hanciau

Esta caixa guardada com afeição pelos seus proprietários – é mais um local que faz parte da trajetória dos objetos e da biografia cultural (KOPYTOFF, 2008) de Lyuba Duprat. Eles possuem uma forte carga memorial e narrativa, e, mesmo estando em locais restritos e íntimos – como as residências dos ex-alunos –, eles continuam funcionando como evocadores e fortalecedores da memória da professora Duprat. Em todo caso, podemos pensar que tendo em vista a capacidade memorial e narrativa dos objetos, muitas pessoas acabam utilizando-os como mediadores e marcas de narrativas autobiográficas. Essa capacidade é explorada por Janet Hoskins em seu livro *Biographical objects: how things tell the stories of peoples lives*. Nele a autora demonstra como um grupo de indivíduos utiliza seus objetos mais próximos, aqueles mais afetivos, para contar suas trajetórias de vida – são os objetos autobiográficos.

Os membros do Kodi, grupo pesquisado pela autora, conseguiram falar sobre assuntos polêmicos evitados, tais como política e assuntos sexuais, através da presença e narrativa feita pelos objetos. Baseada no conceito de “objetos biográficos” de Violette Morin, Hoskins percebeu que aqueles mais pessoais eram vistos também quase como pessoas, com características “próprias” e de seus donos. Os objetos biográficos envelhecem com o seu dono, servem como representação da passagem do tempo e, principalmente, da sua identidade. Por outro lado, assim como os estudos de Dassié (2010) e Bonnot (2014), estes pertences se mostraram detentores de uma relação afetiva com seus donos, afetividade que os diferenciava dos demais objetos.

Os objetos biográficos são reconhecidos com mais facilidade pelas pessoas próximas de seus proprietários, eles mostram-se mais representativos

para sua família e amigos. (HOSKINS, 1998). Dessa forma, podemos dizer que muitos dos objetos de Lyuba Duprat estudados aqui podem ser entendidos como biográficos, representativos de sua proprietária e fortes indicadores de sua história de vida e memória. Quando repassados por ela, ainda em vida, para seus amigos, continuaram sendo sua representação, recebendo novos contextos e funções.

Eles continuam sendo objetos biográficos, mesmo que fora do seu contexto de “origem”, âncoras narrativas e biográficas, e, por isso, acabam não se desvinculando totalmente da imagem de Lyuba Duprat. Sendo auxiliares narrativos, os objetos mostraram-se não só como partes de uma nova história com os proprietários atuais, mas mesclaram as histórias de vida dos novos donos com a antiga de Lyuba Duprat. Histórias de vida que passam a estar interligadas não só na memória, mas na materialidade dos objetos que foram herdados. A posição desses objetos nos seus novos lares é, como vimos anteriormente, também uma posição estratégica: eles estão perto do olhar, da rotina e do dia-a-dia das famílias dos entrevistados. Nubia Hanciau, em seu depoimento escrito, corrobora as reflexões trazidas acima:

[...] vemos Lyuba pelos cantos da nossa casa, se restabelece um diálogo restaurador – mesmo que duas décadas de sua morte tenham transcorrido ano passado –, através dos objetos legados, esparsos estrategicamente aqui e ali... Como se cada um se decompusesse em vários, um quebra-cabeça, cada peça repleta de detalhes e de possibilidades narrativas. Eles são pretextos para um retorno, um olhar para trás, uma volta em *flashes* capazes de refazer parte importante da vida, de provocar analogias que acontecem naturalmente e não podem ser evitadas (HANCIAU, 2015, s/página).

Os objetos repassados são vistos também como simbólicos, dispositivos memoriais e como uma representação da professora em sua residência. Ela ainda destaca a capacidade narradora que eles possuem, despertando memórias da relação lembrada do papel que Lyuba Duprat teve em seu casamento, propiciando o encontro do casal, como também de motivadora da sua carreira, da sua paixão pela França e pelo francês. A maioria destes objetos não é mais utilizada somente de acordo com suas funções originais e estão envolvidos com as histórias e memórias dos sujeitos – desde o casal Flavio e Nubia Hanciau, e, Ricardo Soler, como seus familiares e amigos e, claro, Lyuba Duprat –. Eles adquiriram novas funções e “[...] no rastro das

mudanças de sentido dos objetos, encontramos as ações dos sujeitos sociais, ativos construtores de memória” (GOMES, OLIVEIRA, 2010, p. 44). Assim, os novos proprietários dos pertences de Lyuba Duprat, constroem e fortalecem a cada narrativa a memória da professora, principalmente a partir da perspectiva de Pomian, quando afirma que “a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo e do escondido como se fosse manifesto” (POMIAN, 1984, p. 68).

Dessa forma, os objetos são também testemunhos, representativos de “algo” ausente. No caso dos objetos estudados aqui, são marcadores da passagem de Lyuba na vida do casal Hanciau e de Ricardo Soler, e, de certa forma, ela permanece ali, sua memória é representada pelos seus objetos encontrados na casa. Ao acompanharmos a trajetória destes materiais até a casa dos seus amigos e entrevistados, percebemos que mesmo não estando em espaços abertos ao público, como museus e espaços memoriais, eles funcionam como fortalecedores, compartilhadores de memória e sociotransmissores. Essa hipótese está baseada não só na visita realizada durante a entrevista nas duas residências e nas conversas e narrativas durante o dia, mas pensando em todos os outros diálogos que provavelmente aconteceram sobre estes objetos, com outras pessoas, familiares e amigos, que frequentaram a casa dos entrevistados. Assim, os objetos de Lyuba Duprat continuam com sua vida e trajetória, não restritas somente à sua função utilitária, mas auxiliando na manutenção da memória e da personalidade da professora.

Um indício da representatividade do objeto patrimonial

A maioria dos objetos que pertenceram às instituições estudadas aqui mostrou seu potencial papel de evocador memorial e narrador. Entretanto, conforme analisado, nem todos foram lembrados e reconhecidos pelos entrevistados como representativos da professora Lyuba Duprat. Se mesmo os ex-alunos, que eram amigos próximos à rotina e vida da professora, não reconheceram todos os objetos, como será que o público que frequenta estas instituições identifica e se relaciona com tais objetos?

Será que a memória de Lyuba Duprat está sendo preservada do esquecimento, como pretendia o inventariante Ricardo Soler ao levar os objetos da professora para o Museu? Da mesma forma, será que a criação da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, espaço de homenagem e que buscava, da mesma maneira, evitar o esquecimento da homenageada, conseguiu transmitir para o público consultado o nome e a trajetória de Duprat através da sala e de seu acervo?

Esses questionamentos dão base para a reflexão a respeito da representação patrimonial que instituições como museus e seus acervos possuem para o público. Para transmitir uma memória é preciso que exista uma comunicação, um espaço para interpretação e contato do público com o acervo. Há, sem dúvida, um desejo de preservar a memória da professora ao doar seus objetos para o Museu da Cidade do Rio Grande e com a criação da *Salle de Documentation*, entretanto, a preservação dessa memória deve ser trabalhada e construída, ela não é autosuficiente, ou melhor dizendo, ela não é inerente aos objetos.

A comunicação museológica e patrimonial pode ser realizada de várias maneiras: com projetos educativos, ações culturais e exposições (CUNHA, 2010, p. 110). E, ainda, com a criação de espaços virtuais, como *sites* e páginas vinculadas às redes sociais, o que também colabora para a comunicação dos espaços. Sem comunicação não há troca de informação, não há meio em que o objeto museológico salvaguardado troque informações com

o receptor (público). Esse processo é essencial para as instituições patrimoniais e constitui uma das atividades destacadas pelo ICOM.<sup>86</sup>

Quanto maior a variedade e quantidade de ações comunicacionais maior a probabilidade de transmissão de memória e de mensagens, discursos e interpretações sobre o acervo. Sem comunicação, o ciclo museológico preservacionista fica incompleto, podendo interferir na efetivação da preservação e do sentimento de pertencimento do público para com o acervo. Por outro lado, todas as ações patrimoniais e memoriais, incluindo a musealização, são carregadas de um discurso, de um poder – o mesmo acontece com a seleção do que será ou não exposto. Não é possível expor tudo, seleciona-se de acordo com os objetivos iniciais do museu, do público e do discurso (ENNES, 2008).

Por isso faz-se necessário o incentivo para que essas instituições, em geral, realizem atividades rotineiramente com o público, possibilitando que os objetos salvaguardados e resguardados nas reservas técnicas, encontrem o público. Por outro lado, quando expostos, todos os elementos que compõe a exposição fazem parte de uma narrativa, de um contexto que é também uma representação, um discurso (CASTRO, 2007), e são esses fatores que o público vê, interpretados e ressignificados por ele. É através dessa comunicação museológica que também se faz a troca de informações e de significados entre sujeito e objeto, o que pode contribuir para a construção e consolidação de uma possível memória social. Segundo Chagas (2009), “uma memória só pode ser social se for transmitida, e para ser transmitida tem que ser articulada” (CHAGAS, 2009, p. 159).

Tendo em vista que o Museu da Cidade do Rio Grande encontra-se fechado para reformas desde o início dessa pesquisa não foi possível ter conhecimento de que forma o público do local se relaciona com os objetos da professora. Por outro lado, a *Salle de Documentation* é um local interessante para pensarmos a questão de representação e efetivação da preservação da memória de Lyuba Duprat. É um espaço localizado dentro do ambiente universitário, frequentado pelos estudantes de vários cursos de graduação e

---

<sup>86</sup> International Council of Museums - ICOM

pós-graduação, mas, principalmente, pelos estudantes do curso de francês da FURG. Este é o principal público da *Salle*, frequentador dos corredores e também das pesquisas acadêmicas. Considerando o interesse destes estudantes pela língua e cultura francesas, não seriam eles um público potencial para conhecer e reconhecer o nome e os pertences da professora Lyuba Duprat?

Buscando aproximação com esses questionamentos, realizamos uma pesquisa cujo público alvo foi os estudantes egressos do curso de Letras Francês/Português da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A escolha desse grupo justifica-se por serem, dentro do cenário atual, o público que mais frequentaria e utilizaria o espaço da *Salle de Documentation*. A pesquisa, baseada no preenchimento de um formulário online, apresenta-se como resultado inicial, baseado apenas em respostas de estudantes que se disponibilizaram em preencher o formulário enviado via endereço eletrônico para trinta e dois egressos a partir de 2003 até 2015. O número de ex-alunos consultados foi baseado na quantidade de endereços eletrônicos dos egressos disponíveis no Instituto de Letras e Artes. Entretanto, também se deve levar em consideração que o formulário foi enviado apenas para aqueles que tinham o registro de e-mail no Instituto. É possível que nem todos os egressos desse período tenham recebido o e-mail, ou, ainda, tenham mudado o endereço eletrônico desde então.

O formulário <sup>87</sup> foi elaborado e estruturado compreendendo dez questões, iniciando com o reconhecimento básico do estudante e com perguntas sobre o interesse da pesquisa, algumas com resposta livre e outras com três ou quatro alternativas para serem selecionadas:

- 1) Você foi estudante do curso de francês da FURG?
- 2) Sexo
- 3) Quando se formou?
- 4) Você sabe quem foi Lyuba Duprat?
  - A) Não, nunca ouvi falar.
  - B) Já ouvi falar mas não sei quem foi
  - C) Sim, sei quem foi.
- 5) Se a resposta for sim, de onde a conhece?
  - A) da Salle de Documentation Lyuba Duprat.

---

<sup>87</sup> O formulário está disponível de forma completa nos Apêndices da dissertação.

- B) Do Museu da Cidade do Rio Grande
- C) Outro, qual?
- 6) Você conhece a Salle de Documentation Lyuba Duprat?
  - A) Não, nunca ouvi falar.
  - B) Sim, mas nunca entrei.
  - C) Sim, já visitei.
- 7) Se a resposta for sim, como conheceu o local?
  - A) Já passei por lá
  - B) Durante uma visita
  - C) Realização de pesquisa
  - D) Outro, qual?
- 8) Quando foi a última vez que visitou o local?
- 9) Caso você conheça a Salle de Documentation, sabe se existem objetos de Lyuba Duprat no local?
  - A) Não, nunca vi
  - B) Não me lembro
  - C) Sim
- 10) Se você se lembra dos objetos, quais seriam eles?

Através desse formulário de preenchimento rápido, foi possível detectar indícios de uma possível conexão entre os objetos e sua antiga proprietária, a professora Lyuba Duprat, e de que forma a *Salle de Documentation* Lyuba Duprat influencia e propaga conhecimento a respeito de sua homenageada. O resultado da pesquisa foi positivo, mostrou, mesmo de maneira inicial e breve, que existe a relação entre os objetos e a história da professora Lyuba Duprat e que os egressos consultados mostraram ciência sobre a personagem homenageada.

A análise da pesquisa realizada com os egressos será descrita, a partir do estudo dos resultados obtidos, traçando-se um parâmetro inicial para compreendermos a indicação da capacidade da *Salle de Documentation* como propagadora da memória de Lyuba Duprat. Por meio dos resultados é possível perceber que a *Salle* também se mostrou um espaço que é utilizado para realização de pesquisas e visitas, onde os estudantes consultados aproveitaram o acervo disponibilizado pelo local. Sobre os resultados obtidos com a consulta online, temos o seguinte:

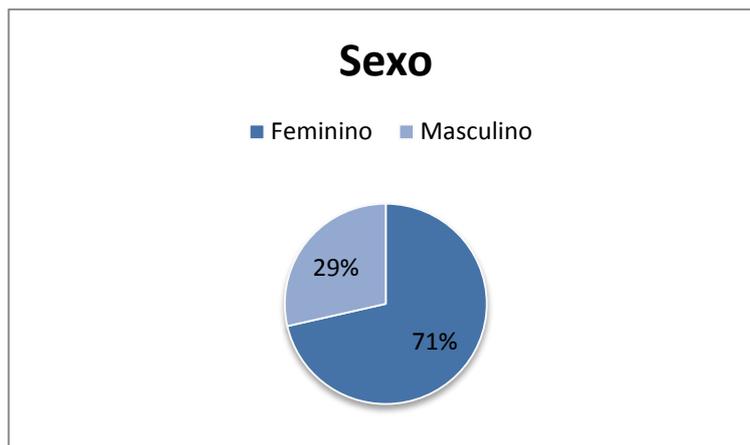


Figura 56: Gráfico sobre sexo dos egressos consultados  
 Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

O gráfico da Figura 55 mostra que a maioria das pessoas consultadas é do sexo feminino, totalizando um número de quinze frente a seis do sexo masculino. Sobre o ano de formação dos egressos, temos um recorte temporal de 2009 a 2015. Os estudantes dos anos anteriores (2003-2008) não responderam a essa pesquisa. Dentre os vinte e um que responderam ao formulário, dois declararam ter se formado no ano de 2009, três em 2010, três em 2011, três em 2012, cinco em 2013, três em 2014, um em 2015 e um não declarou em que ano se formou. Tendo em vista que o tempo padrão de conclusão do curso de Letras/Francês é de quatro anos, se considerarmos que os formados em 2009 concluíram em tempo padrão, eles teriam entrado na Universidade no ano de 2005 e assim consecutivamente.

Sobre a pergunta acerca da abrangência do conhecimento de Lyuba Duprat, “Você sabe quem foi Lyuba Duprat?”, temos um resultado positivo, onde quinze (71%) entrevistados responderam “Sim, sei quem foi”, cinco (24%) escolheram a alternativa “Já ouvi falar, mas não sei quem foi” e apenas um (5%) respondeu que “Não, nunca ouvi falar”. Frente a essa primeira pergunta que representa um foco importante da pesquisa, percebemos que a grande maioria mostrou-se familiarizada não só com o nome da professora Lyuba Duprat, mas declararam saber de quem se tratava. Comparando os resultados obtidos na pergunta seguinte: “Se a resposta for sim, de onde conhece?”, percebemos que dentre os cinco que responderam “Já ouvi falar, mas não sei quem foi”, quatro responderam que ouviram falar da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, e, um não respondeu.

Dos quinze que selecionaram “Sim, sei quem foi”, dez escolheram a alternativa “Da Salle de Documentation Lyuba Duprat”, dois selecionaram a alternativa do Museu da Cidade do Rio Grande, um não respondeu e outros dois selecionaram a alternativa “Outros”, declarando as seguintes respostas: “Participei de um curso de História da Arte ministrado por ela. Também a conheci por ser cliente do banco onde eu trabalhava, tive a oportunidade de visitá-la duas vezes” e “Reportagens”. Frente a esse resultado, temos o interessante resultado que aponta positivamente para a capacidade de transmissão memorial sobre a professora Lyuba Duprat.

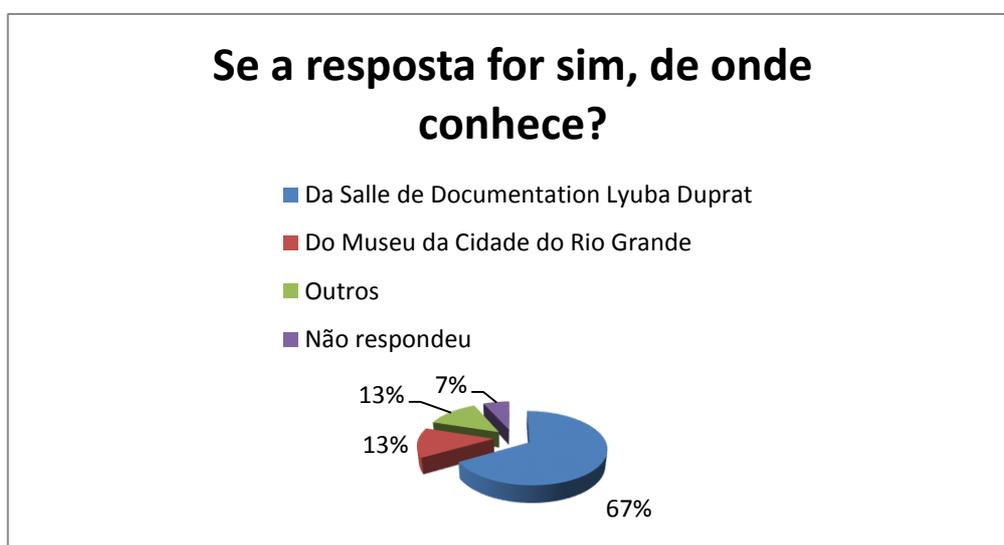


Figura 57: Gráfico sobre Lyuba Duprat  
Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

Por outro lado, o fato de dois ex-alunos terem consultado a alternativa “Do Museu da Cidade do Rio Grande” também é interessante, o Museu referido já se encontra fechado ao público há alguns anos. Entretanto, de acordo com os consultados, esse local mostrou-se também ser um espaço que, de certa forma, influenciou e informou aos dois alunos sobre a personagem da professora Duprat. Além disso, as duas alternativas descritas em “Outros” mostraram-se igualmente interessantes, pois uma declarou conhecer Lyuba Duprat a partir de reportagens, mostrando a capacidade de transmissão e de sociotransmissor que os jornais e suas respectivas reportagens possuem.

Quanto à pergunta “Você conhece a *Salle de Documentation Lyuba Duprat*” a maioria dos consultados declarou que “Sim, já visitei”, conforme é possível visualizar no gráfico da Figura 58:

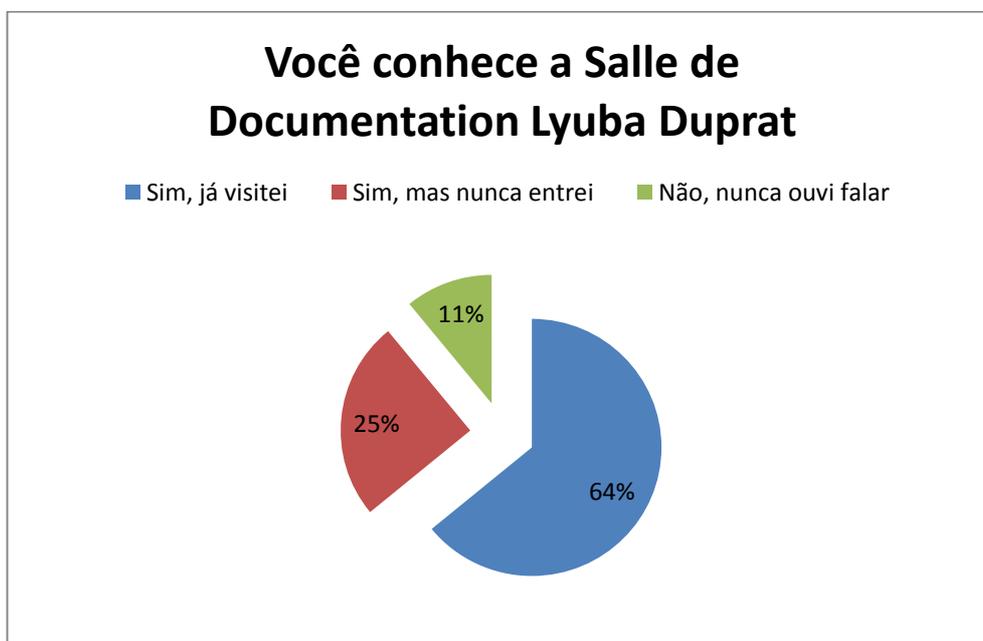


Figura 58: Gráfico sobre a Salle de Documentation Lyuba Duprat  
Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

O resultado de que 64% dos formandos consultados conheceriam a *Salle de Documentation Lyuba Duprat* corresponde às respostas anteriores, mostrando uma coerência nas declarações dos estudantes, onde a mesma que declarou nunca ter ouvido falar de Lyuba Duprat, também selecionou a opção “Não, nunca ouvi falar” com referência à *Salle*.

A pergunta “Caso conheça a *Salle de Documentation*, você sabe se existem objetos de Lyuba Duprat no local?” foi formulada com o intuito de saber se os estudantes consultados através do formulário, mesmo após terem declarado que conheciam a *Salle de Documentation*, recordavam de algum objeto pertencente à professora no local. A pergunta seguinte, “Se você se lembra, quais seriam eles?”, visava saber quais os objetos que seriam lembrados pelos consultados.

As respostas tornaram a demonstrar de forma positiva a forte capacidade de transmissão memorial da *Salle de Documentation* sobre a homenageada, quando onze (52%) declararam que “Sim”, sabiam que existem objetos de Lyuba Duprat no local, quatro escolheram a opção “Não me lembro” e apenas dois “Não, nunca vi”. O menor número de respostas nesta pergunta

dá-se pela razão dos quatro estudantes que declararam nunca ter entrado ou não ter ouvido falar da *Salle* não responderam a essa pergunta. Sendo assim, dos 17 estudantes que responderam a questão, apenas dois declararam nunca terem visto objetos da Lyuba Duprat na *Salle de Documentation*, o que demonstra que é um espaço onde os objetos possuem um papel importante e acabam sendo lembrados pelos entrevistados,



Figura 59: Gráfico sobre objetos Lyuba Duprat  
Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

Os objetos foram descritos pelos próprios estudantes, não havendo opção para selecionar. Dentre os que declararam saber que havia objetos de Lyuba Duprat no local, apenas um não descreveu quais seriam, os outros escreveram as opções mostradas no gráfico acima, que foram agrupadas; alguns estudantes descreveram mais de um objeto. Através da análise destes dados, verifica-se que aqueles mais lembrados são os livros e a cadeira,

seguidos pela categoria “móveis”. Vale ressaltar que a cadeira e o móvel de madeira compõem a pequena exposição referente à Lyuba Duprat na sala de vidro, juntamente com algumas fotos e postais, conforme mostrado no capítulo anterior. Fazendo o cruzamento das respostas de cada estudante, obtemos o resultado da Tabela 1:

Tabela 1: Objetos da Salle de Documentation Lyuba Duprat lembrados pelos consultados

<b>Objeto descrito</b>	<b>Como conheceu o local?</b>
Lembro de ver móveis de madeira que seriam de Duprat.	Já passei por lá.
Cadeira e livros.	Realização de pesquisa
No momento só lembro dos livros e de uma cadeira.	Trabalhei lá
Livros, discos, móveis, como cadeira de balanço.	Durante uma visita
Cadeira, livros, documentação.	Monitoria
Cadeira, livros, fotos, postais, alguns objetos pessoais ligados a sua vida como professora e incentivadora da língua francesa.	Trabalhei junto ao NEC
LEMBRO DOS LIVROS!	Realização de pesquisa
Uma cadeira, fotos e um acervo muito bom.	Realização de pesquisa
Tinha uma cadeira, fotografias, alguns objetos como fotografias de Rio Grande em slides antigos que pertenciam a professora. Fui bolsista da professora Kelley Baptista Duarte e uma vez fiz um levantamento de livros. A sala passou por reforma e eu e alguns colegas ajudamos no armazenamento de alguns livros. Fiquei encantada com o acervo! Muitos livros raros e infelizmente, devido a falta de tempo na condição de estudante, não pude usufruir de todo acervo. Existem livros raros e fiquei muito contente com sua pesquisa.	Na FURG, utilizei livros, estudei no espaço. Foi muito útil quando era estudante de letras francês.

Fonte: Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel, Olivia Nery, 2015.

Através desses resultados, podemos relacionar o fato dos objetos mais lembrados estarem expostos aos olhos dos visitantes e transeuntes, conforme propõem Cunha (2010) ao demonstrar a importância da exposição para o ciclo de preservação material e imaterial dos objetos e também para o diálogo com o público. A efetividade da transmissão memorial e da recordação dos objetos que compõem o acervo da *Salle de Documentation* pode estar relacionada com o período que os egressos consultados declararam ter visitado pela última vez o espaço, no período em que tais objetos já estavam expostos na sala de vidro.

Por outro lado, também percebemos, através da tabela, que a quantidade de objetos lembrados não ficou restrita àqueles que conheceram a *Salle de Documentation* por terem trabalhado no local, mas alguns visitantes e pesquisadores também conseguiram descrever mais de um objeto da professora Lyuba Duprat. Nesse sentido, os livros mostraram-se grande marco da instituição, lembrados talvez não só pelo expressivo número de obras que compõem o acervo bibliográfico no local, mas também por serem utilizados para pesquisas de cunho acadêmico/científico pelos estudantes do curso.

A *Salle de Documentation* fica localizada em um espaço de passagem e fluxo dos estudantes, professores e funcionários para os laboratórios do ILA. Dessa forma, a relação e percepção dos transeuntes com e do espaço são influenciadas também pelo tipo de indivíduo e personalidade, como propõe José Reginaldo Gonçalves. O autor chama a atenção para dois tipos de sujeitos: o *flâneur* e o “homem-da-multidão” – a relação dos dois com o cotidiano da cidade, sensibilidade urbana e local, difere. O *flâneur* vai em movimento contrário da aceleração urbana e do tempo, é motivado pela experiência nova afim de “experimentar a descoberta de alguma dimensão de realidade desconhecida, exótica, distante no tempo ou no espaço. O museu pode ser um dos locais dessa experiência” (GONÇALVES, 2009, p. 175). Esse seria o sujeito com mais propensão a entrar em museus, espaços culturais e perceber o espaço a sua volta, os detalhes que passam despercebidos pelo “homem-da-multidão”. Este acompanha o tempo da multidão, com a aceleração urbana, “dele está ausente a dimensão subjetiva do *flâneur*, a atitude de

interesse e curiosidade pelo o que ocorre à sua volta” (GONÇALVES, 2009, p. 175).

Utilizando a perspectiva que Gonçalves (2009) propõe, podemos dizer que a percepção dos universitários analisados com o cenário cotidiano está mais inclinada à imagem do *flâneur*, pois apenas um respondeu não saber da existência da *Salle de Documentation* e a maioria declarou conhecer e já ter visitado o local. Dessa forma, a maneira que a *Salle de Documentation* vai influenciar na transmissão memorial de Lyuba Duprat está também relacionada com a forma que os indivíduos que por ali passam se encaixam na teoria de José Reginaldo Gonçalves. Aqueles egressos que se compatibilizam em uma perspectiva de *flâneur*, têm mais facilidade de perceber o espaço, o nome da professora e os objetos expostos. Por outro lado, os que se adequam ao tipo “homem-da-multidão” e que passam pelo local influenciados pela aceleração, pela falta de tempo em perceber o seu entorno, têm mais dificuldade em perceber a *Salle de Documentation* e seu acervo.

De acordo com os resultados obtidos nessa pesquisa com os egressos do curso Letras/Francês da FURG, a *Salle de Documentation* consegue atingir seu principal objetivo de criação: a valorização e a luta para o não esquecimento de Lyuba Duprat. A realização de tal afirmativa está baseada não só pela maioria dos consultados relacionarem o nome da professora com o espaço, mas por saberem quem ela foi Lyuba Duprat graças ao local. Além disso, alguns estudantes conseguiram listar alguns dos objetos utilizados durante a pesquisa e entrevistas. É necessário ter em vista que estas afirmações estão baseadas nas declarações dos entrevistados, levando em consideração a sinceridade e veracidade das respostas de cada egresso.

Apesar da preservação dos objetos de Lyuba Duprat não ser o objetivo principal da *Salle de Documentation*, este fato torna-se importante para a afirmação de um espaço memorial, onde sua presença material auxilia na transmissão memorial e discursiva da professora homenageada. Mesmo tratando-se de uma breve e simples pesquisa de público, ela apresenta dados significativos para o entendimento da relação que o público faz entre a Salle, seu acervo e a professora homenageada.

Fatores que nos auxiliam a responder as questões realizadas anteriormente: Será que a criação da *Salle de Documentation* Lyuba Duprat

conseguiu evitar o esquecimento da homenageada e transmitir o nome e trajetória de Lyuba Duprat através da sala? Sim, os vinte um egressos consultados através dessa pesquisa mostraram que a *Salle de Documentation* conseguiu sensibilizar a maioria deles sobre a professora homenageada, seu nome, e seus objetos. A *Salle de Documentation* mostrou-se um espaço que consegue atingir seus objetivos, não só divulgando a trajetória profissional da professora Lyuba Duprat, como também incentivando a pesquisa da língua e cultura francesa, tendo em vista a quantidade de respostas vinculadas a essa atividade.

Por outro lado, voltando aos espaços domésticos e familiares dos ex-alunos e entrevistados, eles mostraram-se espaços onde os objetos que pertenceram à professora de francês estão “vivos”, dotados de uma alma, de um significado e uma representação muito fortes, fazendo com que gerem constantemente narrativas sobre sua história, memória e significados. Na residência de Flavio Hanciau, Nubia Hanciau e Ricardo Soler, os denotam vivência, experiência e afetividade.

Os objetos estudados nos três locais diferentes, colaboram de maneiras distintas para a transmissão e perpetuação da memória de Lyuba Duprat. Essa transmissão só pode acontecer quando há a possibilidade de interação entre objetos e sujeitos, quando eles não ficam esquecidos e deslocados de suas referências. A pesquisa com os estudantes egressos do curso de francês da FURG indica uma questão que não está concluída, que nos possibilita pensar sobre o campo da representação dos objetos patrimoniais, de que forma a patrimonialização dos objetos influencia ou não na sua capacidade sociotransmissora. A afetividade e o sentimento de pertencimento dos objetos aguçam a sua capacidade de evocação memorial e também de transmissão, o que se verificou com os entrevistados e também com a visita na residência dos ex-alunos da professora Lyuba Duprat.

## Aspectos conclusivos

Lyuba Duprat tem sua figura e memória construídas, nesse trabalho, com base em narrativas recolhidas dos seus ex-alunos e amigos, e, na presença da representação material de parte dos objetos que lhe pertenceram. Essa reconstrução possibilitou, por sua vez, construirmos uma história de vida estruturada nas pontes de memórias criadas no diálogo entre objetos, lembranças e narrativas. Para que fosse possível testar as hipóteses e os objetivos da pesquisa e entender de que maneira os objetos funcionavam como evocadores de memória e representantes da figura de Lyuba Duprat, foi preciso a coleta de diversas fontes que não ficaram restritas às duas primeiras citadas acima (entrevistas e objetos). Todos os dados coletados contribuíram para que desvendássemos essa figura rio-grandina singular que ficou marcada por diversos elementos que nesta pesquisa foram lembrados pelos entrevistados e atestados pelos objetos.

Os objetos são de extrema relevância para a construção da personalidade dos indivíduos, de uma imagem e personagem que é repassada para a sociedade. Eles fazem parte, conforme os autores apresentados, de um “cenário” e de uma “fachada pessoal” que constitui a teatralidade do ser humano (GOFFMAN, 1985 e MAFFESOLI, 1996). As linhas e entrelinhas das entrevistas analisadas juntamente com a bibliografia utilizada permitiu que concluíssemos: grande parte dos objetos utilizados por Lyuba Duprat, tanto na sua indumentária, quanto no cenário doméstico, demonstram essa aproximação com a cultura francesa, onde os objetos funcionaram como uma materialização dessa influência.

Dessa forma, eles podem ser vistos como signos de distinção social (DOHMANN, 2013, p. 35). Talvez por isso foram tão lembrados pelos entrevistados, mostrando o potencial identitário que os objetos da indumentária tiveram na construção da identidade de Lyuba Duprat. São eles, vinculados à imagem pessoal e indumentária, que se mostraram mais marcantes na memória dos entrevistados e que, de uma maneira ou de outra, acabaram evocando lembranças da vida cotidiana da professora e suas características pessoais (caprichosa e vaidosa) e, ainda, a conexão destes hábitos com a cultura francesa.

Entretanto, existem aqueles objetos que não foram representativos de Lyuba Duprat e nem lembrados pelos entrevistados. As hipóteses relacionadas a esse fato podem ser várias. Por exemplo, poderiam ser objetos que não ficavam expostos ao olhar do público, sendo da intimidade da professora. Por outro lado, porque os objetos da vida profissional não foram tão representativos da professora Lyuba? Aqui é possível pensar que os pertences mostrados nas entrevistas talvez não fossem realmente utilizados por Lyuba, poderiam pertencer a ela, mas estarem guardados em armários, caixas, etc. e que não eram mais úteis para a professora em suas aulas.

Além disso, o resultado nos permite refletir sobre a possibilidade de entre a grande variedade dos materiais que compunham o cenário profissional e didático da professora, os que foram levados até o Museu da Cidade do Rio Grande eram os menos utilizados ou, simplesmente, não foram marcantes na memória dos ex-alunos entrevistados. Também cabe salientar a possibilidade de que alguns dos objetos não lembrados podem realmente não ter pertencido à professora, apesar de estarem identificados como parte do acervo de Lyuba Duprat.

De toda forma, o conjunto de objetos utilizados durante as entrevistas acabou gerando lembranças e associações entre os entrevistados, fazendo com que mesmo aqueles objetos que não configuravam um cenário de vida cotidiana da professora, tivessem alguma significação na memória dos ex-alunos.

Tanto os objetos da indumentária quanto aqueles que compunham o cenário doméstico da professora, se mostraram presentes nas narrativas. Os entrevistados conseguiram descrever de forma minuciosa os espaços internos da casa da professora, fazendo isso com mais intensidade naqueles que recebiam as aulas, locais que viam com mais frequência. Através das entrevistas é quase possível fazer a reconstrução imagética e memorial da parte interna da casa da professora. Mesmo que alguns trechos sejam afetados pela dúvida e pelo esquecimento, eles se lembram de detalhes que só são possíveis recuperar por intermédio de suas falas, visto que a casa hoje já foi reformada em sua plenitude.

Estas recordações que assumem um caráter idiossincrático, tanto as analisadas individualmente quanto em conjunto mostram, que a professora

Lyuba Duprat foi uma figura importante na vida dos entrevistados, influenciando em muitas decisões pessoais e profissionais dos mesmos. Cada entrevista possui uma estrutura singular, mas todos acabam incluindo momentos de sua vida profissional entrelaçados às memórias da professora, atestando que memória e narrativa são constantemente atualizadas e é praticamente impossível separarmos as duas da identidade.

Tratando da trajetória de vida dos objetos, percebemos que ao serem inseridos no Museu da Cidade do Rio Grande e na *Salle de Documentation* Lyuba Duprat, eles passam por um processo de seleção que os diferencia dos demais objetos. A partir desse momento, eles são inseridos na categoria de objeto patrimonial e acabam transmitindo memórias e esquecimentos sobre seus proprietários.

Por outro lado, percebemos que a capacidade de transmitir memórias não está restrita àqueles objetos localizados na *Salle* e no Museu, pois os objetos que pertenceram à Lyuba Duprat e que hoje estão salvaguardados nos espaços domésticos de Nubia Hanciau, Flavio Hanciau e Ricardo Soler, demonstram que eles continuam veiculando e transmitindo a memória de Lyuba, talvez, inclusive, com mais intensidade do que aqueles salvaguardados nas instituições, mas não expostos ao olhar do público.

Mesmo que nos espaços domésticos tenham um público visitante restrito, os objetos ali guardados acabam transmitindo memórias a cada reunião familiar onde são utilizados ou lembrados. Seus atuais proprietários conferem a esses materiais um discurso patrimonial afetivo que pode ser absorvido, ou não, pelos seus visitantes. Entretanto, mesmo que nem todos façam a apropriação do discurso patrimonial dado aos pertences de Lyuba, pressupõe-se que aqueles de maior intimidade e relação com a família, acabam, de certa forma, também se conectando aos objetos, ainda que essa conexão sempre se atualize e receba novos significados e funções.

Todas as fontes e suas respectivas análises permitem compreender o universo material que rodeava Lyuba Duprat e, de maneira geral, contribuem ainda para um entendimento sobre como os objetos que utilizamos veiculam imagens e memórias sobre nós. Eles são elementos identitários e de distinção social, são comunicadores, são pontes de memória e possuem uma “alma”, uma “trajetória de vida”. Entretanto, não cabe aqui esgotar o assunto, pois

muito provavelmente nem todas as interpretações, raciocínios e respostas possíveis no âmbito desta pesquisa foram expostos e desenvolvidos. Todavia, buscamos contribuir para os estudos da área e instigar o sentimento de curiosidade e de reflexão sobre os objetos materiais que nos rodeiam tendo como exemplo essa professora que deixou seu legado e contribuição para a cidade.

Após o período da pesquisa, tendo em vista os resultados que ela aponta, é gratificante perceber que surgem novos questionamentos, novas possibilidades de pesquisa que aos poucos vão constituindo subsídios para novas investigações e novos questionamentos. Por ora, podemos dizer que Lyuba Duprat teve um papel importante para o ensino de francês na cidade do Rio Grande e a partir da presente investigação, auxiliou na contribuição e enriquecimento científico para o conhecimento de como os objetos funcionam como evocadores de memórias e fortalecedores de uma identidade. Todos os exercícios de lembrança e evocação memorial realizados durante esses anos de investigação mostraram que, de alguma maneira, a professora Lyuba Duprat continua ainda viva na memória dos seus ex-alunos e amigos entrevistados, nos seus objetos e espaços de homenagem e luta contra o esquecimento. O que corrobora a ideia apresentada na reportagem que lembrou o aniversário de Lyuba Duprat, quando ela comemoraria 100 anos de idade, onde se lê “[...] Mas, enquanto as guardarmos em nossas mentes, as pessoas não morrem... Portanto, vive ainda uma das figuras femininas mais marcantes da sociedade e da cultura rio-grandina do século XX” (HANCIAU, 2000). Assim, enquanto a memória de Lyuba Duprat ainda for transmitida através dos seus objetos, narrativas de ex-alunos e amigos, espaços patrimoniais e memoriais, é possível que o esquecimento dessa personalidade seja evitado e que novas interpretações sobre ela surjam.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. História dentro de História. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ANJOS, Danielle Manczak. **Acervo e Sociedade – Museu da Cidade do Rio Grande – RS**. 2012. 170 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERNARDES, Joana Duarte. Habiter la mémoire à la frontière de l'oubli: la Maison comme seuil. In: **Conserveries mémorielles**. Revue transdisciplinaire de jeunes chercheurs, # 7, 2010. URL : <http://cm.revues.org/433>

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da História de Rio Grande**. Rio Grande: EDFURG, 1999.

BONNOT, Thierry. **L'attachement aux chose**. Paris: CNRS Éditions, 2014. pp. 7-16.

BOURDIEU. Pierre. **A distinção crítica social**. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre, RS: Zouka, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tempos vivos e tempos mortos**. Caminho das artes / A arte fazendo escola. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, 2005.

BRITO, Joaquim Pais de. L'objet, le musée et la main interdite. In : **Dossier des Mélanges de la Casa de Velázquez**. Nouvelle série, 40 (1), 2010, pp. 143-145.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudo de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus e RANGEL, Márcio F. **Cultura material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva vision, 2006.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1., n.1., jan/jul 2009.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: dois movimentos. In: **Estudos Avançados de Museologia** - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. In: **Revista Magistro**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, vol. 1, n.1, 2010.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **Glossário de Terminologias do vestuário**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2013.

D'ÁLESSIO, Marcia M. Memória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora. **Revista Brasileira de História**, n.25-26, vol.13, 1993.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DASSIÉ, Veronique. **Objects d'affection: une ethnologie de l'intime**. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2010.

DASSIÉ, Veronique. **L'intime et la mémoire dans la production de l'individu et des collective en Europe: Anthropologie des objets d'affection contemporains**. Programme de Recherche. Concours CNRS 28/04. Disponível em:

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. In: **Revista Memória em Rede**: Pelotas, v.2, n.3, ago-nov. 2010.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ENNES, Elisa Guimarães. **O museu e suas exposições**. 2008. 198 páginas. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estadual do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia. M. Objetos, lugares de memória. In: MICHELON, F. F., et. al. **Fotografia e memória**: ensaios. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia; GASTAUD, Carla Rodrigues; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPGMUS UNIRIO – MAST, vol. 6, n.1, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GOMES, Alexandre. O.; OLIVEIRA, Ana Amélia R.. A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museal. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 2, jul/dez 2010.

GONÇALVES, José. Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

GONÇALVES, José. Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, José. Reginaldo. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário [orgs.]. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro e GUIMARÃES, Roberta Sampaio [orgs.]. **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

GRILLO, Ana Luíza Balassiano. Política cultural francesa para o Brasil: professores franceses no Brasil. In: **O ensino e a pesquisa em história da educação**: 5. Congresso Brasileiro de História da Educação – São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições vertices. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul.-dez. 2006.

HOSKINS, Janet. **Biographical objects: how things tell stories of peoples' lives**. London: Routledge, 1998.

IGLESIA, Rafael E. **La vida domestica y los objetos**. Seminário de Crítica. Instituto de Arte Americano e Investigações Estéticas. nº 165, 2011.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Artmed, 2011.

JULIÃO, Letícia. A pesquisa histórica nos museus. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Caderno Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006.

KELLERHALS, Jean, FERREIRA, Cristina e PERRENOUD, David. Linguagens do parentesco: lógicas da construção identitária. In: **Análise social**, vol XXXVII, 2002, pp. – 545 – 567.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. 2008. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

LE LYCÉE VICTOR DURUY DANS LA GRANDE GUERRE (1914-1918),  
Élèves de 1<sup>ère</sup> ES1 et 1<sup>ère</sup> L arts plastiques 2008/2009, França, sem data.  
Disponível no site <http://lyceeduruy.fr/lycee-duruy/historique-lycee/>. Acessado em 24 de março de 2014.

LIMA, C. Memória familiar nos objetos biográficos e nas obras literárias. In: **Revista História & Ensino**: Londrina, v. 7, out. 2011, pp. 33-45.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. e PINSKY, Carla B. (orgs.). **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MACIEL, Patrícia Daniela. e PERES, Eliane. O ensino feminino privado em Pelotas no Rio Grande do Sul (século XIX). In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 42-65, jan./jun. 2007

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (coord geral). **História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARCON, Giovana Garcia. **Entre fichas, livros e registro: os caminhos percorridos pela documentação museológica no Museu Municipal do Parque da Baronesa (1982-2010)**. 2010. 57 páginas. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) em Museologia Bacharelado. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

MATTOS, Maria de Fátima S.C.G. Representações da Belle-Époque: a ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. In: **Anais do II Encontro de História da Arte, IFCH - Unicamp**, 27 a 29 de Março de 2006, Campinas, SP.

MATHEUS LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer e MATHEUS LOUREIRO, José Mauro. Documento e musealização: entretecendo conceitos. In: **MIDAS** [online], 1, 2013. Posto online no dia 26 Março 2013, consultado no dia 17 Janeiro 2015. URL : <http://midas.revues.org/78> ; DOI : 10.4000/midas.78.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENESES, Ulpiano. T. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.11, n. 21, 1998.

ENESES, Ulpiano. T. B. Museu na Cidade x Cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, volume 5, nº 8/9, pp. 197-205, set 1984/abril 1985.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MICALIZZI, Alessandra. **Oggetti, memoria e trauma: narrazioni e biografie intorno alle cose**. In: M@gm@; janeiro-abril 2012, Vol. 10. Disponível em [http://www.magma.analisiqualitativa.com/1001/articolo\\_04.htm](http://www.magma.analisiqualitativa.com/1001/articolo_04.htm)

MOLES, A. A. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean; et al., **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes Limitada, 1972.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares de memória. **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993.

ORTIGARA, Andrea Maio. O cotidiano e o urbano: um estudo sobre a Belle Époque do Rio Grande através do album da família do Sr. Jorge Ruffier. In: ETCHEVERRY, Carolina e SCHNEID, Frantieska Huzsar (orgs.) **Anais do 7º Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: Convenção do Patrimônio Imaterial 10 anos depois**. Pelotas: Ed da UFPel, 2013. pp. 148-159.

POMIAN, Krzystof. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI**, v. 1: Memória - História. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POSSAMAI, Z. R. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: EST, 2001.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RADLEY, Allan. Artefacts, memory and the sense of the past. In: MIDDLETON, David e EDWARDS, Derek (orgs.). **Collective remembering**. Londres e New Dheli: SAGE Publications, 1994.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. UNICAMP: Campinas, 2007.

RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. O complexo de elegância. In: Anais do 7º Colóquio de Moda, 2011. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda\\_2011/GT08/Comunicacao-Oral/CO\\_89852O\\_Complexo\\_da\\_Elegancia.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda_2011/GT08/Comunicacao-Oral/CO_89852O_Complexo_da_Elegancia.pdf)

ROSSATO, Janine. A vontade de lembrar e a vontade de esquecer In: MAGALHÃES, Aline Montenegro e BEZERRA, Rafael Zamorano (orgs.). **Museus nacionais e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011.

SANTOS, Rita de Cássia Greco e VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet Vargas. Colégio Santa Joana d'Arc: uma narrativa histórica acerca da escola complementar e da primeira escola normal de Rio Grande. In: IX ANPED SUL – **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**.

SANTOS, Liliane Bispo. Musealização como estratégia de preservação: estudo de caso sobre um previsor de marés. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 5, n.1, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: NOVAIS, Fernando A [org.]. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Flavio Leonel A. e LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

SOARES, Bruno e SCHEINER, Tereza. A chama interna: museu e patrimônio na diversidade e na identificação. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 1, jan/jun 2010.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. As origens do Museu. In: **Revista Museu**. Abril de 2013. Disponível em: [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_esp?id=36031](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_esp?id=36031). Acessado em 17 de outubro de 2014.

SOUZA, Maria Helena R. R. 2009. Pessoas, lugares momentos. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2009/09/27/pessoas-momentos-lugares-notas-226963.asp>. Acessado em 15 de agosto de 2013.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2. ed. 2000.

STVENSON, Nj. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: **Projeto História**. São Paulo (17), abril, 1997.

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la mémoire. In: DEBARY, Octave e TURGEON, Laurier. **Objets e mémoires**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007, pp. 13-32.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação Museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 124 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

## **Jornais**

BASTOS, Ângela. Um exemplo de amor ao magistério. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 21/07/1991. Estado, p. 50.

Ensinando História da Arte, d. Lyuba revive a experiência da visita aos Museus de Paris. Jornal Diário de Notícias, Porto Alegre, 15/04/1962.

FURG concede à dona Lyubá Duprat título de professor “Honoris Causa”. Jornal Agora, Rio Grande, 04/04/1992.

HANCIAU, Nubia. Lyuba Duprat. O Peixeiro, Rio Grande. 24-25 de junho de 2000. Sem página.

Lyuba Duprat voltou para doar conhecimentos em História das Artes. Jornal Folha da Tarde, Porto Alegre, 23/04/1962.

LEME, Eunice. Morre professora que dedicou 77 anos de vida ao magistério. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 18/10/1994, Geral, p. 38.

Liubá Duprat (1900-1994). Jornal Agora, Rio Grande, 18/10/1994, p. 1.

Liubá Duprat fala para os ouvintes da Universidade FM. Jornal Agora, Rio Grande, 22-23/10/1994, p. 8.

SILVA, Maria Cristina Viña Gomes da. Lyubá Duprat. Rio Grande em Fatos Revista, Rio Grande, 1994, Perfil, p. 5.

## **Documentos**

ALMEIDA, Tabajara. Carta em homenagem a Lyuba Duprat. 17/10/1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

BÉLANGER, et al. Correspondência para o chefe do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 1991.

DUPRAT, Lyuba. A Revista de 14 de julho de 1916. Manuscrito. Disponível para consulta na Salle de Documentation Lyuba Duprat – FURG.

DUPRAT, Lyuba. Minha viagem de França ao Brasil. Sem data. Manuscrito. Disponível para consulta na Salle de Documentation Lyuba Duprat – FURG.

HANCIAU, Nubia. Texto de inauguração da Sala de Documentação Lyuba Duprat: Homenagem à Lyuba Duprat, 17/10/1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

HANCIAU, Nubia. Breve depoimento escrito para Olivia Nery, janeiro de 2015.

## **Entrevistas**

Berenice Heloísa Avancini. Rio Grande/ RS. 03 de dezembro de 2013. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery.

Cleusa Almeida. Porto Alegre – Rio Grande/RS. 18 de fevereiro de 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery e realizada através do programa Skype (conversa online).

Flavio Hanciau. Rio Grande/RS. 18 de janeiro de 2015. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery.

Lyuba Duprat. Rio Grande/ RS. Julho de 1991. Entrevista concedida à Rádio Universidade – FM, Programa Memória, Jornalista Willy César.

Nubia Hanciau. Rio Grande, RS. 03 de fevereiro de 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery.

Regina Carmem Dolci. Rio Grande/RS. 18 de dezembro de 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery.

Ricardo Antônio Soler. Rio Grande/RS. 07 de março de 2013. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery.

Tabajara Lucas Almeida. Porto Alegre – Rio Grande/RS. 18 de fevereiro de 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery e realizada através do programa Skype (conversa online).

## APÊNDICE 1

Nome completo	Profissão	Dia da entrevista, local	Relação com a professora Lyuba Duprat
Berenice Heloísa Chiesa Avancini	Professora aposentada do Estado Atual proprietária de loja comercial	03/12/2013 Loja da entrevistada Rio Grande, RS	Ex-aluna e vizinha <i>“Eu conheci a Lyuba há mais de 50 anos, quando em vim morar em Rio Grande, eu era uma menina ainda, eu tinha feito a Aliança Francesa e meu pai era gerente de banco. E ela foi falar com o meu pai, não sei se ela tinha conta... foi falar com meu pai, e ele falou para ela “Ah, a minha filha mais velha gosta muito de francês. Quando eu viajo, sempre trago livros para ela, ela se interessa muito pelo francês”. [...] e ai ela disse “Ah é? Eu quero conhecê-la...”. E eu morava em cima do banco, ali na Marechal, em diagonal com o Banco do Brasil, então meu pai pediu para eu descer, eu estava em casa, eu descí e conheci ela ali, naquele momento”.</i>
Cleusa Ivety Rises de Almeida	Professora universitária aposentada	18/02/2014 Entrevista realizada via Skype – conversa online em conjunto com Tabajara Porto Alegre, RS – Rio Grande, RS	Ex-aluna, amiga <i>“Foi quando eu soube que existia uma professora em Rio Grande, e as notícias sobre ela é que ela era uma pessoa muito rígida, muito... às vezes até rude com os alunos, que a gente tinha que ter um pouco de estrutura pra ser aluno dela. Essa foi a minha primeira falsa impressão [risos] Então a gente foi lá, a Cleusa minha mulher foi junto, a gente começou a fazer aula com ela. E descobrimos descobriu que ela era uma pessoa extremamente culta, na verdade muito cordial e muito refinada no tratamento conosco”.</i>

Tabajara Lucas de Almeida	Professor Universitário aposentado	18/02/2014 Entrevista realizada via Skype – conversa online em conjunto com Cleusa Porto Alegre, RS – Rio Grande, RS	Ex-aluno, amigo <i>“Foi quando eu soube que existia uma professora em Rio Grande, e as notícias sobre ela é que ela era uma pessoa muito rígida, muito... às vezes até rude com os alunos, que a gente tinha que ter um pouco de estrutura pra ser aluno dela. Essa foi a minha primeira falsa impressão [risos] Então a gente foi lá, a Cleusa minha mulher foi junto, a gente começou a fazer aula com ela. E descobrimos descobriu que ela era uma pessoa extremamente culta, na verdade muito cordial e muito refinada no tratamento conosco”.</i>
Flavio Hanciau	Professor Universitário aposentado e Médico Cirurgião Ortopedista	12/01/2015	Ex-aluno, amigo <i>“Eu conheci a Lyuba logo que cheguei a Rio Grande, em 1966. Eu já havia terminado em Porto Alegre a Aliança Francesa, tive ótimos professores, e não conhecia nenhuma professora ou escola de francês em Rio Grande. Eu não me lembro de quem me apresentou a Lyuba, mas me lembro de que foi numa aula de História da Arte dela, aí claro quando eu tive o primeiro contato, foi uma empatia muito grande”.</i>
Nubia Tourrucô Jacques Hanciau	Professora Universitária aposentada	03/02/2013 Salle de Documentation Lyuba Duprat – FURG Rio Grande, RS.	Ex-aluna, amiga e fundadora da Salle de Documentation Lyuba Duprat <i>“Foi no início da década de 1970, quando eu era aluna do curso de Letras Francês/Português, que fui apresentada à Lyuba Duprat, mademoiselle Duprat, como preferia ser chamada. Ela estava pelos seus setenta anos (nasceu em 1900), eu pelos vinte e poucos. Eram raras as oportunidades de falar francês em Rio Grande fora da Universidade, então fui ter</i>

			<i>“lições” com Lyuba, o que faziam aquele(a)s que, na Noiva do Mar, queriam “se cultivar”, apreender ou praticar o idioma de Molière [...]”</i>
Ricardo Antônio Soler	Professor Universitário aposentado	07/03/2013 Residência do Entrevistado Rio Grande, RS	Ex-aluno, amigo e inventariante <i>“Eu comecei a ter aula com ela em 1973, tive uns dois ou três meses de aula, depois parei porque fui servir no exército, fui pro Rio e em 77 eu reiniciei as aulas, ai foi de 77 até ela morrer. Ela dava aula de história da arte aos sábados a tarde, nós éramos um grupo das duas às três horas, ela dava aula porque ela queria compartilhar esse conhecimento dela, deixar um pouco desse conhecimento. E eu acho que ela conseguiu, quem esteve com ela tem essa imagem”.</i>
Regina Carmem Cunha Dolci	Professora aposentada	18/12/2014 Residência da entrevistada	Ex-aluna, amiga <i>Eu a conheci quando eu tinha 17 anos eu já estou com 67, foi quando eu entrei para o segundo grau, porque eu sabia que eu queria fazer letras, mas eu não tinha escolhido se era francês ou inglês, mas achava que era francês. Aí me falaram, “Ah tem essa professora” Porque na realidade todas as pessoas pensavam que ela era francesa mesmo, pelo nome e tudo... mas depois, claro, com a convivência a gente descobriu que era brasileira, mas tinha estudado muito tempo na França.</i>



## APÊNDICE 2

26/02/2015

Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel

[Edit this form](#)

### *Pesquisa para Dissertação de Mestrado na UFPel*

Esse formulário faz parte da pesquisa de Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

\* Required

**Você foi estudante do curso de Francês da FURG? \***

**Sexo**

**Quando se formou?**

**Você sabe quem foi Lyuba Duprat?**

- Não, nunca ouvi falar.
- Já ouvi falar, mas não sei quem foi.
- Sim, sei quem foi.

**Se a resposta for sim, de onde conhece?**

- Da Salle de Documentation Lyuba Duprat
- Do Museu da Cidade do Rio Grande
- Other:

**Você conhece a Salle de Documentation Lyuba Duprat?**

- Não, nunca ouvi falar.
- Sim, mas nunca entrei.
- Sim, já visitei.

**Se a resposta for sim, como conheceu o local?**

- Já passei por lá.
- Durante uma visita
- Realização de pesquisa

Other:

**Quando foi a última vez que visitou o local?**

Ano

**Caso conheça a Salle de Documentation, você sabe se existem objetos de Lyuba Duprat no local?**

- Não, nunca vi.
- Não me lembro
- Sim.

**Se você se lembra dos objetos, quais seriam eles?**

Submit

*Never submit passwords through Google Forms.*

Powered by

This content is neither created nor endorsed by Google.

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)